

rãdice LUTA & PRAZER

ANO I Nº 2, 100.00 SET '81
ESTE JORNAL TRAZ O NOVO. A VIDA. EXPERIMENTE

Agora no Brasil

PORNO-SHOPS



VOCÊ
TRANSARIA
COM ESTA
MULHER POR
Cr\$ 5.830,00 ?

Damos o endereço na Pág. 18

Reflexão

PALOMA,
FILHA
DE GLAUBER,

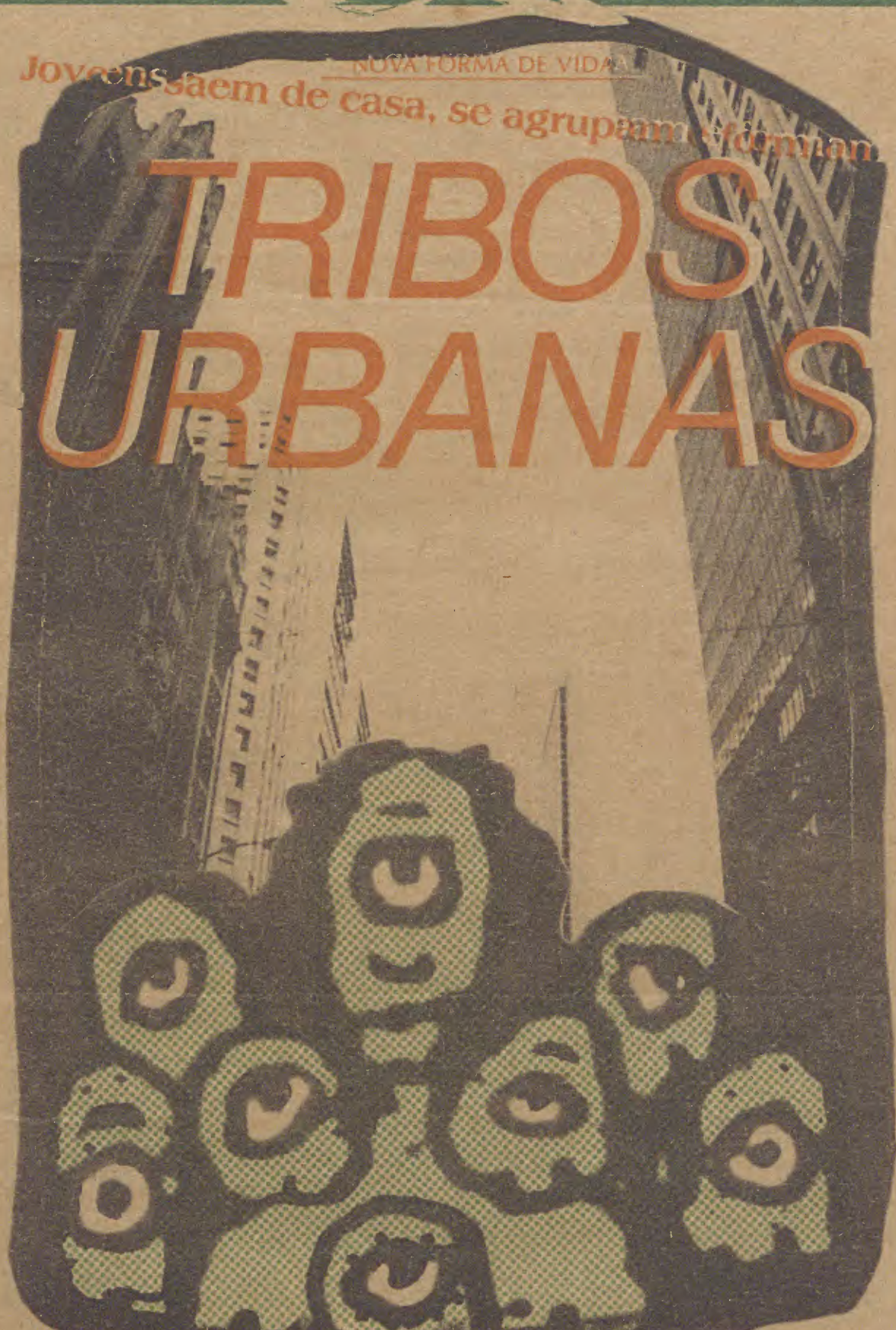


FALA DE
GLAUBER, PAI
DE PALOMA

Depoimento sentido na Pág. 17

NOVA FORMA DE VIDA
Jovens saem de casa, se agrupam e formam

TRIBOS URBANAS



Entrevista

BOAL, COM DEZ
PESSOAS EM
CIMA, AFIRMA:



EU MATEI O
TEATRO GREGO

Na verdade ele não falou bem isso.
Pags. Centrais 14 e 15

Crianças

LEBOYER
DESCOBRE
MASSAGEM:



SHANTALA
E AS MÃOS
LUMINOSAS

Na Pág. 20, a história

A PSICANÁLISE TEM UM CLUBE COM 79 SÓCIOS E SEM PISCINA! Novela no ESPALHAFATO
E TEM MAIS: SONHOS MUITO DOIDOS (Pág. 22) EMOÇÕES BARATAS
(Pág. 23) TEATRO TERAPÊUTICO (Pág. 16) DEFESA DO CIDADÃO (Pág. 13)
PSICOLOGIA NA FAVELA (Pág. 17) CÊ RALPH - RITA KEHL - SIRKIS

EDITOR GERAL — Carlos Ralph Lemos Viana

EDITORES — Aduari Bastos, Amanda Strausz, Marcos Moreira

ARTE/DIAGRAMAÇÃO — Mauro Carvalho, Renato Aguiar, Ruben Fernandes

FOTOGRAFIA — Juliano Serra, Marcello Lipiani

ILUSTRAÇÃO — Evandro Salles, Miguel Ângelo, Luiz Trimano

REVISÃO — Amanda Strausz

REDAÇÃO/RIO — Ana Cristina Andrade, Camilo do Espírito Santo, Eduardo Horta, Eugênio Marer, Eugênio Viola, Fernando Pessoa, Jorge Luiz Joaquim, Jorge Velloso, José Luiz Thadeu, Leandra Iglesias, Libe Beigel, Luciana Bicalho, Luiz Sarmento, Pedro Castel, Tulka, Valéria Pereira, Vera Linh.

REDAÇÃO/SÃO PAULO — Gino Xavier, José Maurício de Oliveira, José Tadeu Arantes, Lúcia Villares, Luciana Pereira, Magali Mussi, Maria Rita Kehl, Mônica Engelbrecht, Ulisses Tavares.

REDAÇÃO/BELO HORIZONTE — José Estanislau Vilela, Luiza Villaméa Cotta, Ricardo Amaral, Waldemar Valverde

CORRESPONDENTES: Fortaleza —

Frederico Abintez; Natal — Roberto

Hugo Bielchowsky; Recife — Caesar

Sobreira, Edvaldo Pena Jr., Kilma Valen-

ça; Macelo — Afonso da Fonseca; Sal-

vador — Benê Simões, Lígia Portela,

Paloma Rocha; Brasília — Cely Bertoluo-

si; Lajinha — Hiran Pinel; Petrópolis —

Luiz Antônio Mamede, Fernando

Albuquerque; Londrina — Carlos

Sahyun; Florianópolis — Margarete

Fletes; Porto Alegre — Ademir Becker,

Doris Blesman, Paulo Slomp, Analice

Palombini, Humberto Cavalcanti, Edson

Souza, Kátia Frizzo, Paulo Fagan;

Pelotas — Cláudio Gastal, Jorge Ferras.

PUBLICIDADE Rio Jorge Velloso (tel.: 242-0126),

São Paulo, Nelson Lopes (tel.: 66-8886),

Belo Horizonte Espaço (tel.: 463-3559)

COMPOSIÇÃO, FOTOLITO E IMPRES-

SÃO — Gráfica Editora Jornal do Comér-

cio S/A

DISTRIBUIÇÃO — Fernando Chinaglia

Distribuidora S.A. — Rua Teodoro da Sil-

va, 907 — Rio (exclusivo para todo o

Brasil)

RADICE LUTA & PRAZER é uma pu-

blicação da Radice — Editora e Co-

municações Ltda.

Rua da Lapa, 180/504-505, Rio de

Janeiro, Cep 20021. CGCMF

27.587.401/0001-46. Insc. Est.

81.422.591

RADICE LUTA & PRAZER não aceita

matérias pagas que possam ser con-

fundidas com matéria redacional * Os ar-

tigos assinados são de responsabilidade

de seus autores * Não reservamos di-

reitos, podendo nossas matérias ser

reproduzidas à vontade, desde que citada

a fonte.

PRÓXIMAS ATRAÇÕES

Neste palco iluminado do jornalismo independente, via LUTA & PRAZER, temos a satisfação de apresentar nossos assuntos para a próxima edição. Than, than, thannnn.

VIDA DE ARTISTA

LOUCURA FEMININA

PSICOLOGIA

DO DESEMPREGO

COOPERATIVAS

EM DEBATE

O SEXO FEMININO NO PT

REFLEXÕES SOBRE O
HOMEM NOVO

E mais, muito mais...

E com nossas charmosas seções, invulgaras editoriais, lindos anúncios, completaremos mais um espetáculo escrito em papel jornal.

O espetáculo não pode parar!

Dia 22 de outubro nas bancas. LUTA & PRAZER pra você.

2 LUTA & PRAZER

Cê Ralph

O Sertão Vai Virar Mar?...

Das conhecidas formas de cartão postal do Palácio da Alvorada saem dezenas de populares com sacos de arroz, feijão, farinha, às costas. Atravessam as linhas da Central do Brasil sem olhar para os lados. Estraçalham, famintos e revoltados, as portas dos acanhados armazéns de subúrbio. Pilham, gritam, não obedecem a nada. Crianças riem e acompanham aquele movimento descoordenado de homens e mulheres que carregam tudo que encontram à frente. Também elas saqueiam, num misto de brincadeira e imitação. Os únicos lugares poupados são as lojas comerciais que ostentam a bandeira nacional recobrimdo a porta. "Ordem e Progresso", o símbolo é mais forte e estanca as pessoas que, na prática, desobedecem o ensinamento. É o banquete dos mendigos, da população desesperada; o caldeirão é fervente.

A cena, aparentemente surrealista, digna de um delirante filme de Glauber Rocha, aconteceu. As Casas Sendas de São João de Meriti, em arquitetura modernosa brasileira, era o cenário. Os trens da Central não passaram — era dia de greve — e os armazéns provavelmente não existem mais, derrotados pelos monstruosos e favorecidos supermercados. A data, 1960 ou 61, ou mesmo por aí. Na vila de casas de pequena classe média o burburinho era geral. Pessoas assustadas concordavam com os populares ou não, mas todos estavam indignados com o governo, por vários motivos, desde pela ausência de uma repressão feroz, até pela compreensão do porquê do estouro desesperado daqueles seres famintos.

O que falou a imprensa, não sei; guardadas ficaram as fotos realistas das páginas de "O Cruzeiro", do "Correio da Manhã". Passou a tempestade e nada ficou igual, pelo menos para os assustados detentores de privilégios. A reação desses setores, todos conhecemos, e vivemos, nestas duas décadas de muita ordem, muita ordem, excessiva ordem. A situação daqueles que roubavam o feijão farto de seus sonhos, só piorou. O progresso foi planejado, concentrado, mas o sonho não acabou. "Todo

homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar". Declaração dos Direitos do Homem, necessidade para a vida.

A fúria do cordato homem brasileiro está aí, nos amassados ônibus de Salvador, nos futuros quebra-quebras que ocorrerão pelo desespero dos que não têm como nem de onde tirar o suficiente para a sobrevivência. O desemprego cresce vertiginosamente, a miséria se alastra, a dificuldade da vida é conversa de todo e qualquer lugar. O temor pelo futuro é idêntico ao do presente, só que agora é pior. A insegurança é a tônica, o medo é o estado comum, a psicologia do homo brasiliensis.

Do Planalto não saem respostas, nem cidadãos com sacos de arroz ou feijão, somente milagres do mesmo e gordo pai que ri e solta piadas da realidade brasileira. Buscam-se fórmulas, inventam-se pacotes e eleições, come-se bem, com enormes mordomias, ao largo dos lagos. É um outro país. Exilados — nós ou eles? — desconhecem-se mutuamente, e a vida-morte corre.

Messiânicos percorrem o país, latinhos de executivos também. O luxo aviva-se, as orgias são enormes. Em tempos de crise como se diverte, não? Os viadutos superlotam-se. Em clima, os últimos lançamentos da indústria automobilística nacional (o marketing diz que o negócio são carros para a classe A), embaixo, os desempregados da mesma indústria. Tudo numa corrida só, desenfreada. Capitalismo selvagem é isso: freios para que os quero?

Neste vale tudo, muita dor, sofrimento, morte. Mas muita coisa para cima também. Há muito que a sociedade brasileira não se vê tão viva, tão aberta, tão dinâmica. As pessoas estão mais juntas, tratando mais de si e de seus problemas. O delírio é coletivo. Pode ser prenúncio do inusitado, do que ninguém diz, nem sabe o que é. Para que saber?

Das conhecidas formas de cartão postal do Palácio da Alvorada saem dezenas de populares com sacos de arroz, feijão, farinha, às costas...

Rita Kehl

Ocupar Espaços, Tomar a Pátria

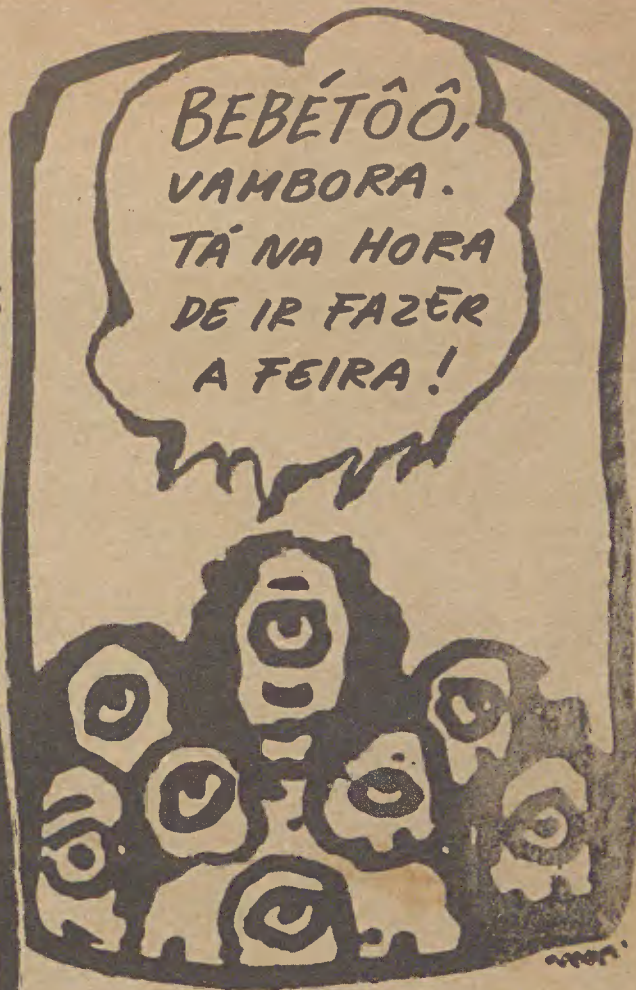
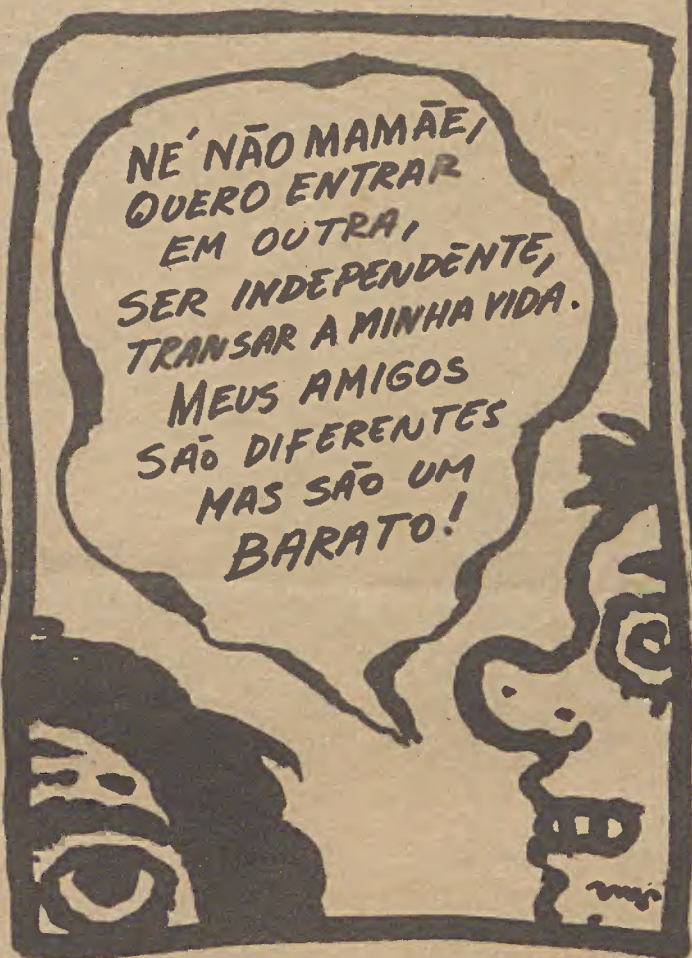
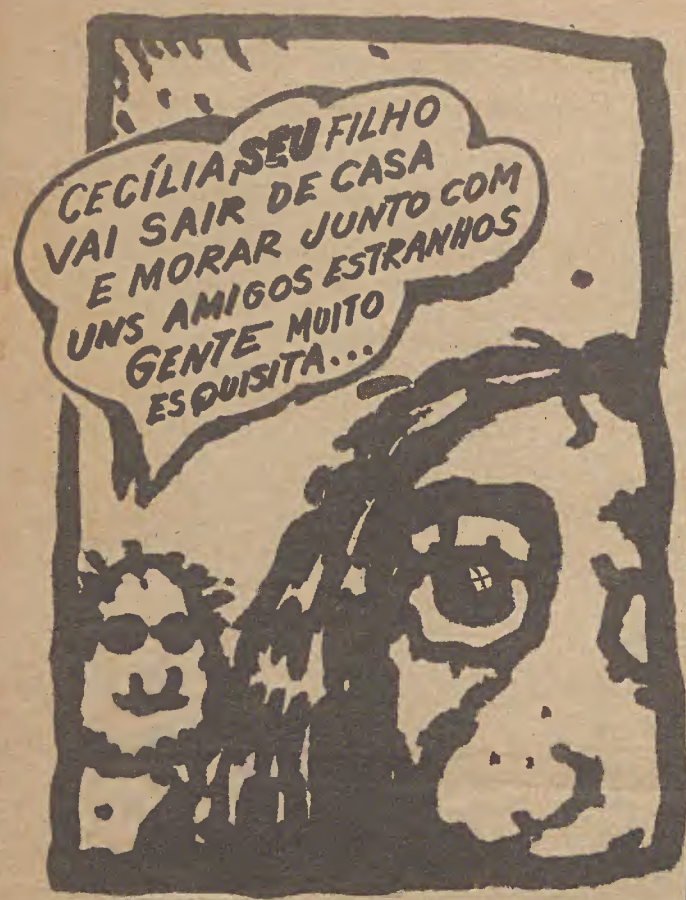
A Invasão das terras da fazenda Itupu na zona sul de São Pedro, de propriedade do Ipase (Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores Federais) começou na véspera do sete de setembro. Três mil pessoas ocuparam os 28 alqueires ociosos que estavam servindo à especulação imobiliária, lotearam a terra com justiça e dispuseram-se a resistir a toda e qualquer forma de repressão. Uma mulher disse aos jornalistas: "vou lutar por essa terra como se fosse numa firma aonde trabalhei: das sete da manhã às sete da tarde vou ficar de plantão aqui, até meu marido chegar do serviço". Luta de tempo integral. Luta impossível de ser dissociada do prazer e da vida — luta pela vida. Terminou no fim da semana quando um contingente policial muito mais numeroso e armado que os ocupantes da terra chegou ao local para conseguir uma "solução pacífica" para o caso. Os posseiros foram embora. Uma luta pelo direito à vida não pode se transformar em suicídio coletivo.

Terminou mas não terminou. Glebas menores vêm sendo ocupadas todas as semanas na cidade e no campo, com maior ou menor destaque por parte da imprensa e da repressão. Na zona Leste, também no dia sete de setembro, um operário/posseiro brincou: "enquanto eles lá festejam, nós aqui vamos tomando a pátria"... Foi um grande toque pra mim, no momento em que começo a me envolver com um projeto de jornal que pretende reasociar coisas aparentemente antagônicas — luta e prazer, transformação e curtidão, política e vida, batalha e alegria, solidariedade e tensão, e por aí afora. É tomar a pátria, ocupar os espaços geográficos e sociais, recuperar a dimensão estética da vida, o direito ao belo e ao alimento. O direito aos frutos do nosso trabalho, como disse o presidente da Contag.

Mas sozinha eu não posso porque sou frágil e insignificante diante do poder. Sozinha poderia eventualmente até mesmo chegar ao poder — há quem chegue — mas

não se trata disso. Não quero o poder, quero a possibilidade. É um lance de amor, de paixão e por isso não pode ser solitário (o poder é solitário). É ser com os outros. Tomar a vida nas mãos e em conjunto porque só assim a vida é mais: transcende a morte. Ocupar as terras, os supermercados, as praças, as áreas cercadas por condomínios fechados, os cinemas as redes de televisão do Silvio Santos e do Roberto Marinho, as gráficas, as fábricas, as estradas de ferro, o bondinho de Santa Teresa e o Pão de Açúcar. Ocupar o tempo. Poetizar as vinte e quatro horas do dia enquanto transo meu filho, me apaixono, planto morangos e cozinho pão.

Mas sozinha nada posso e é por isso que preciso aprender a me lidar. A ocupar o espaço e ao mesmo tempo ceder espaço ao outro. A trabalhar e lutar junto com meus-iguais — os da mesma classe social, mesma cultura mesma tribo — mas também junto aos que são diferentes de mim e ultrapassam/questionam os limites do meu narcisismo pequeno burguês. Pequeno. Quem me ensinará? Os posseiros urbanos que souberam lotear a terra com mais justiça que os governantes? Os sindicalistas do ABC que inauguraram um momento novo neste país e outro dia estiveram num debate no Teatro Oficina apoiando o Zé Celso e os produtores de arte e cultura em sua luta por condições de trabalho? Os índios? As prostitutas que deram uma surra no Richetti quando ele tentou agredir e prender uma delas? Os estudantes? Os integrantes da Quilombo e da Belja Flor? O povo do Movimento contra Cereja da Bahia e de Belo? Quero aprender e tenho pressa porque sinto que os homens estão se armando outra vez e se a gente não se cuidar, da pouca abertura que conquistamos só vão sobrar as salas especiais para filmes pornô importados. E nós, pretendentes a intelectuais e artistas vamos estar outra vez condenados a viver diante do espelho.



TRIBOS URBANAS

Do asfalto das grandes metrópoles brota uma nova forma de família.

Jovens vão à luta e enfrentam o desafio de viver o dia a dia

com independência e criatividade. O sonho é retomado com ousadia.

Imagine-se nu em algum lugar, e sozinho. Continue na imaginação, acrescentando os fatos de você não ter casa, comida, talão de cheques, cartão de crédito, cobradores, carro — enfim, toda essa parafernália que nos dá direito a nos considerarmos civilizados. Coloque uma floresta no lugar de nossa selva de cimento armado. Ah, lá esquecendo, acrescente uns animalzinhos pré-históricos, doidinhos pra te comer. Literalmente. O que você faz?

Val procurar sua tribo, irmão. E rapidinho. Para juntos multiplicarem suas forças e se defenderem do ambiente hostil, além de gozar da companhia de outros seres de sua mesma espécie. Foi o que aconteceu. (Essa primeira estrutura não inclui laços de parentesco, somente a necessidade de sobreviver, entendido?)

Bem, voltando à floresta. Conforme o homem foi dominado os meios para produzir o que necessitava foram diminuindo os perigos que os outros animais representavam e aumentando também a quantidade de coisas que produzia. A família primitiva data desta época,

pela necessidade de se passar este acúmulo a alguém que descendesse diretamente do "grande provedor", ou seja, do pai. O poder paterno firmou-se pelo patrimônio e estendeu-se a todos os domínios. Daí para as nossas famílias foi um pequeno salto.

A família teve várias linhas e etapas de evolução, mas a que vinhou mesmo foi a que conhecemos. Principalmente porque ao se juntarem, pelos mais diversos interesses, ganhou grande poder e impôs seu modelo às menos "preparadas".

A NOVA SELVA, OS NOVOS ANIMAIS

Solte sua imaginação e passe a andar em terreno simbólico. Hoje você está nu, insatisfeito, ameaçado, acuado nesta selvageria plástica e contábil. As relações são difíceis, muito jogo de dominação, e a vida está braba. Estão querendo te comer, sugar seu cérebro, secar sua sensibilidade. Os animais de hoje são outros, mas não é a toa que são indetificáveis com tubarões, gorilas, falcões, "pigs". Você às

vezes pára e sente que estão te consumindo. Ou violentamente, pela imposição, ou "pelas beirinhas", quando te ganham ideologicamente em troca de recompensas coloridas. Em suma, você se sente só e os animais estão a fim de te comer. O que que você faz?

Val procurar a sua tribo, irmão. E rapidinho. Que a barra está pesada e a vida é uma só. Junto com outros, quem sabe não se faz algo novo, uma nova forma de viver, de se relacionar, de evoluir no sentido do humano.

É o que estão tentando fazer, um grande número de jovens que, por vários motivos, romperam com a tradição de só sair de casa para casar. Já pode se dizer que é um movimento, ainda que restrito aos oriundos da classe média. Movimento sem ordenação, diretoria, ou estratégias. Uma onda que se propaga de boca a boca, de corpo a corpo pelas grandes cidades deste nosso contraditório país.

DA CLASSE MÉDIA PARA O MUNDO

A origem de classe não é sentida

como um peso, como nos antigos grupos de militância política, onde se desencavava com orgulho, da genealogia familiar, um tio-avô sapateiro como prova de sangue proletário na família. Esta origem não está interessando mais, o presente é outro. E este é vivido no dia-a-dia como os sonhos do futuro. Exercitando-se a fraternidade. Os valores adquiridos são trocados na prática cotidiana, com grande esforço e segurança. Mas sempre remando, pro barco não parar.

É inevitável relacionar as tribos de agora com as comunidades de década de 60. E sem dúvida, tem muita coisa a ver, mas com características bem distintas, como se tivesse havido uma reflexão coletiva sobre aquelas experiências pioneiras. A dialética coletivo-individual está mais resolvida, sem imposições; o clima místico de eleitos do mundo, ou "a nova geração" (na época, de Aquarius) diluiu-se na realidade concreta da sobrevivência. Os tóxicos não são mais vistos como trampolins para a libertação sensorial (que, de resto,

LUTA & PRAZER 3

não era tão visto assim naquela época), e a volta para o campo não é mais um movimento irreversível.

As tribos urbanas são mais soltas, aparentemente, e impõem menos um determinado padrão de conduta, ou crença. Vive-se em comum, a princípio, para viabilizar um anseio de independência. Sair da casa dos pais exige uma infra que custa caro; se compartilhada com outros torna-se possível o corte do cordão além de segurar a barra emocional. A partir daí, pode-se evoluir na afetividade e no trabalho comum, propiciando um grande envolvimento entre as pessoas. E a formação de uma "nova família", com valores, ideais e características totalmente distintas das "lá de casa".

UMA FAMÍLIA ETERNA ENQUANTO DURE

O valor da eternidade é substituído. Sal do religioso "até que a morte nos separe", para o "eterno enquanto dure". É daí uma outra grande diferença com as antigas e conhecidas repúblicas de estudantes. Ali vivia-se o tempo programado para se fazer o curso e algumas loucuras, que seriam incorporadas ao acervo de histórias a serem contadas aos filhos e netos. Era ótimo, sem dúvida, mas sem a conotação de opção por uma nova forma de vida. Era um apêndice diferente que ninguém julgou necessário extirpar. Do tipo benigno.

Mas as tribos tem outras histórias. E enfrentamentos. Não é "coisa de estudante", simplesmente, mas algo que bate mais embaixo da linha de cintura do sistema. A começar que os valores de consumo não valem muito por aí. Vive-se com muito pouco, e bem. Divide-se quase tudo, numa época em que a multiplicação é a grande aspiração. Com isso racionaliza-se despesas e sal tudo muito mais barato. Com 12 mil mensais mora-se bem, em lugar confortável, em bairros centrais, incluída a alimentação. É claro que o Delfim trabalha contra e esses valores são constantemente reajustados, mas mesmo assim é infinitamente mais barato. E possível.

Nessas tribos é comum o entrelaçamento de atividades. E de relações afetivas. Percebe-se que não são movimentos de negação aos valores, a afirmação de um modelo baseado nas relações reais

a.c. Kehi Juliano

de companheirismo e não de laços sangüíneos. É também a procura de respostas, nas grandes cidades, para o isolamento, a falta de contato, diálogo. É como se o homem, por não precisar mais dominar seu meio ambiente, passe a voltar sua agressividade contra si próprio e seus semelhantes. Nas tribos procura-se este espaço de resposta; em vez de relações agressivo-dominadoras, relações sensuais-relaxadas.

PÔ, MAS COMO É DIFÍCIL

Mas nem tudo são flores e poesia. Como toda proposição nova, contém em seu interior o velho, e assim há grandes dificuldades em se transar integralmente este novo projeto de vida. Desvios? Todos os que tiverem direito. À direita, à esquerda, acima, abaixo. É o pai que aparece encarnado na figura de qualquer um, no encargo de ser chato, cobrando atitudes e

contas. Ou o moleza, que é incapaz de tomar qualquer iniciativa e fica sempre no aguardo de uma ordem ou resolução. Ou são os pratos, sujos e na pia, que ninguém toma ânimo de lavar. Autogestão aprendida na prática. Um bando de filhos de papai que alugam uma enorme casa e passam a lidar no real com questões nunca antes pensadas. "Não sabia que tinha tanto imposto." E muito mais. Lição de vida, aprendida junto. Muitas desistências, brigas, confusões. Dá trabalho viver assim, mas dá prazer também, e o movimento das tribos urbanas é crescente, principalmente nos grandes centros, como Rio, São Paulo, Belo Horizonte, etc. E vai crescer mais, é o que parece.

UM PASSO ATRÁS E DOIS À FRENTE?

Em todo processo de transformação social, em determinado momento recuamos a um ponto anterior, para um grande avanço subsequente. Não serão essas comunidades de jovens uma tentativa de retorno às tribos primitivas? Num momento em que os meios de comunicação e transporte chegam a estágios de desenvolvimento incriveis, tornando extremamente fácil estar com as pessoas, ou falar com elas, não serão as comunidades a expressão do medo de assumirmos um novo "formato" de relações, muito mais "solta" e pelas quais cada um é muito mais responsável — quando quero me relacionar, ligo e estou em sua casa em poucos minutos. (É bom não esquecer que no começo do século levava-se 3 dias para se ir do Rio a São Paulo!).

Ou é uma vertente, nova e dinâmica, do esquema familiar, com opções de irmãos, companheiros, privacidade, participação? Pode ser a diversidade instalada na prática. Não existe mais um só tipo de família, estão surgindo outros, etc...

Ou pode ser...

Estes papos são intermináveis; é soltar a imaginação. Assim como quando começamos este texto. Assim como começaram a viver juntos essas pessoas que montam as novas tribos das cidades. Afinal, o sonho acabou. Está agora sendo vivido muito perto de todos nós.

CÊ RALPH / EUGÊNIO MARER

ÍNDIOS PINTADOS DE BRIM

Essa é uma gente nova. De ótimo astral. Estão de bem com a vida, batalham dentro dela, tentam as transformações externas e internas com simpatia, garra, ousadia. Vivem como é possível, dentro do aperto geral. São solidários. Que beleza!

Formam troupes, tribos, comunidades. Vivem compartilhando sonhos, moradia, dificuldades, pasta de dentes, meias e, eventualmente, amores. Arriscam. Jogam-se dentro de si, do outro, da sociedade. Pe sam, repensam seu estar no mundo, o viver com outras pessoas. Investem no humano, nas relações.

Isto tudo em meio a mil painéis sujos,

toalhas molhadas, confusões, reuniões, apertos, luz acesa, falta de grana, contradições, fome e muita alegria. De estar passando por tudo junto.

Mas haja saco para agüentar uma vida comunitária. Tem horas que dá vontade de largar tudo, voltar pra casa do papai, ou alugar um cantinho do tamanho do corpo, ou casar no estilo dois pra lá, dois pra cá. Muitos largam, mas a lembrança da vida tribal é quase sempre boa.

É uma parada, gente. Tem que se ganhar espaços, ceder espaços, discutir de montão, negociar. Aprender limites, sacar, marcar privacidade, trabalhar. Estar atento pro outro, ficar atento pra si, pagar

as contas. E isto, todo dia diferente. Com violões e cantorias incríveis. Biritas, baseados, papos íntimos ou inflamados, altas trocas de ideias.

E festas. UAU, como a casa está cheia! Mas quase sempre está cheia. Os amigos sempre frequentes, engrossam as tribos no dia a dia. Integram-se nos círculos concêntricos que se formam em torno dessas moléculas de vida ativa. E entram e saem, as vezes até em excesso, torrando um pouco. Mas faz parte.

Viver comunidades. Das urbanas, de classe média; com nervosismo e eletricidade; pulsação constante; agilidade; motores, fumaça. Tribos, flores do asfalto,

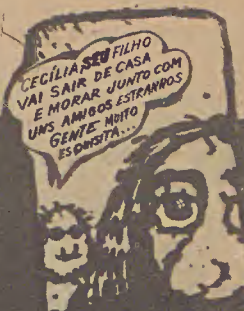
incrível experiência de vida. Proposta de transformação. Opção.

A diversidade encontra espaço no berço da célula-mater de nossa sociedade. Vive-se diferente a experiência da família. Escolhem-se irmãos e mantêm-se coisas maravilhosas, como a coisa coletiva. A sua casa são todas elas. Entre, chegue-se, há sempre lugar pra mais mil. A casa é nossa.

Do coração do coração das grandes cidades pode estar surgindo uma grande família. Índios pintados de brim, calçados de tênis, com cocares de ideias e brincos na orelha. Cores, esperança.

CÊ RALPH

MORAR JUNTO É ...



MORAR JUNTO É...

UM JOGO. NÓS FAZEMOS E SOMOS AS REGRAS;
UM ESPAÇO. NÓS O CRIAMOS A CADA MOMENTO
OU NÃO, O QUE TAMBÉM É UMA MANEIRA DE
JOGAR O JOGO;
UMA BUSCA DE TRANSPARÊNCIAS E A PRODU-
ÇÃO DE NOVAS AMBIGUIDADES;
MAIS QUE ISSO, SIMPLEMENTE O QUE É EM
SUA SIGNIFICAÇÃO MAIS IMEDIATA E TRANS-
PARENTE. MORAR JUNTO:
O QUE HÁ DE REPRESSIVO NISTO?
TALVEZ O MEDO DE CRIARMOS AS REGRAS DO
NOSSO JOGO E OCUPARMOS ESPAÇOS. DE PER-
CEBERMOS QUE TUDO É POSSÍVEL, ATÉ BO-
TAR A BOLA DEBAIXO DO BRAÇO E IR BO-
RA, E OUTROS FIGUEIREDISMOS DO GÊNERO.
TALVEZ, A REPRESSÃO DAS TRANSPARÊNCIAS
A FANTASIA. MAS ESSE É UM PROBLEMA NOS-
SO. A FANTASIA É UMA REPRESENTAÇÃO SIM-
BÓLICA DO DESEJO E UMA DAS MODALIDADES
POSSÍVEIS DA EXISTÊNCIA DO PRAZER. BUS-
CAR SUA CONCREÇÃO E A FORMA EFICIENTE
DE NÃO FRUI-LA E AO MESMO TEMPO NÃO
DESCOBRIR (PERMITIR) O PRAZER DO QUE É
TRANSPARENTE.
MORAR JUNTO É UM JOGO DE MORAR JUNTO. E
EU POSSO TE MANDAR UMA CARTA.
POR QUE NÃO ???

Mau

a.c. Kehi



Morei junto com as mesmas quatro pes-
soas durante um ano e meio, e seguimos
juntos depois da saída da Cris — Mau, Ale,
Juan e eu — durante outro ano e meio. Três
anos ao todo basicamente, com o mesmo
grupo. Quando o Mau me “mandou a car-
ta” acima, eu estava há poucos meses na casa
e começava a achar que morar juntos era
repressivo porque a excessiva intimidade não
dava espaço para se fantasiar a relação com o
outro. As pessoas ficavam “reais demais”.
Depois percebi que o mais difícil de suportar
era que com a convivência meus compa-
nheiros de casa perdessem suas fantasias a
meu respeito. Com mais algum tempo de
convivência aprendi a me despir e gostar de
viver sem fantasias. Ou melhor: compari-
lhando outras fantasias, com pessoas agora
já tão nuas para mim quanto eu para elas. O
que é difícil (estar nu diante do outro). Altera
sua auto-imagem, sua pretensa segurança,
sua aparente auto-suficiência. Altera até
mesmo o seu conceito (burguês? pequeno-
burguês? familiar? neurótico?) sobre o
que seja a sua individualidade.

VOCÊ ACOLHE OU PEDE ARREGO

Tento explicar. Entre as inúmeras discus-
sões coletivas que foram necessárias no
processo de três anos de “construção da vida
comunitária”, (algo assim como a cons-
trução do socialismo: nunca termina, e o que
interessa mesmo é o processo) várias vezes se
colocava o problema do “você não estão
respeitando a minha individualidade”. Não
sei se cada um de nós, agora, já acabou de
perceber que a individualidade comparti-
lhada é de qualidade diferente da indivi-
dualidade defendida a que estamos acos-
tumados pela clássica convivência familiar
(eu com meus problemas trancado no meu
quarto para que não me encham o saco, etc).
Os amigos — que em geral tem mais a ver
com a sua cabeça, o seu projeto de vida e o
seu momento do que pai, mãe, avós e tios —
sentem-se no direito de “dar toques” cons-
tantes sobre a sua maneira de ser. Você os
acolhe como quiser, e pode até pedir arrêgo:
“Olha, dá um tempo, eu não estou prá ouvir
críticas porque minha vida está toda balan-
çando”... Mas os toques pintam, com maior
ou menor violência. As vezes com muita
violência, e você também começa a aprender
que botar a raiva e o ressentimento prá fora
não é tão horrível assim. E a agredir sem se
sentir culpada. E que no dia seguinte ou no
minuto seguinte a gente dá uma checada no
que aconteceu e as relações se recuperam. A
individualidade compartilhada é isso: não dá
prá se sentir intocável o tempo todo, não dá
prá ser bonzinho o tempo todo (quem é?...),

assim como não dá prá dar respostas ao
coletivo o tempo todo. Mas se você estiver
disposto, tudo pode se mover o tempo todo.
Se você quiser.

EROTISMO GRUPAL

Morar juntos também foi um processo —
doloroso — de perda da nossa onipotência.
A duras penas aprendemos que não somos
capazes de romper com toda a nossa for-
mação familiar de uma vez. Aprendemos a
conhecer nossas fragilidades e a respeitar
pelo menos alguns (certamente não testamos
todos) de nossos limites. Aprendemos por
exemplo que o erotismo grupal — principal-
mente no início da convivência, a presença
do grupo é sempre sentida como um tesão e
cada possível relação dois a dois é um tesão
em potencial — tem que ter algumas formas
sublinhadas de vazão, pois as tentativas de
poligamia nos machucaram demais. Ten-
tamos “explodir” os casais constituídos e
compartilhar um ou ambos de seus mem-
bros, tentamos não ter ciúmes ou sentimen-
tos de posse — tudo no espaço pequeno de
uma casa, onde as coisas se davam no quarto
ao lado, na sala ao lado ou debaixo do seu
nariz — e foi demais.

Recuamos, resolvemos nos cuidar com
mais carinho. Covardias? Acho que não.
Tentamos resolver nossos casos amorosos em
assembléias gerais e hoje, apesar da hones-
tidade de nossos propósitos — afinal, tra-
tava-se de uma guerra ideológica contra a
moral constituída — acho que a medida
tinha algo de fascista. Ou então não sou-
bemos conduzir nossas assembléias com a
delicadeza que a pauta em questão requeria.

UM TESÃO EM POTENCIAL

No recuo, avançamos outras coisas.
Aprendemos, por exemplo que em certos
casos a solidariedade, a cumplicidade e o
carinho valem mais que o tesão. Me sinto
como uma freira escrevendo uma coisa des-
sas mas foi realmente o que aconteceu na
nossa casa e com a nossa convivência: quan-
do descobrimos que estávamos pagando um
preço muito alto por transações sexuais que
mexiam em coisas mais fundas do que con-
seguimos compreender e lidar, fomos dei-
xando prá lá as tentativas de “ninguém é de
ninguém”. Casais à parte, vivemos mais de



Juliano

dois anos como amigos e, com o tempo, meio
como irmãos. Pra onde foi a sensualidade
sublimada? Em grande parte, para pessoas
de “fora da casa”. Em grande parte o erotis-
mo grupal realmente se desgastou — uma das
vantagens ou desvantagens da convivência
prolongada, ouvir o outro trepando, entrar
no banheiro com gente dentro, passar nu ou
de toalha pela sala, conviver com os momen-

tos em que o outro está feio, triste e asse-
xuado. O que sobrou desse erotismo grupai,
provavelmente encontrou espaço entre nos-
sas brigas gratuitas, provocações, momentos
de tensão inexplicada, as inevitáveis neuroses
grupais que determinam o fim ou a mutação
de toda a comunidade. Pois a vida em co-
munidade tem essa diferença, fundamental,
em relação a outras forma de vida familiar:
não se pretende eterna. É feita pra mudar e
acabar, a gente sabe que um dia muda ou
acaba — e isso acontece sem os traumas e a
decepção do que um dia se pretendeu eterno.
Dói, mas acaba. Pra começar de novo mais
adiante, com outras pessoas que tenham
mais a ver com o momento. Ainda bem.

Em compensação conseguimos alterar
profundamente outros traços da nossa for-
mação familiar. Na relação com a casa, por
exemplo. No começo tínhamos a tradicional
empregada — ou melhor, tentávamos, pois
cada uma que percebia que aquilo não era
exatamente uma casa de família e não havia
patroa ou chefe para reger as coisas; pas-
sava a deitar e rolar nas nossas cabeças.
Apesar dos nossos sentimentos de culpa (já
que exploramos a empregada não faz mal
que ela nos explore um pouco também...),
foi ficando cada vez mais difícil essa relação
patronal até o dia em que o Ale me conve-
ceu: “se cinco adultos subempregados como
nós não sabem nem ao menos cuidar do
próprio lixo e da própria sobrevivência”...

MACARRÃO EM ÁGUA FRIA...

Foi difícilimo. Passamos de um esquema
em que estávamos acostumados a não tirar
nem os cinzeiros que caíam no chão, para um
esquema em que se não limpássemos as
coisas, ninguém limparia por nós. Ai foi
bandeira: as mulheres começaram a cozi-
nhar, limpar a casa... Percebemos que da
ideologia familiar com a qual tentamos rom-
per, um dos elementos mais arraigados em
nós era a divisão de papéis homem/mulher.
As mulheres se sentiam meio mães e os
homens, meio filhos. Foi uma luta em que
sinto que não perdi completamente minhas
atitudes de mãe-controladora-do-
funcionamento-geral-da-casa (principal-
mente depois que tive um filho mesmo), nem
os amigos homens perderam totalmente a
impunidade de filhos. Mas as mudanças
foram grandes.

Dividimos as compras — uma semana para cada um — e de início dividimos a casa em “áreas de limpeza”, sendo cada um responsável pela manutenção de uma área, num esquema de rotatividade. Quando nos mudamos para uma casa maior, precisamos de uma faxineira uma vez por semana. É claro que não chegava aos pés da limpeza da casa em que moro agora, sozinha e reconciliada com minha velha obsessividade...

Mas a experiência mais incrível foi a da comida. Decretamos democraticamente que cada um seria responsável pelo jantar um dia por semana — o almoço era improvisado.

Depois das rateadas iniciais (o Juan nunca botou sal no arroz, o Mau não sabia que macarrão se faz com água fervendo...) os jantares viraram festa. Os que não sabiam cozinhar eram os que mais gostavam de inventar grandes jantares, com livro de receitas na mão e alguns lances de improviso. É verdade que raramente jantávamos antes das 10 ou 11 da noite, mas comíamos bem e era sempre especial. E cada um só tinha que cozinhar uma vez por semana. Eu sempre me orgulhei tanto dessa conquista democrática e feminista na relação com a casa e com a nossa sobrevivência, que às vezes dava mais importância à manutenção desses acordos do que às relações interpessoais. Principalmente quando estas estavam complicadas.

UMA GRAVIDEZ COMPARTILHADA

Em meio a tudo isso resolvi ter um filho. O Big — o pai — não moraria conosco. Ele vivia em outra comunidade e pretendia continuar lá. Nosso filho seria “intercomunitário” e, como definiu o Lu, um amigo que depois morou um tempo conosco junto com a Piu, seria um filho experimental. Altos sonhos: uma criança que tivesse vários adultos como referência afetiva, e além do pai e da mãe, estaria livre do Édipo? A interferência dos amigos seria suficiente para romper certos abusos neuróticos que ocorrem na relação mãe-filho quando, no cotidiano, cada um é a única fonte de gratificação para o outro?

A gravidez foi linda, compartilhada, comemorada. Luan nasceu antes da hora quando estávamos nos mudando de casa, mas os amigos se encarregaram de arrumar nosso quarto, comprar as roupas que faltavam, fazer o berço e tudo o mais de modo que cheguei da maternidade e estava tudo em cima. O Mau se queixa até hoje que nem todos tiveram a mesma participação no processo. Na verdade, foi ele quem (depois do Big) “assumiu a paternidade” do Luan com mais rapidez, e o vínculo entre os dois é fortíssimo mesmo agora que já não moramos juntos.



a.c. kehl

“Em meio a tudo isso, resolvi ter um filho. O pai não moraria conosco, mas em outra comunidade.”

Foi mais difícil do que eu pensava, ter um filho numa casa em que ninguém mais tinha filhos. Eu me sentia sempre na contramão. Meus horários, necessidades, até mesmo minha nova necessidade de algum sossego, estavam agora sempre em choque com o pique geral. A convivência a partir daí, mudou muito. Eu não tinha mais a mesma disponibilidade de antes para as pessoas com que morava, mas exigia muito mais de todos, no que se refere ao “cumprimento dos deveres”. Para poder criar Luan e trabalhar sem estar casada com Big, sem o esquema de carro-babá-marido-etc., eu dependia demais das pessoas da casa, mas podia dar muito pouco. Talvez fosse o momento dessa comunidade mudar; talvez eu devesse procurar uma casa com mais crianças. O último ano da nossa vida em comum foi o mais difícil; ainda assim, tenho certeza que a participação de cada um na sobrevivência e desenvolvimento do Luan fez a cabeça de

todos — inclusive, do próprio Luan. A partir dos sete meses (quando ele desmamou), eu podia sair a qualquer hora do dia ou da noite e deixar meu filho com quem estivesse em casa, sabendo que ele estaria bem. Quando Juan, Mau, Big e eu resolvemos fazer aulas de dança duas vezes por semana, fixamos um dia para a Pi ficar com Luan e um dia para o Ale. Até hoje, acho que a família nuclear do Luan é composta de cinco ou seis pessoas afetivamente muito importantes para ele. Até hoje, o Ale, por exemplo, vem em casa toda 2ª feira ficar com o menino para eu poder trabalhar à noite. Ele fica ótimo, como se estivesse comigo. Mas eu não consegui — ou nós não conseguimos — dividir realmente a responsabilidade de pai e mãe do Luan. O fundamental sempre foi comigo, ou com Big. O resto das pessoas foram sempre coadjuvantes, “tios” muito próximos, muito íntimos, e não sei se tínhamos condições para mais que isso.



Juliano

Na primeira vez que fui visitar a Rita era de tarde. A casa, imensa, estava vazia. Acabei encontrando o Ale, nos fundos, trabalhando sozinho. Me acompanhou até o quarto dela. Deixei um bilhete. Da segunda vez me encontrei com ela e conversamos muito sobre poesia. No meio do papo fui sacando como tudo funcionava ali, quem morava, as caras, os jeitos. Saí me perguntando como seria para uma mulher morar sozinha com tantos homens (quatro, fora agregados). Da terceira vez, conheci Tenta, a cachorra, refastelada na cesta com seus doze cachorrinhos. Me perguntei, *once again*, como seria ser uma única mulher no meio de tantos homens.

Tudo era diferente do que eu poderia supor. Todos ajudavam ativamente na cozinha, nos trabalhos domésticos. Eu ia sempre lá, até que recebi um convite. Tinha feito uma enquete na casa procurando quem seria um bom candidato para morar com eles e eu era a escolhida. De Ego e coração inchados, recusei. Preferia morar sozinha. Claro que não deixei, por isso, de estar sempre por perto.

As coisas funcionavam bem dentro da casa. Um era marceneiro; outro, tapeceiro; outro e outra, jornalistas. Tudo se completando. Foi quando pintou a idéia de fazermos uma exposição de fotos, desenhos, poemas. A montagem do trabalho correu num clima estimulante: palpites, ajudas, empréstimos e muito sarro. Quando acabamos de montar eu olhei para aquilo e achei tudo muito bonito. Pensei, com surpresa, que em nenhum momento o trabalho tinha sido um peso.

EU NÃO ERA DA FAMÍLIA

Um dia a Rita disse que queria que outra mulher fosse morar com eles. Ela não sabia explicar muito bem, mas as coisas, pelo jeito, estavam pesando para o lado dela. Em volta da mesa da cozinha as discussões eram frequentes. Meus olhos giravam por todos mas acabavam sempre na Rita. Tinha que confessar o que era óbvio:

ela exercia uma forte preponderância dentro do grupo. No meio das controvérsias, a Rita era sempre um eixo; parecia servir como modelo de mulher e mãe, jovem, inteligente, bonita, independente. Enfim: nada fácil. Quando engravidou, filho ficou sendo de todos, num certo sentido. Ela era a Terra, a Natureza, a Figura da mulher.

Estava começando a entender onde as coisas pesavam para ela, quando começaram a pesar para mim também. Havia um sentido de grupo muito forte entre eles, era difícil não se sentir excluída. Me sentia uma estrangeira por não ter optado viver com eles. A forma de vida que escolheram era muito valorizada, quase uma virtude em si. Eu continuava a gostar de cada um individualmente, de cada um de um jeito, mas a função do grupo tinha se tornado muito forte. E eu não era da Família. Senti necessidade de me afastar.

Voltei a encontrá-los muito tempo

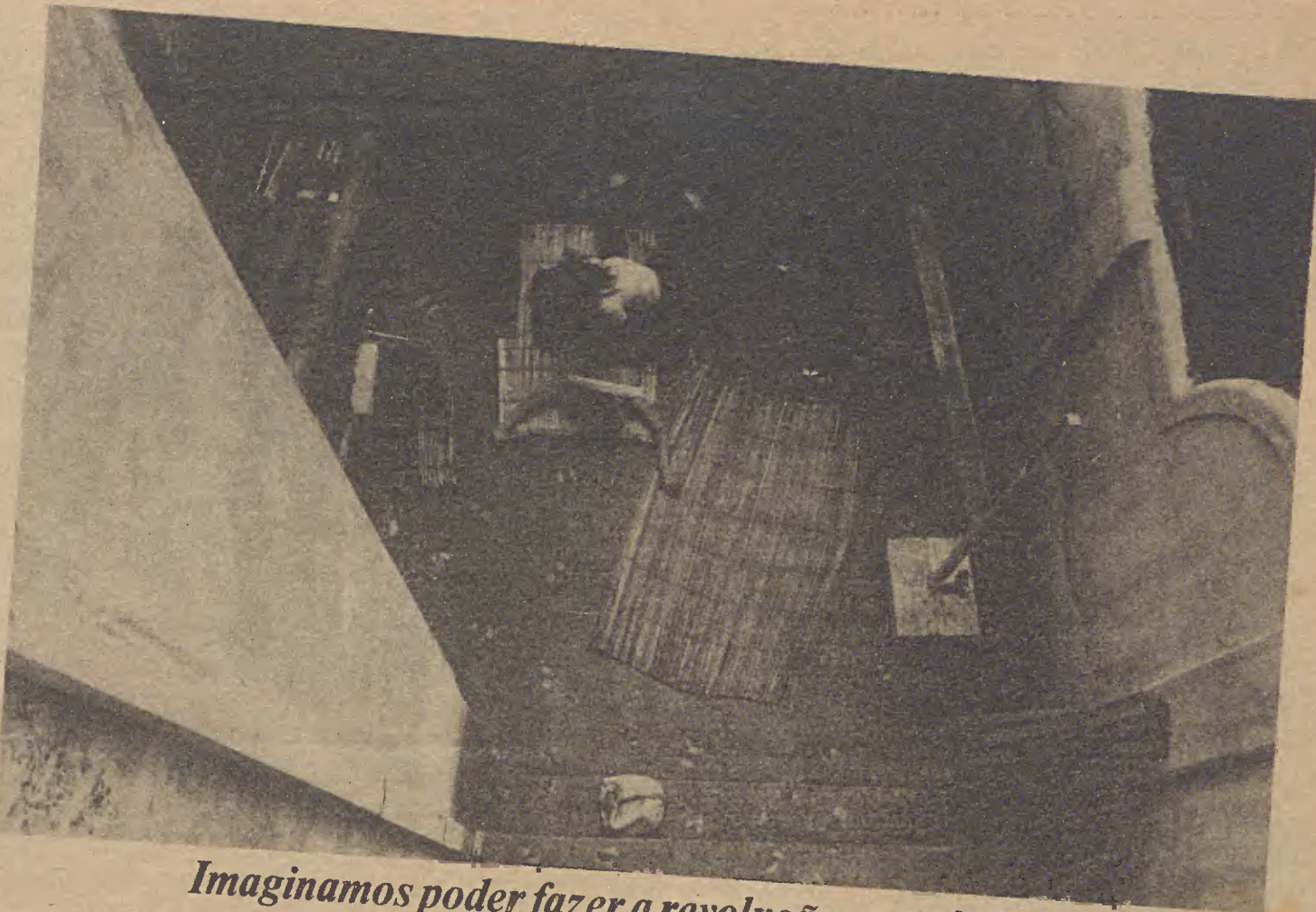
depois, quando já tinham se mudado. Não moravam mais juntos. Pensei, então, que era mesmo importante que se sentassem e escrevessem sobre a sua experiência. Talvez tivessem sacado coisas que muitas pessoas também viveram, ou iam viver, ou estavam vivendo. Pensei que a minha posição, falando deles, era assim muito cômoda, fria, ausente, assim como quem olha e julga, e que isso não era real. Nunca morei ali, nem em comunidade, mas o que aconteceu dentro daquela casa, não aconteceu só lá dentro. Mesmo tendo ficado só como amiga, transeunte, o que eles viveram eu também vivi, de outra forma. Acredito que, como eu, um monte de gente. Não se tratou de uma experiência entre 5, 6, 7 pessoas. Foram 5, 6, 7 pessoas que catalizaram condições para que isso acontecesse entre eles. E serviram como referência, com certeza, para muita gente. Um tipo de “prova” de que existem outras formas de se viver. Que esta não é nem foi a única, mas foi uma. Com um jeito, uma casa, muitas caras, muitas pessoas.

LÚCIA VILLARES

A CONVIDADA



a.c. kehl



Imaginamos poder fazer a revolução a partir de nossas casas; levando a vida numa eterna adolescência.

moradia. Muita gente passou por casas nesses três anos, e a população flutuante da nossa comunidade — Fernandinho e Fernandão, Lu e Piu, Big, Marcinha, Suzanne, etc. etc., etc. — fez da casa um espaço físico e afetivo muito mais amplo do que o das cinco pessoas fixas. Além disso, em alguns momentos em que a barra pesou — quando transei com Juan que por sua vez transava com Marina, por exemplo — fui morar provisoriamente em outra comunidade em que havia um quarto sobrando. Foi ótimo sentir que a nossa pequena tribo fazia parte de um sistema tribal maior, e que minha casa são muitas casas que me acolhem de acordo com as necessidades de cada momento. Nos momentos de euforia, pensava numa revolução molecular, a partir das pequenas células sociais, e imaginava: “se todos vivessem em comunidade, minha casa seria o mundo”.

Morar em comunidade também foi isso:

sentir que nossas tribos poderiam tomar a cidade. Sair pelas madrugadas pixando os muros e fantasiar que o mundo poderia ser nosso. Morar junto foi sentir a possibilidade de fazer de cada pequeno motivo de alegria uma festa, só por ter outras pessoas com quem compartilhar e comemorar. Foi tentar estabelecer outras relações com o tempo do trabalho para curtir o trabalho doméstico e a convivência com as pessoas. Foi poder entrar no quarto vizinho a qualquer hora da noite para desabafar uma angústia, chorar uma mágoa ou mostrar um poema novo. Foi compartilhar novas idéias, novos projetos e o produto do nosso trabalho criativo, tendo nas pessoas estímulo e crítica para esse trabalho. Foi imaginar que poderíamos fazer a revolução a partir das nossas casas, e nos acomodarmos por algum tempo na aparente auto-suficiência do nosso microcosmo. Foi a tentativa — até que Luan nasceu — de levar a vida numa eterna adolescência.

PARCELA DE ESPAÇO LIVRE

Mas foi principalmente a comprovação de que nosso modo de vida, nosso prazer ou desprazer cotidianos, o espaço para concretização de nossas fantasias, não está tão dado e imposto pelo chamado sistema quanto a maioria das pessoas, no seu conformismo, gosta de imaginar. Foi a comprovação de que, no que se refere às opções individuais de vida — pelo menos, para nós, privilegiados que nunca passamos fome — existe muito mais espaço para a criação de novas formas e novas possibilidades existenciais do que os defensores da imutável célula familiar costumam apregoar. Morar juntos foi experimentar uma pequena parcela do espaço livre que cada um pode criar para sua vida — espaço que é tão mais amplo e tão mais livre, quanto mais pessoas compartilharem a produção dessa liberdade.

MARIA RITA KEHL

QUANDO TRANSEI COM JUAN... QUE TRANSAVA COM MARINA...

Morar em comunidade também implica numa relação diferente com o seu espaço de

quarup
livraria editora

Cortêz,
Graal,
Brasiliense
Anagrama,
LTC,
Campus,
Achiame,
Moraes,
Mestre Jou
HUSITEC,
Crítica,
Moderna,
Interlivros



RUA VISCONDE DE PIRAJÁ, 550 — LOJA 317.
Tel.: 259-0948 — IPANEMA — RJ.

O Festival da Nova Era

Numa promoção da revista PLANETA, da ORDEM DA ESTRELA BAILARINA e do PROJETO EXIT, será realizado em novembro, em São Paulo, o “PRIMEIRO FESTIVAL INTERNACIONAL PARA O CORPO, MENTE E ESPÍRITO”, uma “versão americana” da maior e mais completa promoção desse gênero em todo o mundo: O “INTERNATIONAL FESTIVAL FOR MIND, BODY AND SPIRIT”, que vem sendo realizado em Londres, desde 1976, por seu criador, Graham Wilson.

Para o público, os ingressos serão vendidos a preços populares de Cr\$ 100,00 o ingresso inteiro e Cr\$ 50,00 para crianças e estudantes. Também serão colocados a disposição das pessoas interessadas em participar do festival inteiro, ingressos permanentes, ao preço de Cr\$ 500,00 e Cr\$ 250,00.

Informações no Rio: Dalva — 391-4686

DESEJA APRENDER?

Atoria Movédia
RESOLVE O SEU PROBLEMA!

PRODUTOS: FAIXAS - CARTAZES - ADESIVOS
EMBALAGENS - VITRINES - PANO
PAPELÃO, PLÁSTICO, CELOFANE, ETC.

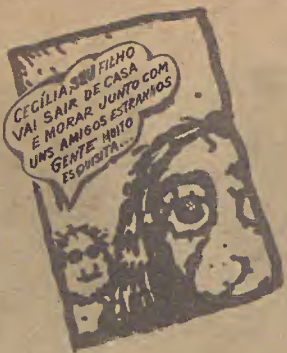
RUA MARTINS LAGE 372/1 BNG. NOVO
RUA D. ROMANA 360 — LINS — RIO DE JANEIRO

DROGARIA SIMONE

No centro da cidade,
uma drogaria simpática,
um atendimento personalizado e
preços muito mais baratos.

Uma referência:
É onde o pessoal do L&P
compra seus artigos de toucador...

Rua Sete de Setembro 180
(perto do João Caetano)
Tel.: 221-0643 — Rio.



NO MESMO LUGAR

ENTENDA SE PUDER

Quando acorda, lá pelas sete, sete-e-meia da matina, Sheila (a que dá aulas de inglês na Gávea e dorme no terceiro andar, às vezes sozinha e às vezes com o namorado que tem dois filhos do primeiro casamento), pode bater no quarto ao lado e combinar com Tônico, seu "ex", o que vão fazer com a criança que chegará para as aulas de criação na escolinha que funciona no primeiro andar (com música, pincéis e papéis picados). Porém, se Tônico já tiver saído para o grupo de teatro infantil "Feliz Meu Bem", Sheila pode descer para o segundo andar e ver o que andam transando a Cristina, o Mota e o Serginho, num dos quartos e dois "ateliers" ali existentes. Serginho ocupa



Eles conseguem realizar o sonho que muita gente traz no coração: moram numa casa bela, em pleno Rio de Janeiro, são todos free-lancers e ainda por cima trabalham nessa mesma casa em ateliers coletivos que funcionam à toda, produzindo tanto quanto qualquer empresa.

Come-se, dorme-se, ama-se e trabalha-se no mesmo lugar e por isso a vida social, profissional e afetiva fica praticamente reduzida às relações com os mesmos companheiros, o que é uma faca de dois gumes. De certa forma, isso é ótimo, pois as transas se aprofundam, criam raízes e o empenho no sentido de preservá-las é geral. Porém, quando há um abalo mais forte em qualquer parte desse intrincado sistema de vida, adeus queridos, tudo se desestrutura; e nesses casos geralmente o "voto vencido" procura outro lugar para morar, pois não dá pra viver sorrindo na cozinha pra mesma pessoa com quem se vive aos tapas no atelier (e vice-versa).

O QUE SE FAZ DENTRO E FORA DE CASA

O trabalho em comum dentro de casa é o que une seus moradores. Não se trata apenas das tarefas domésticas, como fazer compras e cozinhar, mas do trabalho profissional de todos. Apenas dois, entre os cinco, trabalham também fora de casa. Tônico, de 22 anos, dá aulas de educação física e atua na peça "Três Luas de Junho e uma de Julho", em cartaz no Teatro Cacilda Becker, que deu ao grupo "Feliz Meu Bem" o prêmio de dramaturgia de 1980. Mas, em casa, transa a escolinha com Sheila e alguns projetos no atelier do Mota. Sheila, de 24 anos, tem aulas de inglês fora e a escolinha dentro, além de participar, esporadicamente, em trabalhos

muito grande e é difícil estar sempre totalmente arrumada", esclarece Sheila.

ENTRADAS E SAÍDAS

O trabalho coletivo é o critério de seleção mais forte que o grupo utiliza. "Não estamos interessados em alugar um quarto para uma pessoa qualquer. É o trabalho comum que proporciona uma boa relação afetiva entre nós," diz Tônico. "Quando a gente trabalha próxima do que deseja, a gente se entrega totalmente e pinta uma puta satisfação", diz Cristina. De fato, o grupo começou a ser reunido há dois anos, quando seis artesãos independentes alugaram a casa e ali montaram sua oficina. Hoje, do grupo original, apenas Mota e Serginho permanecem, sendo que este último está de partida. "Está num momento de viver sozinho", explica Mota,



dos demais, seja na oficina do Serginho, seja no atelier do Mota. Os outros três — Cristina (24 anos), Mota (28) e Serginho — trabalham exclusivamente na casa, dando e recebendo ajuda dos demais. Quando pintou um grande projeto, em maio último, — maquetes para um projeto do governo — trabalharam na oficina os cinco moradores da casa e outras sete pessoas vindas de fora. Paulo, um morador da casa naquela ocasião, foi contra a realização do projeto e a admissão de pessoas de fora. "A casa ficou realmente muito confusa com tanta gente trabalhando durante um mês inteiro, e o Paulo, que foi voto vencido, acabou se mudando", conta Sheila. "Mas ele já não estava muito integrado no grupo. Era do tipo de pessoa que dava ordens para a empregada. Podia até não ligar para o rango, mas não suportava uma sala desarrumada", acrescenta Tônico. "A casa é

na ausência de Serginho, que passa as férias em São Paulo. Quem chegou depois dos primeiros moradores, já tinha uma relação qualquer com os vários trabalhos feitos na casa, e, portanto, com seus habitantes. Por outro lado, morar e trabalhar no mesmo espaço às vezes atrapalha o meio de campo, porque quando há um desentendimento profissional a relação com a casa também se abala. "Quando me separei do grupo que transa a oficina, pintou um sentimento de perda mútua, tanto que o Serginho começou a sair da casa a partir daí", reconhece Mota. Agora o grupo está preocupado em arranjar rapidamente quem substitua o Serginho. "Não vai dar mesmo pra dividir por quatro", constata Sheila. E queixa-se: "esse entra e sai constante de moradores, tem uma hora que vira loucura. Tem sempre gente nova na casa".

SOLIDÃO E AMIZADES

Outro problema que o grupo consegue ultrapassar com facilidade é o isolamento de quem mora e trabalha junto, num lugar afastado em relação ao resto da cidade. Diz Sheila: "Isolamento pinta de montão! Mas às vezes é gostoso. Se eu não tivesse que dar aulas de inglês em outros lugares, jamais sairia daqui, não somente da casa, mas também do bairro, que é um barato!" Cristina é a mais preocupada com isso: "Pois é, ao mesmo tempo em que é uma alternativa interessante você morar com outras pessoas e poder ser autônomo profissionalmente, a luta pela sobrevivência é dura e a gente fica disperso do resto do mundo". Já Tônico acha que o isolamento "é um preço que se tem de pagar". Mota, o que tem mais tempo de casa, sente saudades: "Me sinto me dando por inteiro a tudo isso que criei. Quantas praias, quantas cervejas, quanto tempo deixei de dedicar à minha relação com as pessoas! Muitas vezes pinta a necessidade de retomar isso".



CHATICES DOMÉSTICAS

Eles parecem ter resolvido ainda em melhores termos o ponto crucial da organização da casa, que geralmente afunda qualquer comunidade. Quem cozinha, quem faz as compras, quem lava o banheiro? Não há qualquer rigidez na distribuição das tarefas. "O engraçado é que estou aqui há três semanas e a gente nunca se sentou para ter uma reunião de distribuição de trabalho. Nós até conversamos, mas nunca em caráter formal", diz Tônico. "Antes, com as outras pessoas, a relação era diferente, tínhamos que fazer reunião para tudo. E isso se dava porque as pessoas estavam juntas mais por falta de dinheiro para morar sozinhas do que por ligação com as outras pessoas. E hoje o barato da casa é que ninguém precisa dizer nada. A gente vai para cozinha, um pega alface na geladeira, outra já tá cortando a cebola, e a coisa sai, sem ter que combinar o menu", assinala Mota. E continua: "Antigamente pintavam grandes brigas, mas agora as pessoas não são radicais nem para um lado nem para outro; procuramos fazer um rango mais natural, mas, se pela manhã tomamos mingau de arroz integral, à noite bebemos cachaça". Aliás, todos do grupo já passaram por experiências comunitárias anteriores. Sabem que o negócio é sério. E que rigidez não resolve nada: "O legal é perceber as tendências e aptidões de cada um: uma pessoa cozinha bem, outra é boa feirante, etc, e as tarefas vão sendo divididas espontaneamente, sem uma distribuição rígida de papéis", afirma Sheila, sintetizando o espírito do grupo.

CRIS, DAU, FERNANDO, LIBE, LUCIANA

VIZINHOS E FINANÇAS

O endereço desta "mansão" é segredo, mas vai uma pista: fica numa rua aproximadamente localizada em Santa Teresa. Com árvores, passarinhos, o verde das encostas e o azul do céu das montanhas, oferece, de quebra, uma das mais belas vistas do Rio de Janeiro. Seus cinco habitantes dividem um aluguel de 60 mil cruzeiros, tendo por vizinhos — quem diria — os donos das lojas Mesbla. As despesas da casa, somando o aluguel com o salário de Marta (Cr\$ 1 mil, com o INPS), as contas de telefone (Cr\$ 6 mil), luz e gás (Cr\$ 5 mil), e as compras de feira (Cr\$ 5 mil) e supermercado (Cr\$ 10 mil), beiram os 100 mil cruzeiros mensais. Pagam os cinco moradores e mais a oficina do Serginho, de onde saem desde pias para banheiro até baldes de São João em forma de disco voador e cenários para teatro. Dá uns 17 mil para cada parte, quantia apertada para o pessoal que transa múltiplas atividades e fatura uns Cr\$ 30 mil mensais, em média, quando numa naice.

8 LUTA & PRAZER



UM AROMA DE INCENSO

ESPAÇOS E TAREFAS

A casa fica no Jardim Botânico, no Rio, e é dessas antigas, que conseguiram sobreviver à especulação imobiliária e ainda mantêm as paredes pintadas de branco, as portas azuis e uma varanda comprida. Tem cinco quartos, duas salas grandes, uma cozinha razoável e um quintal que oferece espaço até para que Aladim e Cláudio — que chegaram por último — armem suas barracas de acampamento e aí “residam”, uma vez que todos os quartos da casa já estão lotados com outras nove pessoas. No quintal ainda há algumas cadeiras de ferro onde se costuma conversar durante a noite, olhando-se a lua e fumando-se um cigarrinho de palha com fumo de rolo — todos defendem que isso é mais saudável que o cigarro comum, pois não contém pólvora, açúcar e outros ingredientes que “envenenam o organismo”.

Na cozinha só entra alimentação integral (cereais, tubérculos e verduras), sempre com fatura e por um preço bem barato, pois alguns moradores mantêm dois entrepostos de comida natural, de onde trazem a alimentação básica para todos por treze mil cruzeiros ao mês, o que significa que cada um gasta mensalmente uma média de mil e duzentos cruzeiros com comida. Quem mora nos quartos paga sete mil cruzeiros de aluguel, enquanto que os dois das barracas contribuem apenas com dois mil cruzeiros cada um; o aluguel da casa é sessenta mil cruzeiros. Cada pessoa ainda coloca um mil e oitocentos cruzeiros por mês numa caixa comum para taxas e compras eventuais.

Giovanni, Pedro, Maurício e Lola — os mais antigos —, se encarregam de limpar a casa e cozinhar durante a semana, enquanto que nos finais de semana todos cuidam disso juntos, além de cada um arrumar seu próprio quarto e lavar sua roupa. A esse sistema de vida Giovanni chama de “comunismo diferente, independente do sistema capitalista ou socialista que estiver aí fora”. E porque não há empregados na casa e todos tentam realizar todas as tarefas domésticas, não se tem tempo para “mexer com a política externa; aqui a gente vive a coisa, não se discute muito.”

TRAMPOS ALTERNATIVOS

Dentro de casa Giovanni dá massagens individuais, Maurício faz pão, Jasmin dá aula de inglês, Cláudio faz tûnicas; fora dela, Aladim dá aulas de Tai-chi-chuan, Jorge trabalha com homeopatia, Evinha, Pedro e Lola estão mais ligados aos entrepostos de alimentos. Todos trabalham “na área”, isto é, mexendo com alimentação natural ou consciência corporal, com exceção de Cristina, que é empregada de uma companhia de seguros — onde traduz telex — e Dudu, que é engenheiro, mas ambos já estão cuidando de largar esses trabalhos “que não tem nada a ver” para fazer algo mais interessante.

Além disso, às terças e quintas-feiras há um “curso de vivência corporal” (sem métodos definidos nem regras rígidas), quando se misturam as experiências de trabalho com corpo de Giovanni com a guitarra de Lola, as luzes de Pedro, as mãos habilidosas de Maurício e as energias positivas do resto dos moradores. A esses encontros comparecem muitas pessoas de fora, as quais pagam dois mil cruzeiros pelo curso, que dura somente um mês. Geralmente essas pessoas passam a frequentar com assiduidade a casa, alguns chegando a fazer ver-



Vendo de fora eles parecem bem exóticos, no mínimo pertencentes a alguma seita orientalista: vestes de pano cru, rabos de cavalo, postura contrita, corpos enxutos, pés descalços... Lá dentro, são onze jovens que estão juntos há três meses e que, na ânsia de revolucionar integralmente a vida, trabalham autonomamente, não admitindo empregados e se terapêutizando vinte quatro horas por dia. Alimentam-se exclusivamente de cereais e raízes; os mais radicais vêm nesta experiência um estágio para se mergulhar de vez no mato, “longe da poluição e da neurose da cidade grande”.

Todos tratam com irreverência os gurus das diversas religiões, mas sente-se um cheiro forte de misticismo nas atividades da casa, além da falta de alguns ingredientes tropicais indispensáveis em qualquer lar brasileiro, como frutas ou mesmo uma pinga para as noites de papo. Perambulando pela casa, “sentindo a coisa”, como foi recomendado logo que entramos, percebe-se em destaque um homem moreno, esbelto, ágil, com olhos de rapina e linguagem fluente. Chama-se Giovanni e centraliza os papéis de pai e irmão desta tribo excêntrica e original.



dadeiras revoluções na sua forma de viver: trocam a comida comum por um rangô mais saudável, passam a dividir os antigos espaços de moradia com outrem, “porque assim, — explica Giovanni — o aluguel fica mais barato, portanto tem-se que trabalhar menos para pagá-lo e sobra mais tempo para se cuidar da própria vida”.

DINÂMICA PARTICULAR

O corpo enxuto da Cristina, os pés descalços da Evinha, o rabo-de-cavalo do Giovanni, as roupas folgadas, despojadas, os hóspedes diferentes (enquanto fazíamos a matéria se hospedaram dois psicodramatistas mineiros, um casal de jornalistas de Brasília e um psicanalista italiano), a quantidade de gente que entra e sai dali, tudo é motivo para aumentar a curiosidade dos vizinhos: do lado direito os médicos do Hospital da Lagoa ficam um tempão na janela, observando; o vizinho de trás — um jornalista — já disse que acha tudo “o maior barato”; a senhora da esquerda, mais assanhada e curiosa do



que os outros, aparecia constantemente à procura de seu gato (que certamente se perdia mais do que os outros bichanos), até que um dia Giovanni teve uma conversa particular com ela e nunca mais o gato se perdeu... Mas, apesar de tanta curiosidade por parte da vizinhança, ninguém parece se preocupar muito em mudar o comportamento não, ali faz-se tudo com muita tranquilidade...

Outra coisa que chama a atenção dos estranhos é a energia que o pessoal tem, que, segundo Giovanni, “é causada pela alimentação integral, que seca o organismo, deixando-o alerta, disposto”. Independente da hora em que forem dormir (e geralmente vai-se dormir muito tarde), lá pelas sete horas da manhã todos já estão de pé; aos pouquinhos cada um vai deixando a sua “toca” e na sala maior Giovanni coordena movimentos de espreguçamento durante alguns minutos; em seguida cada pessoa recolhe num canto e “medita um pouco, deixando a mente solta, sem se fixar em nada de concreto”; finalmente chega a hora dos afazeres diários.

Giovanni, Jorge, Cláudio, Maurício, Pedro e Aladim já trabalham há um bom tempo com alimentação, respiração e conscientização corporal, porém os outros chegaram à casa por caminhos bem diferentes: Evinha, ex-militante (estudantil, feminista, partidária), ficou de saco cheio de política, largou-se de Recife — onde morava — e veio para o Rio. Num restaurante macrobiótico no Leblon, Maurício foi encontrá-la preocupada com a sobrevivência, procurando “um lugar para morar e algo para fazer”. Ele então convidou-a para o curso das terças e quintas e ela acabou ficando de vez na casa. Lola, músico nascido no Rio Grande do Norte, andava à procura do grito primal (terapia pouco difundida no Brasil, famosa por ter tido John Lennon como cliente) e veio para casa “como teria ido para qualquer outro lugar”. Cristina, que já namorava com Giovanni, apenas acompanhou-o no novo empreendimento. Jasmin, “que não acreditava em comunidades”, tava com problemas de fígado, conheceu o pessoal, viu que poderia ficar boa se seguisse a dieta com cuidado, encontrou no grupo um puta apoio nesse sentido, largou seu apartamento e agora está se tratando com cuidado e tendo melhores.

Giovanni é sem sombra de dúvida o líder e o idealizador de todo o projeto, apesar disso ser negado com veemência por todos, inclusive por ele próprio (quando tocamos nesse assunto pintou a maior confusão, a reação dos entrevistados foi forte). Em suas declarações percebe-se uma firmeza que ninguém lá dentro tem; a casa parece ser o máximo que esse idealista controvertido conseguiu realizar, depois de ter vivido anos em grandes comunidades hindus, de ter formado comunidades urbanas e terapêuticas no Brasil, de ter aberto e fechado (ou vendido) inúmeros postos de alimentação integral e trabalhos alternativos. Se no futuro as outras pessoas terão uma visão de comunidade tão global quanto o Giovanni, isso é problema delas (e do Giovanni). De uma coisa apenas tem-se certeza: aquele casarão tá cheio de gente menos neurótica do que a maioria dos jovens que conhecemos na cidade grande.

SAÚDE E SEXUALIDADE

Para que a cabeça e o corpo estejam legais, são utilizados todos os elementos que o grupo tem às mãos, desde uma alimentação balanceada, até os conhecimentos de ioga, bioenergética, tai-chi-chuan etc, que foram sendo acumulados por cada um antes da existência da casa. Giovanni acha que a melhor terapia é o contato com gente, o toque, a massagem, “mas há pessoas que só conseguem relaxar com um baseado, então dá-lhe um baseado”.

O rapaz mais novo é o Maurício, com dezenove anos; no outro extremo se encontra o Giovanni, com trinta e um; entre os dois estão os outros, na maioria jovens e portanto cheios de energia sexual. Giovanni e Cristina formam um casal, outros namoram com gente de fora. Entre homens e homens não se notam muitos toques e carinhos, mas entre mulheres e homens — sobretudo entre Evinha e os outros rapazes — a relação é muito afetuosa e sensual.

CABEÇAS DIFERENTES

As tarefas mais importantes estão nas mãos dos homens; são eles que cuidam da manutenção da casa e da administração dos cursos e de outros trabalhos coletivos. E talvez não pudesse ser de outra maneira: além do sexo masculino ser o predominante na casa (há oito homens para três mulheres), as pessoas que moram ali não estão isoladas da nossa cultura machista, ao contrário, algumas delas acabaram de sair do lar paterno.

CRISTINA ANDRADE E DAU BASTOS

LUTA & PRAZER 9



O MUNDO COMO MORADIA

Moro numa casa bem grande desde janeiro de 79, e sempre com muita gente. Quando começamos estávamos em 7 (seis homens e uma mulher), mas logo no quarto mês o Mikko, um finlandês, teve que sair para voltar ao seu país, e um mês mais tarde nossa única presença feminina, a Rita, se mandou também. De lá pra cá não parou mais de entrar e sair gente: mais de 36 pessoas já moraram na casa, e atualmente estamos só eu e o Leonel do grupo original. Conosco estão morando a Alice, a Piu, o Claudio, o Capô, a Minka e a Luana, que ainda tem oito meses e é filha de Capô e da Minka.

A "Franco", como chamamos a casa, por estar na Rua Franco da Rocha, tem um espaço muito peculiar, pois é geminada dos dois lados e muito comprida, toda compartimentada, cheia de escadas e com três andares. Não tem nenhum ambiente muito grande, só pequenos e isolados por portas e corredores; acho que isso é uma determinante muito forte do tipo de relação que as pessoas podem ter dentro dela.

Depois que passou o entusiasmo dos primeiros seis meses, em que tudo é curtição, é que começamos a sacar que era difícil perceber a casa como uma unidade (nesse ponto é que eu acho que o espaço da casa é uma determinante) e dava a impressão de estar tudo disperso. As vezes eu passava mais de uma semana sem ver alguém que estava em casa todos os dias, pois essa pessoa chegava e ia sempre para o quarto, e os horários não coincidiam, e a fome batia em horas diferentes... e isso às vezes angustiava um pouco, apesar de ter sido muito importante para que conseguíssemos manter nossa individualidade mais ou menos preservada mesmo morando com sete ou oito pessoas.



a.c. Kehli

Um fato interessante é que os seis homens da casa tinham interrompido em momentos diferentes e por razões diferentes o curso superior, todos de arquitetura, da USP ou Mackenzie. A Rita há algum tempo estudava dança com o Luiz e o Douglas, dois outros moradores. Caíto é baterista e estuda música, e Leonel é violoncelista. Eu faço fotografia e o Mikko dava aulas de inglês.

10 LUTA & PRAZER



Do coração de São Paulo para o mundo. A aspiração não fica somente no terreno da fantasia, do puro idealismo. Sonhar é preciso, e concretizar os sonhos mais ainda. Botar as mãos na massa, enfrentar as mais inesperadas dificuldades — "quem vai lavar o pano de chão? —, aprender com os outros e com a própria solidão, ainda que superpovoada. A experiência de viver numa casa em eterna ebulição, desgarrando-se de conceitos e hábitos profundamente enraizados, como o de propriedades sobre as coisas e acesso ao consumo, é o que nos passa o Antônio Carlos, irmão da Rita Kehli, primo do mundo, membro da tribo universal que, na prática, forma a nova família das grandes cidades.



a.c. Kehli

TODOS MEIO DESEMPREGADOS DIVIDINDO O POSSÍVEL. UM BANDO FELIZ

Quando nos mudamos para a Franco, estávamos todos meio desempregados e, portanto, a grana era pouca e mal distribuída. Num mês eu e o Caíto tínhamos dinheiro suficiente, o Leonel um pouco menos, a Rita tava dura e os outros quase nada. No mês seguinte era o contrário, e quem não tinha éramos eu e Caíto, havendo sempre uma rodinha natural da grana que pintava. Dinheiro, e mais tarde quase tudo. Foi se acabando o sentido de privado, as pessoas perderam muito a noção forte de propriedade sobre as coisas e o mais importante era jogar na mão da coletividade.

A maioria das pessoas da casa nunca teve

uma vinculação partidária ou ideológica muito séria, mas a sensação de viver um esquema bem mais socializante é incrível. Perceber que se todos saem do seu egoísmo cada um passará a viver com mais segurança, podendo aproveitar a vida de uma outra maneira é incrível, assim como não ter que se vincular a esquemas rígidos de emprego ou trabalho em coisas que não trazem nenhum prazer. Isso também possibilitou que ficassemos muito em casa e trabalhando nela: melhorando uma coisa aqui, reformando ali, fazendo uma estufa pras plantas, isolando uma sala pra estudar música, etc.

Nunca sobrava muito tempo pras visitas e a casa foi se virando pra dentro e pro trabalho (lazer). Quem pintava sempre vinha com um objetivo mais específico do que um bate papo. Eu me distanciei bastante de

todos os agitos sociais da cidade grande, e, conseqüentemente, de muitos amigos, e isso as vezes me pareceu um preço muito alto. Hoje eu acho que esse afastamento foi necessário e talvez indispensável (pelo menos para mim) na descoberta de mim mesmo e para a compreensão do mundo que está à minha volta.

GRILLOS NA INFRA, SEMPRE PEGA NESSE PONTO: COMPRAS, FAXINA...

O maior problema da casa, pelo menos o mais insistente, sempre foi a manutenção da infra-estrutura funcional: compras de alimentos e produtos de limpeza, cozinha, faxina, banheiros, etc... É difícil, dentro de uma cidade como São Paulo, uma das maiores "densidades culturais" do mundo, as pessoas se interessarem por lavar panos de chão, varrer corredores, comprar escovas e sabão em pó pra lavar calças Lee no tanque. Nunca tivemos um esquema rígido pra essas tarefas, tipo cada um tem um dia pra cozinhar e uma parte da casa pra cuidar, e por isso mesmo a coisa sempre oscilou na dependência das pessoas que estavam morando no momento. Houve períodos melhores e piores, e alguns críticos, que chegaram a criar climas pesados, resultando até em algumas expulsões.

A falta de normas, tanto do tipo "dia certo pra cozinhar", como daquelas mais ligadas a uma vinculação ideológica e política está associada — na minha opinião — à alta rotatividade de pessoas residentes na Franco. Pela ausência de uma bandeira que tornasse as coisas mais fixas ou estáticas, a casa sempre ficou muito permeável a tipos de pessoas muito diferentes, que ali estavam pelos motivos mais diversos, gerando a rotatividade e a dinâmica particular da casa; é como se ela tivesse uma personalidade e vida próprias neste constante movimento.

Atualmente a Franco está passando por um momento de maior estabilidade, pelo menos aparentemente (a última pessoa que se mudou já está na casa há quase três meses) e tá ficando parecida com um lar. Acredito que a presença de uma criança contribuiu muito para isso, além de ser uma fonte inesgotável de bom astral. Tá legal assim. Cada pessoa nova que entra nos faz começar tudo



a.c. Kehli

outra vez e mudar os planos e abandonar sempre o passado e o futuro. E mudar sempre. Talvez os próximos a sair sejamos eu ou o Leonel, pra morar em outras casas, em outros lugares e por todo o mundo, sempre na nossa tribo. E se um dia todos morarem assim, a minha casa será terra inteira.

ANTÔNIO CARLOS KEHL



TRANCOS E BARRANCOS

GÊNESIS

A idéia da casa surgiu a partir de uma viagem à Argentina, de onde alguns estudantes voltaram com necessidade de prolongar a experiência livre e auto-suficiente que levaram lá. Dois anos atrás o contrato de locação foi assinado, os primeiros moradores se apossaram do espaço, mas destes só restam Bebeto e Laura, os outros partiram em busca de outras paragens.

FUNCIONAMENTO

O aluguel da casa é 22 mil cruzeiros e o gasto de rango, contas e uma faxineira — “que vem uma vez por semana dar uma força na limpeza” — atinge os 12 mil cruzeiros mensais, os quais são divididos de acordo com o salário de cada um: Bebeto, Lauro e Flávio contribuem com 10 mil, enquanto que Marta só coloca 4 mil cruzeiros na caixinha. A coleta é feita com facilidade e sem necessidade de cobrança por quem fica encarregado de pagar as contas do mês.

A divisão das tarefas é espontânea, mas, segundo Marta, “ela é extremamente injusta. Uns não fazem nada, como o Bebeto, que só vem para dormir, quando vem. Outros, como eu e a Laura, estamos sempre fazendo tudo”. Bebeto confirma: “É um problema sério. Antes, quando a gente não tinha a moradia da empregada, a omissão era catástrofica.” E Laura completa: “Eu jamais consigo lavar a louça. Outros não tem consciência de que banheiro se lava. Agora, em relação à comida, quando um resolve fazer pra si, já faz um montão pras pessoas que quiserem. No princípio, quando a Marta ainda não estava conosco, era bem pior. Lembro de uma tarde em que eu cozinhava, enquanto todo mundo batia papo lá fora. Numa certa hora joguei a colher longe e falei: “Não cozinho mais!” Com a entrada da Martinha aqui, a gente começou a se apoiar, e todos já compreendem que é preciso fazer alguma coisa pela casa.”

MALUCO, EU?

A famílias não se aproximam da casa, todas acham a vida que os filhos levam é uma loucura, com exceção da mãe de Laura, que veio da Argentina visitar a filha, passou um



Juliano

Um recanto bem situado, num morro que dá vista pro sul e pro norte da cidade do Rio, abriga quatro pessoas jovens, animadas e bastante diferentes entre si: Bebeto, físico e ator, 25 anos de idade; Laura, argentina que fugiu da monotonia e carece do seu país, secretária, 26 anos; Marta, professora de geografia, tem 24 anos e Flávio, dois anos mais velho do que Marta, físico.

Numa manhã de domingo aparecemos de sopetão, porém foi impossível acertar os pontos com Laura que, ainda bocejando em meio a copos, cinzas de cigarro e almofadas, nos explicava que não havia ninguém em casa. Resolvemos voltar outro dia e entre muitas idas e vindas sem conseguir encontrar essa trupe dispersa e inquieta junta, fomos abordando as pessoas individualmente e levamos uma semana até conseguir papear com todos.

mês entre a rapaziada e curtiu tudo. Os vizinhos também têm a mesma opinião das famílias, mas Laura discorda disso: “Aqui nós vivemos num esquema bem familiar. A nossa idéia não é simplesmente rachar um aluguel, mas transar uma coisa mais profunda juntos.”

CRUZAMENTOS E BADALAÇÕES

A casa é movimentadíssima, apesar da batalha de alguns moradores para evitar tanta agitação. “Teve uma época — conta Laura — em que a gente precisou de tranquilidade e, para conseguir isso, nós apagávamos as luzes às 9 horas da noite, para pensarem que não tinha ninguém. Todo mundo sabe que aqui não existe pai nem mãe, tudo é muito livre, então a vinda aqui vira um programa.” Marta vai mais fundo, aponta o culpado: “O Flávio é o responsável por isso, é através dele que vem a maior parte das pessoas pela primeira vez, depois é que elas ficam amigas da gente também.” Mas Flávio não nega: “Trago muita gente. Sei que às vezes incomoda, mas acho legal a gente conhecer sempre mais pessoas.”

Os encontros entre os membros da casa se dão quase sempre aos esbarrões, pelas madrugadas, e em finais de semana de praia ou ressaca, mas, como diz Marta, “todos sabem o que se passa com os outros”. Laura

comenta a dificuldade que tiveram pra se entender: “levamos quase um ano para nos amoldarmos e transarmos nossos defeitos; durante o período de adaptação tivemos muitas brigas, mas a convivência levou a nos conhecermos e passamos a transar melhor as coisas básicas”. Para Bebeto, o mais importante não é morar numa casa bonita, mas ter uma relação agradável com as outras pessoas: “morar com mais gente é uma opção que só vale a pena se estou bem com as pessoas, caso contrário, pulo fora”.

“O IMPORTANTE É QUE A NOSSA EMOÇÃO SOBREVIVA”

Quando perguntamos quais os motivos que levavam-nos a continuar juntos, apesar de tantos atropelos, cada um deu uma opinião diferente. Laura acha que isso acontece porque “todos respeitam a individualidade do outro, cada um tem seu espaço reconhecido pelo grupo”. Enquanto que Bebeto diz que o principal é que “se tem coragem de colocar pra fora todos os podres, apesar de doer muito”.

Aos trancos e barrancos, brigando em certas horas, às vezes chorando em reuniões fortes e demoradas, rasgando noites em papos angustiantes, a verdade é que se nota algum tipo de ligação entre todos eles.

“Quantas vezes alguns não arrumaram as malas e na última hora desistiram de partir? — pergunta Bebeto — Quem ainda não experimentou ter um lugar certo pra ir morar e ter faltado coragem de largar isso aqui? Durante muito tempo permanecemos juntos por uma questão conjuntural, precisávamos economicamente uns dos outros, mas agora a gente descobriu como respeitar o espaço de cada um: continuam existindo copos sujos na cozinha, mas não tenho raiva de ter que lavá-los, entende? Além do mais todos já se transaram muito bem numa certa época e agora estamos buscando de novo essa relação. Entre eu e a Laura, por exemplo, depois de dois anos de convivência, começou a pintar uma transa essa semana.”

Marta, que namorava Bebeto antes de vir morar na casa, comenta esse novo relacionamento: “a Laura sempre gostou muito dele e, como agora a gente não tem mais nada, eles resolveram transar o sexo que existe na relação deles. Ela sempre foi muito competitiva em relação a mim, mas eu compreendo bastante, ele é argentino, está sem família aqui...”

Para os quatro, a casa parece ter uma personalidade própria, como uma mulher vaidosa, que vive épocas de grande brilho e outras que caminham contra a maré, dependendo do grau de sintonia que existir entre seus moradores na época. E Laura dá a fórmula que muitas vezes evitou o esfacelamento da comunidade: “a gente sempre dá um jeitinho quando as coisas não funcionam. E só se afastar da casa por um tempo, passar um período fora daqui. Todos já fizeram isso. O único que permaneceu sempre em casa foi o gato”.

APOCALIPSE

Marta não sabe se vai continuar por muito tempo na casa, talvez procure outras companhias pra dividir novos espaços e viver novas relações, mas os outros três estão certos de que está valendo a pena o que estão vivendo. Flávio fala bonito: “aqui é o início de uma viagem, o primeiro lugar que moro depois que sai da casa dos velhos. Gosto de morar aqui. Tem desavenças entre a gente, mas é normal: gosto muito de viver com essas pessoas”. Laura também trata os companheiros de casa com carinho: “gosto de morar com a Martinha, com o Beto, com o Flávio. Se tivesse que escolher, escolheria as mesmas pessoas para morar junto”. E Bebeto parece sintetizar o pensamento dos que querem continuar navegando no mesmo barco: “a casa não é o ideal, mas também não quero sair daqui”.

DAU, LIBE E LUCIANA

LIVRARIA DO PSICÓLOGO

Livros de Psicologia

Psicanálise

Psiquiatria

Filosofia

e outros assuntos de
Interesse do Psicólogo.

Av. Augusto de Lima, 233,
sobre loja 29. Caixa Postal 1993
Telefone.: (031) 224- 5556
Belo Horizonte — MG.

I Simpósio ALTERNATIVAS NO ESPAÇO PSI Porto Alegre

psicologia-psiquiatria-
psicopedagogia-psicanálise

dias 10, 11 e 12 de outubro

Promoção: EMBRIÃO — núcleo de
estudos e ação em psicologia

Preços — estudante: Cr\$ 2.500,00
Profissional: Cr\$ 3.500,00

Como fazer — através de depósito em
qualquer agência do Banco Sul Brasileiro
a favor de Embrião — Núcleo de Estudos e
Ação em Psicologia, conta nº 014-01-4495-7

SIMPÓSIO TENDÊNCIAS PSI O que se diz e o que se faz hoje

31 de outubro, 1 e 2 de novembro

Inscrições:

local: Olinda — PE; na Faculdade
de Ciências Humanas

Preços — Até 30 de setembro
Estudante 3.000,00
profissional 3.500,00

Após 30 de setembro
Estudante 3.500,00
Profissional 4.000,00

promoção GESTO

GRUPO DE ESTUDO E TRABALHO

ESTÁ TODO MUNDO OLHANDO!



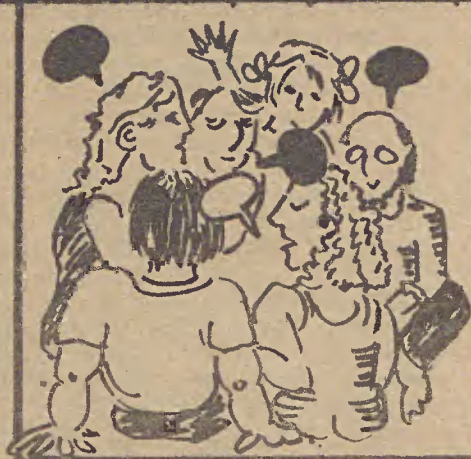
ENTÃO ANUNCIE

no Rio: Jorge Velloso 242-0126
em Sampa: Nelson Lopes 66-8686
em Belô: Espaço 463-3559

LUTA & PRAZER 11



VIVER REPÚBLICA



Quando as pessoas partem para morar juntas geralmente estão ligadas — entre outras coisas — por um sentimento comum de negação da família e das estruturas estabelecidas noutros locais de moradia (pensão, hotel, casa de estudante...), e procura-se, a partir dessa união, negar toda uma forma de vida institucionalizada em termos de repressão, opressão e patrulhismo.

Mas isso já entra em contradição com a maneira como são escolhidos os companheiros de moradia: geralmente só se enxerga a possibilidade de sair junto do atoleiro financeiro, deixando-se de lado algumas questões importantíssimas como: entrosamento mais profundo, amores, tensões, sentimentos...

E quando já está estruturada a república, um amigo que queira se juntar ao grupo deverá passar por um crivo, um "conselho" que o oficializa como membro, ou não. Mas na verdade as afinidades é que deveriam determinar a entrada ou não de alguém no grupo, e a absorção de um novo elemento pela comunidade deveria ser um processo natural de "osmose".

Outros problemas seríssimos dessa nova maneira de viver é a distribuição de tarefas. Normalmente dividem-se trabalho, responsabilidades e outras coisas mais, como se as pessoas fossem organogramas administrativos; não se percebe que isso é a reprodução de todo o esquema mutilador dos sistemas estáticos de vida, burocráticos e antinaturais.

Senão vejamos: quando, na escala de trabalho, tal pessoa fará tal coisa, em tal dia, fica estabelecido de antemão que naquele dia aquela pessoa FARA aquela coisa, sem se considerar todo o processo dinâmico, que é a vida afetivo-emocional da pessoa, e se ela estará ou não com saco de fazer aquilo para o qual foi escalada. Em outras palavras, repete-se o velho esquema dos quartéis, onde o trabalho é socializado (aos recrutas), e o FAZER apenas porque TEM que ser feito, elege o trabalho a uma condição de alienação, ao se deixar que o fascínio do trabalho obrigatório torne nubladas as relações mais naturais, regidas pelo prazer.

Na minha última (ou melhor, na mais recente) experiência comunitária, decidimos (sem reunião e sem falar sobre) que não decidiríamos nada sobre o funcionamento da casa. E ela funcionou e funciona perfeita-

mente bem: jamais caiu aos pedaços, nem as contas deixaram de ser pagas, nem ficou (por demais) suja, nem a pia entupiu. Tudo isso sem jamais havermos discutido como se daria o processo de administração!!!

A maioria das críticas que fiz acima são mais ou menos dirigidas às comunidades "republicanas", cuja filosofia prevalescente é o marxismo (que de marxistas só possuem a vontade de o serem).

De modo geral, estas repúblicas são réplicas do Partido: estruturadas em termos de trabalho; moralistas em termos de sexualidade; estáticas em termos de comportamentos; viciadas em termos de poder. Para toda e qualquer decisão (grande ou pequena, importante ou não) é preciso uma reunião geral, para se "deliberar" sobre estas questões. E quando um membro da república foge do comportamento exigido e/ou previsto, é chamado pelo "coletivo" e lavado a fazer auto-crítica (mea culpa), sob pena de exclusão do grupo.

Mas de Bakunin diz que "a liberdade do outro aumenta a minha ao infinito", e se entendermos a liberdade do outro — antes de ser um impedimento para minha — como um estímulo e um fator de aumento da minha, então devemos prever que o outro não me limita, mas que, mutuamente, há o crescimento do espaço de liberdade.

CAESAR SOBREIRA



PASQUIM
TODA SEMANA NAS BANCAS DE TODO O BRASIL
VEM QUE TEM!

INDEPENDENTE

É O QUE NÃO SE SUBMETE, O QUE NÃO TEM MEDO DE SE DIZER LIVRE, É SER AUTÔNOMO.

ASSINE REPORTER, UM JORNAL QUE É ISTO: INDEPENDENTE.



REPORTER

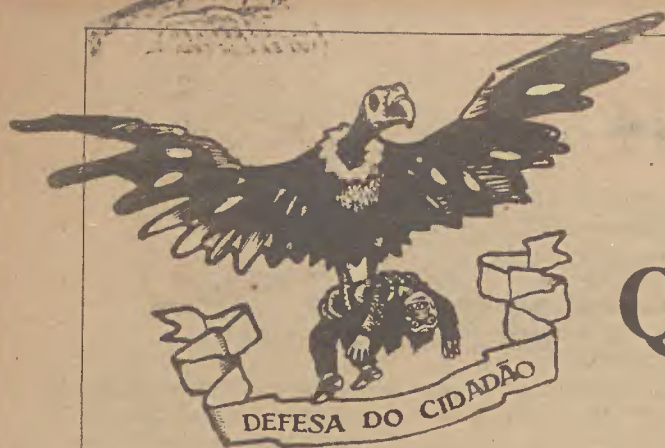
CUPOM DE ASSINATURA

Assinatura por 24 edições: Cr\$ 1.500,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
MARGEM S.A. Editora e Gráfica
Rua Miguel Couto 134/11.º
CEP 20070 — Rio de Janeiro

Nome: _____

Profissão: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____



QUEM PAGA A CONTA É ESSA TURMA AÍ (DE BRASILEIROS)

CÊ RALPH

PREVIDÊNCIA ELEITORAL

As contas do INAMPS entraram em parafuso, zona total, dívidas monstruosas, desacerto em grande estilo. As soluções propostas foram dignas de tecnocratas de terceira geração: "Taxem mais o povo" — saiu em voz metálica. A discordância explodiu dentro do próprio governo, pois 82 é ano de eleições e o cíclico teatro de fingir que se pensa nos interesses dos eleitores está prestes a entrar em cena.

A solução de uma administração mais eficaz, voltada para as necessidades dos contribuintes não foi aventada. O INAMPS serve hoje, basicamente aos políticos governistas e às grandes empresas conveniadas. Dados: No Rio Grande do Sul, estado do ministro da Previdência, Jair Soares, a quantidade de funcionários do INAMPS praticamente dobrou nos últimos seis meses, passando de 2.500 para 4.500 funcionários. Sabe-se que o Sr. ministro está em plena campanha eleitoral para o governo gaúcho, e nós, com nossos 8% mensais, pagando o empreguismo. Em Alagoas o cabide de empregos foi objeto de sorteio entre alguns deputados. O que tirou o papelzinho escrito INAMPS gritou de alegria, ia pendurar muitos votos na nossa conta. Este fato não é novo, é costume há muitos anos, mas o problema do empreguismo e da falta de votos dos deputados do PDS não pode continuar sendo colocado como mais um ônus a ser pago pelo cidadão brasileiro.

Quanto às empresas conveniadas, todos sabem que há mais mamata que serviço prestado. Sobram recursos para essas empresas na mesma medida que faltam escrúpulos para com os contribuintes. O exemplo mais gritante disso são as cesarianas desnecessárias praticadas por esses mercadores da saúde alheia. O índice de partos com operação superam em mais de 50% a média aceitável pela Organização Mundial de Saúde. Cortam-se desnecessariamente corpos em troca de lucro adicional. O abuso não tem limites.

O item incompetência tem um espaço enorme. Algumas linhas para o Paraná, onde o

INAMPS gasta 2 bi mensais com alugueis enquanto tem a sua disposição um edifício enorme, antigo hospital recebido como pagamento por alguma tramóia feita e que ninguém sabe mais. Os juros diários pagos à rede bancária dariam pra construir dezenas de ambulatórios, mas longe daqui esse pensamento, pois os bancos precisam funcionar com altos lucros, não é mesmo? Votos pro Sr. Dr. Jair Soares. Votos de muitos poucos votos.

PREVIDÊNCIA NUCLEAR

O rombo da Previdência é tão grande que nele caiu o intocável Golbery. Desgraça pouca; o rombo do programa nuclear promete ser muito maior. Segundo cálculos do prof. Joaquim Francisco de Carvalho, para que o custo da energia a ser gerada pelas usinas atômicas seja equivalente à proveniente de hidrelétricas, o Governo terá que arcar, atualmente, com um subsídio mais ou menos igual a três vezes o atual déficit da Previdência. Em outras palavras, seja via subsídio, ou tarifa direta, quem vai pagar seremos nós. Ainda há tempo para minimizar este "pequeno erro de cálculo", desativando o programa no estado em que está, funcionando somente o que já foi feito. Esta peça atômica deve seguir o princípio das peças na Broadway: quando o fracasso é monumental é melhor tirar de cartaz que insistir no desastre.

QUANDO AS PARALELAS SE ENCONTRAM

O Secretário de Finanças do Rio de Janeiro diz que a situação econômica do estado é terrível, que o aperto do cinto é geral, que obras, só as de primeiríssima necessidade. Os moradores do bairro de Laranjeiras, em sua totalidade, são contra uma monumental obra programada — a via Paralela — e desenvolvem uma campanha há anos, inclusive com projetos alternativos feitos por urbanistas de reconhecida capacidade. Resultado: o prefeito vai fazer já o enorme viaduto, que gastará bilhões e que ferirá frontalmente a vontade de todos do bairro. Parece que não entendem, não é?

Mas claro que não é só isso. As razões são mais embaixo, perto do bolso, para ser mais preciso. E afetação radicalmente a vida de um bairro inteiro, destruindo 130 edificações, entre elas 4 escolas, 1 clínica, e 5 vilas residenciais, expulsando a população e aumentando enormemente a poluição sonora e visual.

Na verdade, a proposta da Paralela não visa nem ao menos solucionar os problemas de trânsito do bairro, mas sim de fazer um corredor de tráfego que desafogue o trânsito Barra da Tijuca-Centro-Av. Brasil. Tal obra visa a atender aos interesses especulativos dos investidores da Barra, pois facilita somente os seus deslocamentos. Toda essa história de "a cidade cresce para a Barra" ainda será contada direitinho. A concentração de poder no Executivo, que no Rio é quem legisla sobre o crescimento da cidade, facilitou a manipulação das decisões por grupos políticos e econômicos, principalmente os vinculados à indústria de construção e imobiliária. O falecido Marcos Tamoyo que o diga. Só que agora estão desmascarados e encontrando oposição organizada, por parte das associações de bairro, como a AMAL, de Laranjeiras. No seu jornal "Folha de Laranjeiras", os moradores pedem — "1. Respeito ao cidadão, que deve ser consultado naquilo que lhe afeta; (...) 4. Implantação de um sistema de transporte coletivo e eficiente; 5. Conclusão da estação do Metrô e funcionamento das linhas de ônibus de integração (já está pronta, sem funcionar). (...) 7. Que se use melhor nossos impostos. Não se justifica optar por uma obra de tal porte, que só em uma de suas partes custaria, em janeiro, Cr\$ 140.000.000,00 reajustáveis a cada 3 meses, sem incluir os custos de desapropriação." E muitas outras coisas de interesse específico. Como nota final, a sugestão de um dos moradores do bairro, dada quando fomos pedir dados para esta nota: "O gato está com o rabo de fora, procure saber também quem são os donos da construtora do viaduto, dizem que..." E mais não falou, nem foi perguntado.



Brasil, Ano I da Era Radioativa

ALFREDO SIRKIS

Angra I está entrando em funcionamento por esses dias, queimando seus primeiros bastões de combustível irradiado, produzindo pela primeira vez no Brasil a radioatividade.

Entramos na era da radioatividade, neste terceiro ano do reinado de dom João VII e já está prometido que emplacaremos o segundo milênio com nove usinas nucleares prontinhas no litoral brasileiro. Junto com elas toda uma cangalha de acessórios: usinas de enriquecimento e de retratamento, depósitos de lixo radioativo, etc...

Uma usina do tipo Angra I produz cerca de 35 toneladas anuais de lixo radioativo, logo nove unidades elevariam esse total para 310 toneladas anuais. Em dez anos já serão três mil e cem toneladas de materiais letais para os próximos dez mil anos.

Que fazer com esse lixo? A primeira alternativa, que é usada na maioria dos países, é estocar. Guardar em piscinas especiais. A outra é o retratamento, um processo complicado e que exige o transporte de toneladas de lixo radioativo.

Ambas soluções apresentam riscos. Estocar nas proximidades da usina pode trazer más surpresas. Na praia que os índios chamavam de Itaorna (pedra podre) e sobre a qual o homem branco insiste em erguer centrais atômicas, o terreno está sujeito a deslizamentos e enchentes. Quanto ao retratamento, implica no transporte de materiais radioativos para locais há centenas de quilômetros das usinas: caminhões, trens ou barcos.

QUEM VIVER VERÁ

Não é necessário ninguém ser profeta para adivinhar que um dia leremos uma notícia mais ou menos assim nos jornais: "Caminhão capota, derruba container radioativo e irradia rodovia presidente Dutra. Duzentos contaminados, governo promete apurar".

O trinômio negligência-incompetência-corrupção encontrará certamente formas de mostrar seus talentos e vazar por aí uns quilinhos de material fissil. Quem viver verá.

Afinal, estamos no país no qual a ponte Rio-Niterói caiu três vezes, aonde ruiu o viaduto Paulo de Frontin, o país onde queimaram feito cabeças de fósforo edifícios da Av. Paulista. Todas as cagadas são possíveis. Para quando a vez da cagada atômica?

Não pensem vocês que esses riscos são os únicos inconvenientes. Nessa história do nuclear o Brasil não sifu de graça. Está pagando pela enrabada tecnológica a módica quantia de 30 bilhões de dólares.

Atualmente nesse país todo mundo é contra o programa

nuclear e pede, pelo menos, a sua revisão e desaquecimento. Inclusive a grande imprensa, os empresários paulistas, o próprio Golbery. Mas o programa continua apoiado na cega obstinação de figuras como os ministros Delfim, Cals e Medeiros, expoentes de primeira linha do minúsculo, mas poderoso, clã dos nucleocratas.

Parece que o assunto virou do bedelho exclusivo da "segurança nacional", o que chega a ser hilariante pois em termos militares, nada há de mais inseguro num país do que uma usina nuclear. Uma bomba de um avião, um canhão certo e bum: explode como se fosse uma bomba atômica "suja" de pouco sopro e muita radioatividade. É o que quase aconteceu no Iraque por uma questão de duas semanas.

MAMATA NUCLEAR

Este cenário, bem como o de uma "síndrome da China" com o **mealtdown** (fusão) do reator, são altamente improváveis mas não são impossíveis. Mesmo que nunca aconteçam existe o risco dos acidentes "menores" que sucedem às centenas todos os anos e há naturalmente implicações políticas dessa opção pelo nuclear importado: maior dependência tecnológica, paranóia de segurança contra uma possível sabotagem nuclear, reforço da centralização e do poder tecnocrático, etc...

O país continuará se arruinando para financiar os gastos astronômicos do programa e desprezando outras possibilidades de enfrentar seus problemas energéticos (aproveitar melhor o potencial hidroelétrico, economizar eletricidade, desenvolver o solar e outras energias alternativas).

Setembro de 81. Primeiros testes com o combustível irradiado de Angra I, o Brasil entra na era radioativa. Daqui a alguns anos essa data será um marco da irresponsabilidade dos governantes. Mas periga já ser tarde demais para desfazer a armadilha. Entraremos para a história como a geração que assistiu passivamente ao início do processo de acumulação do lixo nuclear que os nossos filhos e netos vão respirar em quantidades cada vez maiores.

Os brasileiros do futuro não esquecerão que tudo começou com um delírio de grandeza da monarquia absolutista de Geisel cujo único bem foi o de salvar da bancarrota uma multinacional alemã, a KWU, cujas oito usinas vendidas ao Brasil são a única encomenda que recebeu nos últimos cinco anos. Com a Angra I, a americana e as oito usinas do acordo Brasil-Alemanha, o Brasil passou da mamata convencional à nuclear, sinal inequívoco de progresso.

Polêmico e controverso como sempre, Augusto Boal veio ao Rio para dar mais um curso de Teatro do Oprimido. Meio ditador, como ele próprio admite, porém tímido e discreto, queixando-se de uma dor de dentes e apertado num quarto da Casa do Estudante Universitário com vários entrevistadores, Boal concedeu esta exclusiva ao L & P. Foram mais de duas horas de papo onde se revelou um excelente contador de histórias. A cada pergunta, respondia com uma história, um episódio engraçado: Teatro Invisível? "Uma vez na Argentina..." Machismo? "Quando eu estava..." Família? "Lá em casa..." Enfim, foi um apanhado de sua vida e experiência que passamos a vocês nestas cenas de uma grande peça. Messieur e mesdames, je vous présente:

CENA 1: GUERRILHA TEATRAL

"Eu trabalho com teatro há muitos anos, mas o Teatro do Oprimido surgiu logo após 64. Trabalhávamos com teatro panfletário, de propaganda. Era o período do "janidar-quismo", das grandes certezas, e saíamos distribuindo o nacionalismo.

Tudo era muito imediato. Eu me lembro que, quando se deu o bloqueio de Cuba pela manhã, à noite o pessoal escreveu a peça e no dia seguinte, na escadaria do Municipal do Rio, a gente encenou a peça sem que os atores tivessem acabado de ler. Mas aí veio 68, as certezas e as possibilidades de veiculá-las acabaram. Começamos a duvidar do que propagávamos.

No período de Castelo Branco, entre 64 e 68, da ditadura relativa, não tínhamos o direito de decidir nada mas pelo menos podíamos protestar. Agora, voltando ao Brasil, estava revendo minha biblioteca, quando lembrei de uma peça que dirigi: "Feira Paulista de Opinião", com o Guarneri, Jorge Andrade, Plínio Marcos, Caetano, Gil, Edu Lobo. A peça deveria ser encenada em SP, mas foi proibida pela censura. Não satisfeitos, resolvemos proclamar desobediência civil e fazer o espetáculo na marra. Neste dia houve uma greve geral de todos os teatros de SP e artistas e autores foram para o Ruth Escobar, onde estávamos. Eu me lembro que a Cacilda Becker subiu no palco e disse que a classe teatral se declarava em desobediência civil. E encenamos. Dia seguinte o teatro estava cercado pela polícia. Fomos então para o Maria Della Costa, interrompemos o espetáculo, subimos no palco e representamos a parte proibida do nosso. Quando a polícia chegou, a peça em cartaz já estava de novo em cena. No dia seguinte todos os teatros de São Paulo estavam fechados. Fomos para Santo André. Assim, corríamos as cidades e criávamos um lastro de luta. Os jornais publicavam: GUERRILHA TEATRAL. Mas chegou 68 e a gente não podia mais fazer teatro aberto, popular. Começamos a pensar numa forma de teatro em que pudessem participar em vez de a gente encenar. O fundamental do Teatro do Oprimido foi isso: não dar mais conselhos e utilizar aquilo que sabíamos que era teatro. Isso, a gente podia dar para o público para que ele desenvolvesse da maneira que quisesse, para os fins que quisesse. A gente dá as armas, não o alvo..."

CENA 3: SOU ARGENTINO E TENHO FOME

... "A primeira forma do teatro invisível não foi pensada, ela surgiu, foi uma realidade concreta. A gente tinha que fazer teatro na rua, mas a polícia estava sempre em cima. Isto aconteceu na Argentina, na época de uma ditadura camuflada. A idéia surgiu como uma tática de escapar da polícia. A gente armava e cena e se os policiais aparcessem, era só "disfarçar", ninguém estava fantasiado, ninguém sabia que era teatro.

A primeira peça que a gente fez foi sobre uma lei que dizia que nenhum argentino podia morrer de fome, todo cidadão tinha o direito de entrar em qualquer restaurante e comer tudo o que quisesse, menos vinho e sobremesa, e podia assinar a conta dizendo que era argentino e tinha fome. Fizemos a peça num restaurante de verdade. Ficava assim: um cara entrava no restaurante aos gritos dizendo que era argentino e que tinha fome, mas não queria nem vinho, nem sobremesa. Nisso, todo mundo já estava olhando para ele, que repetia sempre os termos e aos gritos. Todo mundo achava muito divertido, até os garçons, mas na hora em que ele assinava a conta, ao invés de pagar, começava o problema. Mas o "freguês" tinha um texto já preparado e havia vários outros atores espalhados pelas outras mesas. Tinha um que representava um advogado e entrava na conversa dizendo que o "freguês" tinha razão e explicando a tal lei. Daqui a pouco, todo o restaurante estava discutindo o problema. Se desenvolviam uma série de ações reais com intervenção direta do "espectador".

Mais tarde, o teatro invisível começou a se ampliar enquanto proposta. Além da agitação política, criar um problema para discutir-lo, foi usado em educação (no Peru), pode ser usado também em terapia. Na Suécia, a gente falava muito sobre poluição e dava para se criar cenas ótimas.

O teatro invisível também é uma forma de se afirmar na realidade, de dar oportunidade para que as pessoas exerçam seus direitos."

CENA 4: NÃO É ILEGAL

... "No Peru fizemos um trabalho ligado à alfabetização e a reivindicações como água, luz, etc. A gente trabalhava com o pessoal das favelas. Nós começamos com o teatro forum, mas de uma forma diferente. Por exemplo: amanhã alguém terá que ir falar com o delegado para protestar contra a falta d'água. Nós então preparávamos a cena: um era o delegado, outro o que ia reclamar. Nós fazíamos o ensaio de uma ação que ia ser extrapolada para a realidade no dia seguinte. Era uma forma quente de se discutir uma ação que vai ser imediata, não uma hipótese.

O Teatro do Oprimido é uma coisa que, embora possa ter uma função de agitação, não é ilegal. A nossa intenção não é trabalhar o ilegal mas sim mostrar a ilegitimidade da legalidade. Mostrar a contradição..."

CENA 5: DIFAMAÇÃO E TORTURA

... "Não, nunca usamos nenhuma das técnicas para preparar para a tortura porque aí a situação já é de agressão e a gente trabalha com opressão. E depois, não dá para preparar. Quando eu fui torturado, eu era acusado de difamar o Brasil. Eu lembro que estava pendurado no pau-de-arara, todo inchado, e perguntei ao torturador como é que eu difamava o Brasil, ao que ele me respondeu: "Quando você vai para o exterior, você diz que tem tortura no Brasil." Ainda lembro de ter falado: "Mas é verdade, vocês estão me torturando." É terrível, e esta sensação não dá para preparar. É a consciência da morte, da vulnerabilidade do corpo. O fato de poder deixar de existir concretamente. Diante da tortura, a possibilidade da morte é real..."

CENA 6: CONDECORADOS E CONFINADOS

... "Eu nunca digo a um grupo quais as opressões que ele sofre. Eu pergunto quais as opressões que eles sentem. Porque para que o Teatro do Oprimido funcione, as pessoas têm que ter consciência do que sentem e um, ainda que débil, desejo de transformar. A gente pode fortalecer um desejo que já existe mas criar desejos é muito difícil. A gente pode alargar consciências, não fabricá-las."

Juliano



BOA BOAL!

participaram
AMANDA, BETH, EUGÊNIO MARER, LUCIANA, LUIS SARMENTO

"Eu nunca tinha... ocupado com outro tipo de opressão que não fosse a do imperialismo e da burguesia. Eu achava que eram as únicas, não via as outras. Como eu não sou homossexual, nem mulher, não via esses problemas. Ficava sempre deixando para mais tarde. Depois, eu li algumas coisas sobre as mulheres argelinas, que me abriram muito os olhos. Havia também o caso dos negros nos EUA. Na 2ª Guerra, eles iam para a frente de batalha, eram condecorados, mas quando voltavam, eram novamente confinados aos guetos. A prioridade era acabar com o nazismo, mas isso não quer dizer que as outras lutas não fossem importantes. É preciso ver também o nazismo interno. Você não vai ser um revolucionário se você for um policial em relação às mulheres, aos homossexuais, aos negros..."

CENA 7: MECANISMO VICIOSO

... "O Teatro do Oprimido me modificou muito. Não tanto na medida em que eu gostaria, mas bastante. Se você começa a trabalhar num grupo onde as pessoas estão constantemente colocando problemas de opressão e caminhos de desopressão, você começa a detectar nos outros problemas que são seus. Quer dizer, é impossível não modificar. Teatro do Oprimido é tomar consciência e, em seguida, extrapolar para a vida real. Apenas tomar consciência não interessa.

Eu me lembro especificamente de uma coisa que me marcou muito. Nós estávamos trabalhando com relacionamento familiar e um sujeito estava trazendo uma situação que o angustiava muito: Todo dia ele chegava em casa e brigava com a mulher. Ele tentava evitar, mas não conseguia e isso estava deixando-o muito angustiado. Ele estava apresentando um problema dele, mas cada pessoa se projeta na situação de forma diferente. E eu comeci a perceber que eu fazia a mesma coisa lá em casa, não da mesma forma, é claro, mas já havia um mecanismo vicioso de eu provocar pequenos conflitos que não tinham razão de ser. Quer dizer... não era a mesma coisa porque lá em casa não havia grosseria, mas isso às vezes, é até pior, porque a coisa é mais sutil..."

CENA 8: CHEFE DE FAMILIA

... "Eu acredito que o machismo fica no inconsciente da gente. Eu sei que sou machista. Foi sempre por razões minhas que a família se deslocou. Nós saímos daqui porque eu fui preso, da Argentina porque eu corria risco; de Portugal porque eu briguei. Quer dizer, isso é uma opressão enorme. Minha mulher sempre foi muito herbica. Ela é argentina e teve que aprender português para trabalhar comigo. Agora parou com tudo para aprender francês e só agora, depois de dois anos, ela vai recomçar a trabalhar. Isso é determinado não só por fatores internos, como externos também: Eu tenho mais condições de sustentar a família. Eu, contra todas as minhas idéias, sou posto como chefe de família, por mais que eu negue, na prática é isso o que acontece..."

CENA 9: TIRANIA DE DEFESA

... "Eu sou filho de portugueses de Trás-os-Montes, sabe o que é isso? É uma região onde não houve a revolução, nem as notícias chegaram lá. Mas às vezes eu me pergunto se isso é desculpa. Eu dou muita liberdade aos meus filhos. Eles viajam, transam, têm uma vida independente mas eu me pergunto se, de alguma forma, eu os oprimo. Será que eu estou apenas negando a minha educação ou estou afirmando algo novo? Às vezes eu fico achando que a liberdade que eu dou é uma forma de me desresponsabilizar. Nessas questões de poder acontecem coisas muito complexas e contraditórias. O meu grupo de trabalho, por exemplo, acha que eu sou meio ditador. E eu acho que é meio verdade. Existe uma tirania, mas é uma tirania de defesa..."

Autoritário?

Durante uma semana estive em contato com Augusto Boal. Um grupo de 27 pessoas tentando aprender algo de seu trabalho e experiência com o Teatro do Oprimido. Boal reside atualmente na França, onde possui um grupo regular de trabalho.

Confesso que fui preparado para este encontro, que durou 25 horas. As notícias que me haviam chegado eram de um sujeito autoritário na sua forma de lidar. O que pra mim não consistia surpresa. Muitos são os que falam hoje em dia em libertação, desopressão, mas não a praticam. No entanto o que aconteceu foi uma lição permanente de integração entre expectativas de Boal e do grupo. Em poucos momentos sua liderança foi impositiva. Numa delas, na questão de horário, Boal absorveu a resistência muda do grupo e voltou ao horário anterior.

Em outro momento, um impasse surgiu: muitos já haviam feito o curso com Boal no ano anterior; outros não tinham experiência. Como trabalhar? Como sua equipe na França desenvolveu um trabalho intitulado "Flic dans la tête", ou seja, "policial na cabeça", acabou se dando prioridade a esta técnica. Neste trabalho, procura-se verificar e ajudar as pessoas a tomarem consciência de como internalizaram a opressão e continuam a reproduzi-la, impedindo uma ação libertadora na vida. É um trabalho com imagens dinâmicas de situações de opressão, sem texto. O espectador é convidado a tentar romper com a opressão, projetando a imagem de sua própria opressão. Um exemplo: 3 pessoas marchando, sérias, duras — no meio delas, uma dançando. Num determinado ponto as 3 se voltam contra ela e agridem-na. Ela cai, os outros continuam marchando. A pessoa se levanta, corre atrás das outras e começa a marchar. Vários são os que tentam modificar a situação, chamando mais pessoas da platéia para dançar, brigando com os opressores, tentando enganá-los, fugindo. O principal é que vendo esta cena, nos identificamos muito com o nosso momento político. E Boal nos contou a origem da cena: um bancário na França que resumia assim o seu trabalho: um lugar em que todos tinham que cumprir suas atividades sérias, duras, e ele queria de vez em quando cantar, dar uma saída, etc.

No trabalho de Boal, uma coisa é fundamental: o rompimento com a própria opressão que é a situação do teatro — espectadores e atores — passivos e ativos. Ele nos convidou, incitou, a participar e modificar o que está ocorrendo. A semelhança de Paulo Freire em Educação, Boal procura no Teatro encontrar um tema que seja comum a todos os presentes. Partir da própria opressão vivenciada pelo grupo. Paulo Freire faz o mesmo quando procura encontrar na população analfabeta as palavras que contém um forte significado para ela.

Existem 4 vertentes em seu trabalho: Flic dans la tête, já descrito, teatro invisível, teatro de foro e teatro imagem.

O teatro invisível consiste, como seu nome sugere, no teatro não percebido como encenação e levado nas ruas. Os atores pesquisam um tema ligado à comunidade — racismo —, discriminação racial, etc. A partir daí, é montada uma cena que mostre tal situação sem que as pessoas percebam que ela não é real, e assim interviem e tomam consciência de opressão e tentam modificá-la. Por exemplo, entrar num restaurante, comer e depois não pagar por não ter dinheiro. A lei permite. Coloca-se num restaurante uma outra pessoa para fingir que é advogado, que se levanta e diz a lei. Outros, colocados em outras mesas aplauiam. E aí começam todos a serem mobilizados.

O teatro foro já é levado em teatro. Trata-se de uma cena de opressão que é dramatizada. As relações numa escola, numa fábrica, em casa, etc. Procura-se mostrar a cena de opressão e o espectador é incentivado a entrar no lugar de algum ator e tentar modificar a situação. Antes de montada a cena, os espectadores, assim como os atores, passam por um aquecimento. Vários jogos e exercícios são propostos para mobilizar a todos. Depois passa-se para o teatro imagem, ou seja, os espectadores começam a propor imagens, situações de opressão a nível estético, utilizando-se das pessoas presentes. A partir daí sairá o teatro foro.

EUGÊNIO MARER



Teatro terapêutico:



GUERRILHA PSQUIÁTRICA



NASCIMENTO E DESENVOLVIMENTO

Desde a Grécia antiga que essa forma de tratamento vem sendo utilizada na "cura de doenças mentais"; com o surgimento de outras terapias é que o drama foi deixado de lado, mas hoje ele parece estar sendo recuperado, está sendo redescoberto seu grande valor terapêutico.

No Brasil, o aparecimento dessa nova técnica terapêutica se deu há mais de oito anos no Rio de Janeiro, quando os médicos Cláudio Campos e Francisco de Assis Araújo — unindo suas experiências com psicodrama e teatro — começaram a utilizá-la no Instituto de Psiquiatria.

No Pinel — outro conhecido manicômio carioca — somente há um ano e meio é que o T.T. deu seu ponto de partida. E isso aconteceu, segundo o psiquiatra Gerson Rangel, somente depois que "o médico Francisco de Assis Araújo assumiu a chefia da Terapia Ocupacional do hospital".

COMO SE REALIZA

"As pessoas vão chegando no espaço onde se realizará a sessão e vão se agrupando em número de dez ou doze — explica Gerson. Dispõe-se um número suficiente de cadeiras em círculo, cujo centro será o "palco" (embora não haja rigidez na divisão dos espaços) e a partir daí os terapeutas propõem que cada pessoa relate um fato — real ou não — e tente colocá-lo de forma dramatizada. Essa mesma pessoa que narra atribui papéis aos outros pacientes ou assistentes. Nós trabalhamos em equipe onde há um diretor (posição rotativa) e os egos auxiliares, que se encarregam de estabelecer uma ligação entre o grupo (inconsciente) e o diretor (superego). E os pacientes requisitam demais os egos auxiliares para representar papéis que exercem poder" numa demonstração de que eles

O Teatro Terapêutico é uma fusão de técnicas psicodramáticas, psicanalíticas, teatrais e de terapia ocupacional, que juntas são empregadas no tratamento de "doentes mentais" (todos os adjetivos que se referirem aos internos dos manicômios virão entre aspas, pois não concordamos com nenhum deles) nas instituições psiquiátricas. O psicodrama auxilia o "paciente" na capacidade de expressar seus desejos e emoções, a terapia ocupacional se encarrega de valorizar o produto dessas expressões, através da psicanálise os terapeutas "entendem" e aprofundam os discursos expressivos trazidos pelos "doentes", e o teatro integra tudo e todos numa grande peça que, ao ser encenada, representa o drama vivido pelos "loucos" dentro dos asilos.

sentem que somente os habitantes do hospital que não são do grupo (no caso, enfermeiros, zeladores e médicos) é que têm o poder.

"No final da cena teatroterapêutica Carmem Tatsch esclarece — nós fazemos uma análise do conteúdo, tentando criar uma relação entre o que ocorreu no palco e a instituição porque na maior parte das vezes o conteúdo da cena está relacionado com o hospital."

Teoricamente as cenas são livres e cada um pode fazer o que bem entender, os próprios pacientes funcionando como freio ou acelerador, mas Carmem confessa que há muita contradição na postura dos teatroterapeutas: "Nunca tive que cortar nenhuma cena até hoje — ou por excesso de violência ou por excesso de sexualidade, que são as duas maiores ameaças — mas às vezes fico ansiosa com os conteúdos muito agressivos ou muito sexuais, me perguntando qual o

limite. Então geralmente recorro ao grupo e peço sua opinião. O T.T. mexe muito com as angústias e ansiedades da gente, por isso temos que estar nos trabalhando na terapia para que isso não bloqueie o grupo, para que não aconteça de dirigirmos sua atenção para um tema, com medo de abordarmos um outro mais forte."

DIFICULDADES

Os proprietários dos hospitais psiquiátricos brasileiros ganham tubos de dinheiro para manter os seres humanos rotulados de "débeis mentais" num estado de coma (graças às pilulas mais tolas ou aos choques mais violentos), para levá-los masoquista e lentamente à morte. Como o teatro terapêutico está comprometido com a vida, com a criação, e denuncia essa atrocidade, seus idealizadores e realizadores não recebem qualquer tipo de apoio no sentido de

difundirem o trabalho e de quebra ainda recebem fortes pressões e desestímulo.

No início dos trabalhos no Instituto de Psiquiatria as perseguições foram tantas que de cinco grupos que se formaram, só restou um. "Na enfermaria — assinala Carmen — havia uma cartaz que dizia: 'choque elétrico e teatro terapêutico, só com prescrição médica'. E como os pacientes geralmente saíam de sessão pedindo alta, cantando ou agitando qualquer coisa, nosso trabalho era tido como revolucionário", no sentido pejorativo da palavra, claro. No Pinel o T.T. não chegou sequer a ser recolhido como parte do tratamento.

As instituições não pagam absolutamente nada a quem realiza esse trabalho. "A gente continua trabalhando porque acredita no que está fazendo — desabafa Carmen — mas aqui no Instituto de Psiquiatria somos verdadeiros marginais". E Gerson reforçou: "No Pinel tudo está sendo feito quase que a título de pesquisa."

Até o momento não se pôde avaliar a eficácia do T.T., pois a rotatividade dos hospitais é tão grande que o teatroterapeuta não consegue acompanhar por mais de três meses o mesmo "paciente", o mesmo já passou para mãos de outros profissionais, que por sua vez não tem nenhum conhecimento do que possa ter acontecido com ele momentos antes de sua chegada naquele departamento.

Diante da pergunta de como é que se conseguia trabalhar mesmo sofrendo tantas perseguições e desprezo, Carmen acaba revelando: "às vezes me dá uma frustração muito grande, nosso desgaste é enorme, mas eu sou apaixonada por esse trabalho".

DAU BASTOS E LIBE BEJGEL

Excesso de violência ou de sexualidade, as duas maiores ameaças.

CENTRO DE ESTUDOS E TRATAMENTOS PSICOLÓGICOS



Psiquiatria • Psicologia • Psicoterapia
Convênio com a UNIMED

- Empréstimos de livros.
- Revistas, fitas, slides.
- Filmes, apostilas, etc.
- Orientação Profissional.
- Aconselhamento.
- Consultas com hora marcada.

Rua 16 de Março 86, sala 210
Petrópolis — RJ. Tel (0242) 431916

livraria sidartha

Av. N. S. de Copacabana, 1.052
(entre as ruas Miguel Lemos e Djalma Ulrich)
CEP 22.060 — Rio de Janeiro, RJ.

A mais nova livraria de Copacabana.
A SIDARTHA tem o livro que você precisa: científico, técnico, didático, infantil, de arte e literatura.
Mas é especializada na área ESPIRITUALISTA. Faça da SIDARTHA seu ponto de encontro com a cultura e o espírito. Atendemos, também, pelo REEMBOLSO POSTAL.

PSICÓLOGO CLÍNICO



IRANI MENEZES
(CRP. 05-3417)

Terapia Centrada no Cliente
adolescentes e adultos

Marcar hora.

De 2ª a 6ª, de 8 às 12h.

Rua do Catete 168/608 — A — RIO



LIVRARIA
MANDURI

Literatura
Ciências Humanas
Livros de Arte

Aberta de 9 às 20h.

Rua da Consolação, 265 — São Paulo

PEÇA PELO TELEFONE 258-9610

GLAUBER, MEU PAI

agência globo



O voo da Transbrasil para Salvador estava marcado para 16h. Há dois anos que não via Paloma. Não consegui ir ao velório nem ao enterro de Glauber, mas sabia que sua morte representava muito dentro da vida de cada brasileiro. Paloma trazia no rosto um olhar tranqüilo, sofrido, ombros meio caídos, mas com muita força, um jeito carinhoso e humano de abraçar... "Srs. passageiros, o voo da Transbrasil com destino a Salvador terá atraso de cinquenta minutos..." — anunciava a voz feminina no altofalante. Paloma estava sozinha. Sentamos sobre as malas e, em meio ao alvoroço do Galeão, conversamos sobre os lamentos, sonhos e perspectivas conseqüentes da morte de seu pai: "... estou doída para chegar em Salvador, me olhar de frente, ficar comigo mesma... a morte do Glauber me deixou muito meditativa..."

O registro dessas frases soltas da Paloma mostra mais um coração e uma cabeça que levará adiante a luta de seu pai: Glauber de Andrade Rocha, 42 anos, balano de Vitória da Conquista, saudade brasileira...

"Sei que a cada dia que passar vai ser mais difícil conviver com a saudade que já

sinto do Glauber. Apesar de ter vivido mais tempo sem ele do que com ele, Glauber foi a pessoa que mais me compreendeu. Conversamos horas antes dele morrer e senti que ele me percebeu no fundo, como pessoa e como filha, que ele percebeu muita coisa, ele conheceu a alma de nossa gente, ele amou e sofreu junto do povo, até que não teve mais resistência e cedeu à dor, à auto-destruição. E agora, quem vai levar a batalha pra frente? Outras pessoas surgirão, mas Glauber é insubstituível. Os novos glauberes surgirão do povo, de meios menos elitistas. A revolução que a gente pressente no ar será agora mais profunda, branda, o grito sairá do fundo do peito, de uma forma mais madura. Não será desses políticos caducos que surgirão transformações, a força tá com a gente que é jovem. A revolta inconsciente é inevitável, nem que seja depois da morte. Nosso heroísmo é real. A revisão histórica é necessária como consequência natural: re — fazer viver uma outra visão. Quem vai sofrer com a morte do Glauber é minha avó que a curto prazo perdeu o marido, meu avô Adamastor e a filha Anecy, minha tia. Para ela vai ser realmente difícil suportar o resto de seus anos. Ontem me bateu uma saudade muito

forte, às vezes parece que o fato já arranhou lugar dentro de mim, mas de repente volta aquela saudade, a morte do Glauber me deixou muito meditativa, preciso voltar pra Salvador, me olhar de frente, ficar comigo mesma... vou reassumir logo minha rotina baiana. Atrás dessa força me enveredo pelos caminhos de Biologia, no mundo das células, das nações orgânicas que produzem energia em forma de calor, luz, eletricidade. Pequenas partes aqui e ali se juntam a um todo, sendo a parte de um todo maior em todo meu barroquismo. Não tenho me interessado pelo teatro convencional ultimamente, porque ele está fechado em grupinhos. Estou fazendo uma mistura de loga e capoeira. Nosso teatro é o Candomblé lá de Salvador, que libera as forças e fantasias de nosso povo. Todos que estão jogando pedras no ônibus são influenciados pela força de Ogum, a força da sexualidade é expressada pela Pombagira. Parei de fazer teatro da forma que pensam que é se fazer teatro, meu teatro agora saiu do palco, se incorporou ao meu dia-a-dia. Sei que sou uma pessoa mística e na Bahia a gente se envolve com esse sentimento. Estou buscando meu próprio caminho, quero descobrir a minha forma de ser livre. A forma

de uma geração. Tem sido duro, áspero, irreversível. A gente tem que experimentar tudo nessa terra, quero vasculhar todos os lados. Qual é a nossa missão aqui? Não me apeguei a nenhum partido ou tendência. Estou buscando atualmente uma relação mais desapegada com as pessoas, sem envolver tanto nosso ego, quero questionar todos nossos apegos, conhecer minhas carências. Quero uma coisa criada por nós, com a capacidade que Deus nos deu, que logicamente não é só a de rezar e acender velas. Satisfação, pois sei que a vida não é só esse viver... "no-que Paloma é filha da primeira mulher de Glauber, a atriz Helena Inês. Tem pouco mais de vinte anos e toda a energia e carisma da família baiana Rocha. De Vitória da Conquista, formação protestante, criada um pouco com a mãe, um pouco com a avó Lúcia e o avô Adamastor (pai de Glauber, já falecido). Morou por poucos anos com Glauber, em 76, quando ele voltava do exílio, num antigo sobradão da Rua das Palmeiras (até o nome da rua tem um sabor tropical), em Botafogo, vendido há poucos anos. Em 1979 Glauber saiu do Brasil e Paloma voltou pra Salvador, onde mora até hoje.

"Por enquanto não preciso me preocupar com dinheiro, o Governo dará uma pensão pra gente é o Glauber também me deixou um pouco de dinheiro com a venda da casa das Palmeiras... ontem fui à Brasília, sentar nas cadeiras de veludo do Senado, tomar café e bolo de aipim com o senador José Sarney. O congresso prestou homenagem à Glauber. Gosto muito de Brasília. Acho que tá na hora, tô louca pra entrar nesse avião e chegar em Salvador..." Srs. passageiros, o voo da Transbrasil com destino à Salvador..."

Acho que não volto mais no Rio nesse ano..."

Tchau, Paloma, boa viagem, vai com Deus.

Tchau, Glauber, boa viagem, vai com Deus.

EUGÊNIO VIOLA

MORRO X UNIVERSIDADE

Fernando, Helena, Vera, Joana e Felipe, psicólogos e médicos recém-formados, estão realizando um trabalho junto aos moradores da Favela Tabajaras, no bairro de Copacabana, Rio, e para tal se utilizam do Centro Pré-Escolar paroquial. No início se limitaram a sentir os problemas vividos pelas professoras em relação às crianças, mas agora já atuam em outras frentes junto à comunidade.

— O que levou vocês a realizarem esse trabalho?

Fernando — Estamos juntos desde o movimento estudantil. Como grupo, tínhamos uma visão semelhante a respeito da formação universitária, onde é marcante a ausência de contato com a realidade. Nenhuma das teorias psicológicas estudadas teve origem em nosso País, nem nos foi dada a oportunidade de conhecer trabalhos com a população de baixa renda. Tivemos vontade de trabalhar com saúde mental dentro de uma comunidade mais pobre, com a sua



própria organização familiar e social.

— O que é que vocês têm feito aqui?

Vera — Começamos no centro pré-escolar e ainda hoje ele é o trabalho mais fixo. Demos continuidade ao acompanhamento de crianças com problemas de comportamento, fala, e outros comuns, principalmente entre crianças desta faixa

social, mas com a proposta de não nos restringirmos à psicologia escolar.

— A atuação de vocês é voluntária?

Helena — Temos discutido bastante essa questão: alguns ganham um pequeno salário, outros não. Acreditamos que o que fazemos tem uma grande importância social e discutimos sobre até quando fazer isso como voluntários não é tirar a responsabilidade do Estado.

— Geralmente as pessoas que fazem este tipo de trabalho são vistas como boazinhas ou caridosas. Como é que vocês enfrentam isso?

Helena — Falam duas coisas: ou você é bonzinho ou veio aqui para arrecadar votos. Mas a nós eles não vêm assim. Talvez pela aparência, pelo ar de "bagunça". Mas a própria obra social é tida como mãe de todo mundo e é difícil tirar esta ideia.

Fernando — Nós não vamos dar peixe pra quem tem fome, mas vamos tentar fazer com que eles descubram que podem pescar e, mas do que isto, que podem comer o peixe que pescam.

E o trabalho na área de medicina?

Joana — Quando cheguei ao ambulatório, perguntava às pessoas se elas usavam ervas e diziam que não, que usavam somente remédios. Agora, porque sou homeopata e comeci a dar remédios em forma de bolinhas, começaram a me ver como uma pessoa diferente e a informar que todos usam ervas.

Estamos reunindo as receitas, a utilidade, onde conseguiram. Está havendo uma troca enriquecedora.

Felipe — Hoje a gente percebe que as pessoas estão cavando um espaço para falar, mas ainda acho que de um modo ou de outro a relação autoritária perdura. De repente a gente vai criar um novo mito, de um novo médico, ou outro profissional.

— E o pessoal de psicologia, o que tem aproveitado dos conhecimentos adquiridos dentro da faculdade?

Fernando — Primeiro, a gente quer desmistificar o próprio conhecimento que a gente adquiriu lá. No momento inicial tentamos trabalhar segundo o modelo do Bleger, que é um trabalho centrado na relação. Acontece que este modelo em vez de facilitar uma aproximação, acabou afastando. No início começamos a exercer o próprio papel da instituição, fazendo diagnósticos, mas, em vez disso ajudar-nos a estabelecer relação, nos afastou do grupo.

Vera — A nossa prática clínica aqui, neste momento, é fazer triagem e aconselhamento dos casos trazidos com problemas mentais. Nós não temos a perspectiva de criar aqui um lugar especializado para tratamento psicológico. O movimento é de fazer com que os moradores venham a exercer pressão para um atendimento público digno.

CRIS, DAU, LIBE
LUTA & PRAZER 17



Julliano

Vaselina, o que é isso, minha filha?

A pergunta mudou, as desculpas também. Vaselina hoje é coisa antiga, cafonérrima. O chique agora são as pomadinhas lubrificantes, perfumadas, ou novos produtos, como o "Virgem Again", que serve para "torná-la novamente virgem, justinha, durinha, proporcionando doses extraordinárias de prazer". É claro que para estar na moda você vai pagar um pouco mais caro; tudo numa sex-shop custa mais que numa farmácia ou loja de produtos naturais. E não precisa ir à Dinamarca, no Rio e em São Paulo já existem verdadeiras cadelas de lojas de "produtos eróticos".

A discrição é uma das almas do negócio. Você pode dizer à mamãe que vai às compras e... ir tranquilamente. Numa galeria chique de Copacabana, por exemplo, existem lojas sofisticadíssimas, com cara de escritório ou de boutique de luxo. A vendedora é discreta e elegante e pode te vender um pênis que homem nenhum bota defeito, apesar da falta de garantia, claro. Mas se escancara legal também, nas lojas tipo perfumaria e chacinha constante.

Entre a peça um "anel do amor", ou um "prolong system", e, quem sabe, um "super stud" — o creme do machão. Leve embrulhadinho, nos sabores limão e framboesa. Se o seu namorado for do tipo naturalista e não gostar, experimente um "Nó de Cachorro", o afrodisíaco natural, que tal? Tem de tudo, para tudo e todo mundo. Só é expressamente proibida a entrada de menores de 18 anos. No mais, desaconselhamos para pessoas adeptas de cheiros e gostos de órgãos e corpos naturais. Mas pra quem se amarra numa mulher de plástico...

A SEX-SHOP Complement, na N.S. de Copacabana, fica no subsolo de uma galeria, junto com boutiques, lojas de artesanato e de roupas infantis. No quadro geral da portaria, a loja está indicada como de produtos eróticos, e, na vitrine, o nome está bem visível mas apesar disso, o estabelecimento se esconde atrás de uma fachada preta e prateada. Por dentro lembra uma perfumaria de luxo: balcão de vidro e tubos cromados, quadros e espelhos decorados com motivos eróticos, poltronas tipo chique moderno e a gerente, Vera, bonita e bem vestida que avisa logo que não pode falar mal da loja "senão a gente processa".

Apesar deste pé atrás, Vera não impede que se entreviste os compradores e nem se nega a falar. Mas o ambiente geral é de defesa. Ninguém quer ser chamado de anor-

mal e essa preocupação parece bem viva na cabeça das pessoas, que afirmam sua normalidade de várias formas e maneiras.

CAPIRAS E VISIGODOS

A maior parte da clientela é masculina e tem mais de trinta anos, mas também é comum a presença de mulheres e casais. Durante o tempo em que estive lá (umas duas horas), apareceram três argentinos, um casal (ele italiano, ela brasileira), quatro brasileiros e duas senhoras que entraram rapidamente e saíram. Mas era freqüente alguém abrir a porta, dar uma espiadinha rápida entre risinhos nervosos e sair. A maior parte da clientela vem de fora do Rio, tanto do interior quanto de outros países, principalmente da Argentina. Muita gente não compra na

hora. Entre, pega o folheto e pede pelo reembolso postal: a maior parte das vendas é feita assim. Vera diz que isto é muito freqüente, principalmente com as mulheres: "Elas entram na loja mas quando vêm que tem mais gente, principalmente homens, ficam inibidas, com vergonha de comprar. Aí levam o catálogo para pedir pelo reembolso."

Vera diz que os dias de maior movimento são as segundas-feiras e os dias mais próximos ao fim de semana: "Os que vem na segunda, geralmente são homens casados, que tem uma amante. Passaram o fim de semana com a família e na segunda estão doidos para estar com a "outra", quando transam sexo mais livremente. Aí vem na loja e fazem as compras."

A variedade de produtos na Complement é grande. Também, pudera, é uma cadeia de 7 lojas em São Paulo, e 3 no Rio e mais a fábrica em SP. Os produtos vêm quase todos da fábrica, não há nada importado. São diversos tipos de preservativos, afrodisíacos, desodorantes íntimos com sabor limão e framboesa, consolos de todos os tipos e cores, anéis com pontas duras ou macias, revirginadores, vibradores, dedinho mágico, pênis artificiais, etc. Os produtos mais baratos são a marapuama e o nó-de-cachorro, dois "afrodisíacos". O vidrinho com 25 cápsulas custa Cr\$ 450. Logo depois vem o Strip Preserv — "para o combate da frigidez" — diz o folheto, por 580. Os mais caros são os pênis artificiais (o maior custa Cr\$ 5.400, tanto o cor-de-rosa quanto o preto, os preços não são racistas) e os extensores a Cr\$ 4.600, tanto para pênis quanto para seios.

O SENHOR DOS ANÊIS

Os preços altos são a única queixa de Roberto, um argentino radicado no Brasil,

44 anos, decorador, desquitado com uma filha de 8 anos. Apesar de falante, desinibido e freguês antigo da loja, levou algum tempo para abrir o jogo. Primeiro disse que era a primeira vez que entrava ali, que foi só por curiosidade e que não usa os produtos. Acontece que ele estava comprando dois anéis e discutindo com Vera sobre um outro que tinha comprado anteriormente. Ia ser meio difícil acreditar que é a primeira vez de Roberto. Ele puxa conversa com todo mundo, troca telefones, recomenda artigos. Depois de algum tempo e umas mentirinhas, acabou falando: "Eu sou homem muito preocupado com o prazer das parceiras e acho que esses anéis (um com pontas e outro com uma espécie de caroço) aumentam o prazer da mulher. Sei que nem todos os homens ligam para o que a mulher sente, mas eu ligo. Não estou comprando nada para mim mas estou pensando em levar um vibrador. Se levar mesmo eu também vou usar. Não sei ainda onde, mas vou."

Um fato curioso a se observar é que nenhuma das pessoas entrevistadas considera os produtos artificiais ou estranhos à se-



BERNARDETE — A Noivinha

Bernardete é a pistolinha, irmã mais nova do Bernardão, com 13,5 cms de comprimento e 3,5 cms de espessura, maciço, ideal para gatinhas delicadinhas. Em formato de pênis com uma noivinha nas laterais, cujo buquê roça deliciosamente as clitorizinhas recém desvirginadas ou ainda virgens. Uma graça. Cr\$ 2.650,00 — Ref. 76

xualidade. Roberto se considera muito sensual e acha que os produtos são apenas complementos dessa sensualidade. Diz que se considera muito natural na cama mas ressalta que os produtos devem ser apenas um complemento, não devem substituir o ato sexual.

Pino, um italiano de 30 anos, dono de restaurante na Itália, é da mesma opinião. Também entrou "só por curiosidade" e está acompanhado por uma morena bonita que conheceu aqui. A moça não se identificou e quando perguntada pela profissão, apenas baixou os olhos, ficou uns instantes em silêncio e disse: "Não tenho profissão." Mas nesse meio tempo, Roberto, mais que esperto, já soube por Pino que a moça não é namorada dele e o rapaz, apesar de italiano, é muito liberal. Roberto pega o telefone de Pino na Itália e, de quebra, o da moça que, quem sabe, não quer participar de um show de samba que está organizando.

Aos poucos vai todo mundo se entrosando, vão rolando os papos. A esta altura, entram dois argentinos: Jorge e Carlos ambos comerciantes e com 25 anos. Carlos compra um vibrador para a esposa e Jorge procura um conjunto erótico para a namorada. Carlos diz que o vibrador é um presente: "Vou fazer uma surpresa para minha mulher. Já conversamos algumas vezes sobre o assunto e ela ficou animada. Agora quero ver se ela usa. Aumentando o prazer dela, aumento também o meu."

CALCINHAS E BANDEIRAS

É curioso que todos os homens estejam tão preocupados com as companheiras.

PLÁSTICO

Nenhum compra nada para si e essa história de "meu maior prazer é ver a mulher gozar" é uma constante. Todos se consideram grandes amantes mas de vez em quando pinta uma bandeira. Como a de Jorge, que não encontrou as calcinhas que queria: "São para minha namorada. Ela usa porque eu gosto... mas ela gosta também. Eu não a obrigo a nada, ela usa se quiser."

A maior defensora dos produtos é Vera, a gerente: "Sexo tem que ter algum complemento senão depois de um certo tempo vira rotina. Tem que ter criatividade, arte. Eu mesma costumo usar os produtos, uso quase todos. Gosto principalmente do vibrador, do afrodisíaco para botar em bebidas e do Virgin Again. Esses artigos não são pornográficos, são eróticos, é diferente. O erotismo é uma arte. Os produtos daqui são para pessoas saudáveis, não resolvem bloqueios psicológicos. E também não vendemos essas coisas de sado-masiquismo."

Apesar de mulher, jovem e desquitada, Vera diz que nunca teve problema algum com a clientela: "Só recebi uma cantada durante todo o tempo em que trabalho aqui. A clientela é educadíssima, são pessoas de classe A e B, finas, sofisticadas, não dão problemas."

ATÉ TU CLÓVIS?

Já a GGA Marketing fica numa rua pequena de Copacabana, escondida num prédio desses de escritórios e firmas de dedetização. No quadro geral da portaria, nenhuma indicação. Foi a primeira loja que eu visitei e mesmo estando acompanhada — confesso que fiquei meio constrangida de tocar a campainha. Mas toquei, abriram a porta e... qual não foi minha surpresa... Quem atendeu foi o Clóvis, ex-colega meu do científico. Exclamações mútuas de "qui qui cê tá fazendo aqui?", olhares estranhados. Clóvis era o gerente da loja. Ninguém pôde

segurar a risada, o ambiente foi desanuviado, ele contou histórias, mostrou todas as dependências da loja e... Péra aí, vamos por partes:

A loja tem a aparência de um escritório, discretíssima. Uma sala pequena, acarpetada, com um sofá de plástico, uma mesa e uma estante coberta por uma cortina. Sobre a mesa, alguns folhetos de propaganda, um extensor (aparelho de sucção para fazer o pênis crescer), livros de História e Economia. Clóvis aproveita o tempo vago para estudar na PUC. O pessoal do Movimento Estudantil é que parece não gostar muito da atividade do colega, mas Clóvis não liga. Além disso um dos sócios da GGA (são dois), é também de esquerda, mas o gerente não diz o nome.

Mesmo sem ter experimentado, ele diz que não acredita nos artigos que chama de "frutos da repressão sexual": "Veja bem, quem transa legal com uma mulher vai precisar comprar essa boneca inflável, de plástico, com cabelo de nylon? Não vai. Eu acho que também entra muito a questão do "status" sexual: o sujeito vem aqui pagar uma nota por um guaraná ou ginseng que custa muito mais barato nas lojas de produtos naturais. Ou pelas pomadas que, no fundo, são vaselina com perfume ou com anestésico."

NEM SAPATÃO

Os produtos ficam guardados dentro de um armário, cobertos por uma cortina. O material é todo nacional, única exigência da polícia em relação às sex-shops. De resto,

não difere muito da Complement. Os únicos produtos que distinguem a GGA da Complement são a boneca, a camisinha para língua com sabor baunilha e o visor de slides em três dimensões.

A grande atração da casa fica mesmo por conta da tal da boneca inflável, horrorosa por sinal, vendida a Cr\$ 5.800,00, que fica deitada no quarto contíguo à sala. Este quarto é usado como "garçonnière" pelos donos quando vêm ao Rio (a matriz fica em São Paulo).

Quanto à freguesia, também a maioria tem mais de trinta anos. Mas é exclusivamente masculina: "Nunca veio mulher nenhuma aqui — diz Clóvis — você é a primeira, Nem casais, nem sapatões, nada. Só homem mesmo."

A loja do Rio foi aberta duas semanas antes da entrevista, por isso o gerente não tem dados precisos quanto ao faturamento. Mas a matriz em São Paulo nunca fatura menos de Cr\$ 100 mil por dia. O pouco tempo de existência da loja, somado ao adiantado da hora (já eram mais de 18h), talvez explique o que durante todo o tempo que estivemos lá não tenha aparecido nenhum freguês. Clóvis acha que o fato da loja ser escondida não atrapalha o movimento, pelo contrário: "As pessoas que vêm aqui são muito reprimidas, gostam de coisas escondidas, proibidas. Isso dá um ar de mistério. Afinal, o que faz esses produtos custarem tão caro é a proibição, embora, por lei, não sejam interditados."

Aí talvez, uma boa pista para a compreensão do sucesso deste tão florescente comércio. Sexo em lata, embrulhinhos um a um, pelo reembolso postal, uma reprise comercial do que acontece no quarto de cada um.

AMANDA STRAUZ



PROIBIÇÃO E TRANSGRESSÃO

VIRGIN AGAIN — Todas as vezes... como a primeira vez!
Este maravilhoso líquido desodorante contra o odor sexual, dando a cada novo ato sexual, toda a sensação da primeira vez. Sendo também antisséptico vaginal, Virgin Again, não tem contra-indicação ou efeitos colaterais. Seu efeito é um só: a inesquecível sensação de novidade a cada vez, sempre, sempre.

STIMULATION — É só para a mulher... Este complemento simplesmente acaba com a frigidez feminina. Porque ele provoca um tal prazer durante o ato sexual que ela simplesmente vai ter um orgasmo atrás do outro. E você? Ora, fica ereto o tempo todo e atinge o orgasmo quando quiser. O que você quer mais?

SUPER STUD — O creme do machão. Creme divino que vai resolver instantaneamente seus problemas de ejaculação precoce e cansaço sexual. Miraculosamente lubrificante e excitante, facilita a penetração anal, torna seu membro um astro indestrutível e incansável. Mais orgasmos e mais prazer em cada orgasmo, isto é Super Stud.

A "porno shop"
é um produto da censura
e não sua contradição

Depois da liberação (?) do nu frontal, do "sexo explícito", do palavrão em letras garrafais, da proliferação de "casas de massagens" alardeadas em outdoors, as outrora temidas porno-shops começam a surgir num canto e noutro. Discretas ainda, como convém.

Afinal, a cautela está na ordem do dia de qualquer descompressão. Há que se (re)definir melhor os limites aceitáveis e assimiláveis socialmente, as linhas divisórias entre erotismo e pornografia. Pornografia é coisa baixa, impura. Erotismo é cultura. Uma fronteira indefinida, imprecisa, relativa.

Mas a discrição não está só nisso, não existe só em função da repressão que vem de fora. Dentro da loja, é apelo de venda, seu charme principal, sua razão de ser.

"Esses produtos não são pornográficos, são 'eróticos'", argumenta a gerente para a reportagem de L&P. Dizem frases semelhantes os cineastas de pornochanchadas. O pornográfico foge ao controle, ameaça. Erotismo é um dado humano. Difere da sexualidade dos animais na medida em que a sexualidade humana está limitada por proibições. E nos domínios da transgressão dessas proibições é que ele vive, o erotismo.

LIMITES E LIBERTINAGEM

O filósofo francês Georges Bataille explica esse paradoxo. Foi para tentar conter sua animalidade que o homem inventou a proibição. E foi da proibição que nasceu a humanidade, a cultura. Freud também viajou por essas constatações: todo o edifício da psicanálise baseia-se na noção de repressão ("a essência da sociedade é a repressão, e a essência do indivíduo é a repressão de si mesmo"). Pela proibição, o cultural vai tentando o controle (mais completo possível) sobre o natural. Excluir a violência para que o trabalho seja possível, purificar o que é impuro, exclusão do que ameaça fugir ao controle, são palavras de ordem do homem na Terra. Mas o natural subsiste no homem e, com a natureza, um movimento de vida excede sempre os limites e só parcialmente pode ser reduzido. Nesse movimento, a proibição encontra seu oposto (inconciliável, mas inseparável): a transgressão.

"Nada contém a libertinagem", sacaneava Sade. "O único modo de prolongar e multiplicar os nossos desejos é querer impor-lhes limites." A proibição é que instaura, ela própria, o fascínio de sua transgressão. Existe para ser violada. A proibição não significa necessariamente a sua abstenção, mas sim (muito pelo contrário) a sua prática sob a forma de transgressão.

Mas a transgressão, invento e arte do homem, não promove um retorno à natureza. Ela levanta a proibição mas não a suprime. A proibição transgredida sobrevive à transgressão. E já que a cultura seria inviável sem a possibilidade da transgressão, estabelece formas de conviver com ela, isto é, de existir na natureza.

LOVE DOLL
Grande sensação da Europa e EUA. A mulher inflável. O que V. podia comprar com muitos dólares, agora à sua disposição, IMEDIATAMENTE. Divirta-se com esta coisinha maravilhosa. 1,65 m de altura, redondinha, macia, com todos os orifícios (apertadinhos) de uma lindíssima manequim 42. Sobre, e sua companheira estará todinha com V. Esvazie e guarde no portafolho. Não tem ciúmes, não fala besteiras, não enche o saco. Todas as vantagens da mulher, sem as desvantagens. Indestrutível. Durablel sem ficar velha. Exclusividade GGA — Ref. 50 — Cr\$ 5.800,00

Essas formas são ritos, costumes, regrinhas que todos nós respeitamos ao violarmos proibições. A transgressão é ordenada, organizada, e passa a formar com a proibição um conjunto que define a vida social.

O EROTISMO REVELA O AVESSO

É aí que o erotismo entra de novo na história. "O desejo do erotismo é o desejo que triunfa da proibição", sacou Georges Bataille. O erotismo deixa transparecer o avesso duma fachada. Avesso em que se revelam sentimentos, desnudam-se partes do corpo e modos de ser de que vulgarmente temos vergonha.

A palavra vergonha é significativa. O erotismo mora no segredo, na clandestinidade, na repressão. Atrás da porta trancada do quarto de casal (lugar permitido do erotismo na casa familiar), dentro do invólucro inviolável da revista de mulher nua, no anonimato dos graffiti de banheiros públicos, dentro da caixinha selada que traz a porno-encomenda pelo reembolso postal, atrás do discreto balcão da loja tipo escritório ou de vidro preto da loja tipo perfumaria de luxo.

A porno-shop é produto da censura, e não sua contradição. O escondido é regra, é praxe (o gerente diz que não "dedura" o nome do sócio, e o escritório é uma garçonnière). E os clientes, consumidores dos "complementos eróticos", precisam de extensões de plástico para o fuque-fuque não virar rotina: o jeito de corpo é contido, limitado, não é capaz de chegar pelo próprio requebro ao orgasmo total.

GUSTAVO BARBOSA

Shantala

mãos luminosas

Calcutá, Calcutá. Em um albergue de pobres, Frédérick Leboyer, o médico francês criador do método "nascer sorrindo", em certa manhã de sol surpreendeu uma mulher jovem sentada no chão, com o filho deitado sobre suas pernas.

Leboyer ficou em silêncio, sentindo o impacto vigoroso da simplicidade original no ato que presenciava. A mulher untava as mãos com o óleo guardado em uma pequena tina a seu lado e massageava o corpo do filho de 2 meses. Sem nenhuma pressa, com o mais certo amor.

Shantala se chama essa mulher, cujo ritual amoroso Leboyer fotografou e, felizmente, tornou famoso na Europa e nas Américas através do livro "Shantala, un art traditionnel, le massage des enfants" (editora Seuil, 1976).

Calcutá é uma das maiores cidades da Índia e do mundo, mais de 10 milhões de pessoas andam ansiosas por suas ruas paupérrimas. Nessa Calcutá, nessa Índia das vacas sagradas e da miséria, das peles morenas, do yoga, Shantala deita o filhinho sobre suas pernas paralisadas e repete diariamente o milagre do amor. Em meio e acima da exploração, das injustiças, da política e da sociologia do subdesenvolvimento, seus olhos e mãos fecundam o tempo. E transmitem ao filho a resistência que não vem da comida, quase inexistente. Como se a comida pudesse faltar, mas não o toque.

Olhando as fotos do livro de Leboyer, senti inveja daquela criança. E, como eu, muitos outros também. Mas a gente ainda pode aprender a massagem da Shantala e praticá-la sobre o corpo de nossos filhos. Para aguçar o interesse vem a seguir uma rápida descrição da técnica e dos fundamentos da massagem. Bom proveito!



ONDE MASSAGEM E AMOR SE COMPLETAM

Completando o bebê um mês de vida já pode receber a massagem Shantala. A técnica é para ser aprendida e adaptada a cada situação. No verão a massagem deve ocorrer sempre ao ar livre, precedida de um aquecimento ao sol, tanto do óleo quanto do bebê, que não deve nunca recebê-la com a sensação de frio.

Usam-se óleos vegetais naturais, na Índia, óleo de mostarda no inverno e de côco no verão. Aqui no Brasil podemos utilizar o de amêndoa no inverno e o de côco no verão. Como no yoga, a massagem não deve vir logo em seguida à refeição, isto é, à mamada.

Poderá ser feita duas vezes ao dia, pela manhã e à tarde, antes do sono. Ninguém melhor que a mãe saberá escolher também sua própria hora, se possível até fazendo um pequeno relaxamento antes; para com maior eficiência e fluidez se tornar um canal, e irradiar melhor a energia.

De preferência, a mãe se senta no solo, na natureza, o que permite a troca de energia telúrica, importante para renovar e recarregar o bebê. Ao iniciar, a mulher esfrega as mãos fortemente, com o fim de aquecê-las e trazer a energia até as pontas dos dedos. Concentração e silêncio são essenciais, a mãe fala apenas com os olhos e as mãos.

Criança nua e mãe com o mínimo de roupa possível, a mãe procurando sempre colocar a criança sobre suas pernas alongadas e manter a coluna ereta e os ombros relaxados. O mesmo ritmo deve ser mantido do início ao fim, sem acelerações: por si mesmas as mãos vão acentuando a pressão e a intensidade. O aconchego deixará a criança muito mais segura e feliz, além de relaxada, fazendo desaparecer progressivamente tudo que existia de tensão muscular.

O primeiro sentido da criança é o tato, a sensação na pele. Daí nasceu uma intuição muito sábia, da massagem surgindo essa

relação mãe-bebê (que se estende ao pai e outros familiares), arte tão antiga quanto profunda e difícil, por ser tão simples.

Na massagem, mãe e filho integram-se perfeitamente, tornando-se fácil o fluir e a troca das energias. Mãe dando e recebendo, filho dando e recebendo. Mirando-se nos olhos, conversando em profundo silêncio, a energia correndo através da coluna vertebral da mãe e se irradiando pelas pontas dos dedos ao bebê; aparentemente passivo mas ensinando e dizendo tantas e infinitas verdades.

Tempo e espaço não mais existem, só as energias cósmicas que vêm do alto e penetram pela coluna da mãe, casando-se na mais perfeita harmonia — o Yang do céu e o Yin da mãe-terra.

Alimento para a pele do bebê, alimento de amor e carinho em seu peito, braços, punhos, mãos, ventre, costas, pernas, tornozelos, pés e face. A única região que a mãe não massageia é a cabeça, pois a moleira ainda demora alguns meses para fechar.

A fome de amor não saciada se somatiza em doenças, geralmente de pele, males dos quais sofrem as crianças mal-tocadas, mal-amadas. Se as privamos do contato amoroso com a mãe, elas estarão à beira da morte, mesmo cheias de leite. Se não da morte física, da morte psicológica, que se manifestará mais na idade adulta.

Em seguida ao alimento da massagem, vem o banho, não com a intenção de liberar impurezas, mas de complementar o relaxamento. A água deve estar na temperatura do corpo ou um pouco mais quente. Ao fim do banho, a mãe molha a mão em água fria e passa-a na cabeça, na face e nas nádegas da criança.

Cumpriu-se o objetivo: completa entrega de mãe e filho, somente possível após se conseguir um relaxamento total de ambos. O bebê é um espelho que reflete a imagem da mãe. A imagem de sua liberdade e de suas tensões.

MARCOS MOREIRA e FADINHA



O SORRISO DA MULHER INDIANA

Um dia vi a fotografia de uma mulher linda. Percebi que ela era Indiana e por causa dela e para ela, escrevi o seguinte:

"Vi o sorriso da mulher Indiana, a vida irradiante no marfim de seus dentes, na pele. Ela é sempre, sorri para mim, atrai-me com as mãos, me conduz pelo deserto como um camelo. Eu morreria em seu rastro, seguindo-a para olhá-la de perto e tocá-la, mesmo por um segundo. Mas a sós. Eu, ela e o mundo nascendo roxo das dunas alvas de sal. O sopro da areia cegando-me e me conduzindo à água que me salvará. Chuva despejando sobre meus cabelos negros a carícia nascida longe. Chuva, mais fina, mais feminina, que o mar. Eu na trilha das miragens inebriado e revivido pela água escorrendo em meu corpo antes ressequido. Ela olha e sorri, esconde a face com o véu. Seus olhos amêndoas conhecem tudo, eu os comerei após o amor. Ela crescendo de criança a menina, a mulher, seu sexo de sândalo reconhecendo animais, lábios quentes como a areia de desertos na Índia ausentes. Vejo anéis de prata marcando o limite do suor em seus dedos, vejo-a estremecer, pernas tocando horizonte e praia, de costas sobre o oceano cinzazul. Em casa seu filho espera e ela o ama, acaricia-lhe as costas. Eu me enclúmo. Losango carmesim em sua testa, outra vagina. Dedos compridos dançam na sandália de couro de búfalo. Shantal, Shantala, olhos fundos, mulher silente e ardente. Índia infinita Índia, disciplina e dança solar em sua face. Shantala foge e me sorri, Shantala é de intensidade magra e doce. Shantal me ama."

MARCOS MOREIRA

As semanas seguintes ao nascimento são como a travessia de um deserto povoado de monstros: mil sensações novas assaltam o corpo da criança

Após o calor do selo materno, após o louco abraço do nascer, a solidão gelada do berço e uma fera, a fome, a morder-lhe as entranhas

A criança então, se desespera, não pela gravidade da ferida, mas pela surpresa. A que o apagamento do mundo em torno dá proporções imensas

Como acalmar essa angústia? Nutrindo a criança? Sim, mas não apenas com leite. É preciso pegá-la nos braços, acariciá-la, niná-la, massageá-la. É preciso falar à sua pele, às suas costas, tão sedentas e famintas quanto seu ventre.

Em países capazes de preservar o senso profundo das coisas as mulheres sabem isso tudo. Elas o aprenderam com as mães, elas ensinarão às filhas essa arte, simples e tão antiga. Para ajudar a criança a acalmar o mundo e sorrir à vida.

FRÉDÉRIK LEBOYER

NOSSO CORDEL NINGUÉM TASCA, FRATELLI

No dia 26 de agosto foi realizada no Rio, no Largo da Carioca, uma manifestação de todos os cordelistas, intelectuais e pessoas que apoiam os artistas populares e contra a infiltração das multinacionais em nosso espaço cultural.

Desde junho, uma gráfica italiana vem mantendo conversações com a Editora José Bernardo da Silva, de Juazeiro do Norte, com o objetivo de comprar os direitos autorais de títulos de cordel já publicados no país, (essa editora é responsável por mais de 80% das publicações de cordel no Brasil), assim como os direitos de todas as matrizes e xilogravuras.

O NEGÓCIO É O SEGUINTE

Fundada no final do séc. XIX por Leandro Gomes de Barros, a editora em seguida

passou para outro cordelista: João Martins Athayde, que após o falecimento deixou o controle da gráfica para a viúva e filhos.

Raimundo Santa Helena, um dos mais

conhecidos cordelistas, afirma que a família não está acompanhando a força do idealismo do velho Leandro: "Eles não estão medindo a gravidade do fato desta venda, talvez porque a oferta dos italianos seja bastante alta. Nossa cooperativa já enviou ofício de protesto tanto para o Governador do Ceará quanto para a Prefeitura de Juazeiro. Mas não recebemos resposta, e parece que a transação está se concretizando realmente."

"Em outubro realizaremos o II Congresso Nacional de Literatura de Cordel — comenta e convida Santa Helena — O I Congresso foi aqui no Rio em março de 80 e conseguimos não só o apoio de muitas entidades culturais como também a legalização do nosso ofício e até mesmo uma carteirinha concedida pela Divisão de Folclore do Estado do Rio, o que nos protege das tantas carreiras e confusões que a polícia já criou contra os cantadores de Cordel. Por isso — diz Santa Helena — a Fundação Cultural da Bahia está patrocinando o II Congresso em Salvador para que lá também os cordealistas deixem de ser perseguidos.

"Eu peço ao Figueiredo deste país brasileiro que decrete uma ordem para no Brasil inteiro polícia não perseguir nem cantador nem folheteiro" (Mestre Azulão)

FOLHETEIRO E REPÓRTER

O nome da literatura de cordel vem de Portugal. Eram folhetos chamados assim pelo fato de serem presos por cordel ou barbante. Os folhetos começaram a ser divulgados entre nós já no séc. XVI trazidos pelos colonos em suas bagagens. O cordel quase nunca contou com o beneplácito oficial. O próprio José de Alencar irritou-se profundamente ao ver "O Guarani" em folhetos à venda no "cavalo de cordel".

"Hoje o cordel tem um poder de comunicação tão forte quanto os meios oficiais — comenta mestre Azulão, que aos domingos trabalha e expõe junto com Santa Helena na Feira de São Cristóvão — Basta dizer que quando o homem foi à Lua, muitos vieram até mim perguntar se era realmente verdade ou truque de televisão, e tive que fazer um folheto para que meus conterrâneos acreditassem."

"Acho que o folheteiro é como o repórter — explica Santa Helena — vou acompanhando as notícias dos jornais, recortando as letras e levando aos meus leitores e ouvintes, através de uma linguagem mais simples, inclusive porque não é necessário que a pessoa saiba ler, basta ouvir o cantador narrar as notícias, e histórias. Outro fato interessante é que muitos dos velhos cordelistas não sabem ler e têm os que lêem para eles enquanto eles vão ouvindo e memorizando e logo em seguida ditam aquilo que ouviram para que redijam para eles."

"Minha tristeza — finaliza Santa Helena — é saber que carioca há apenas um cantador de cordel e que em todo o Brasil, o número não passa de 500. Infelizmente esta tradição não está sendo passada de pai para filho. Fico triste quando vejo que ninguém olha para o lado..."

EUGÊNIO VIOLA

AÍ Rádice

revista de psicologia

LEIA
DISCUTA
ASSINE
EMBRULHE
LA SEI
DA
UMA AJUDA

PÔ



Por sua ousadia, atrevimento, por sua postura polêmica e independente, Rádice marcou profundamente o espaço psicológico nacional, informando e debatendo os principais acontecimentos e tendências da Psicologia no Brasil e no mundo. Rádice, quatro anos questionando, estimulando a reflexão. Uma revista indispensável para todos aqueles interessados no ser humano e na disciplina que estuda o seu comportamento, a Psicologia. Rádice, 15 edições. Revistas feitas para você. Siga as instruções abaixo e receba as revistas rapidamente, em envelopes protegidos e padronizados. Esta promoção é por tempo limitado.

Remeta cheque nominal ou vale postal em nome da Editora Ráfes, rua da Lapa 180/504, Rio de Janeiro, Cep 20021.

☐ Coleção inteira — Cr\$ 780,00
☐ Edição atrasada nº (exceto nºs 4, 5, 7, 8) a 80,00 o exemplar

Lançamentos Graal
Michel Foucault
Microfísica do Poder

MICROFÍSICA DO PODER
Michel Foucault mostra que o poder não está só no Estado. Está espalhado pela sociedade e atua em nossa vida diária. (296p. Cr\$ 770,00)

PEQUENA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA
Manoel Maurício escreveu uma História do Brasil pela ótica dos vencidos, e não dos poderosos. (728p. Cr\$ 1.500,00)

COMUNICAÇÃO, PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO
Método e técnica de redação, pelo professor Hélio Amaral. Indispensável para jornalistas e universitários. (140p. Cr\$ 300,00)

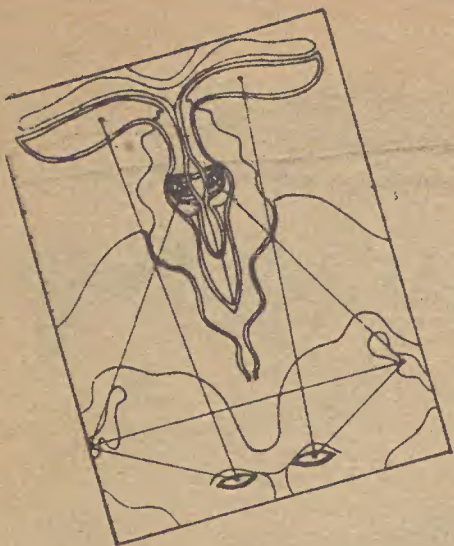
ALCEU AMOROSO LIMA
A biografia do mestre Alceu, escrita por Otto Maria Carpeaux. (174p. Cr\$ 370,00. ou grátis, na compra de dois outros livros!)



Nas livrarias
ou pelo Reembolso Postal
Rua Hermenegildo de Barros 31-A
Glória - 20 241 - Rio - Tel. 252-8582

Recorte este cupom ou escreva para a Graal.
Não mande dinheiro agora
Quero receber os livros: 1 2 3 4 (marque com x)
NOME: _____
ENDEREÇO: _____
CEP: _____
CIDADE: _____
ESTADO: _____

LUTA & PRAZER 21



O Sonho dos Senoi

Vive em uma península da Malásia, pertinho do Vietnã, um povo incrível: os SENOI. Em 1935, dois etnólogos começaram a estudar sua cultura. Segundo eles, os Senoi dizem que há mais de 300 anos não sabem o que seja crime ou violência. O clima, na selva equatorial, é de paz, não existe qualquer tipo de polícia nem tampouco hospitais psiquiátricos.

Entre os Senoi, tudo é resolvido de comum acordo, por consenso, tanto na família quanto no trabalho, na economia ou na política.

Qual o segredo dos Senoi, o que sustenta a existência desse povo tão raro? Um hábito insólito entre nós, mas estimulado por eles desde a infância e extensivo a todas idades: contar a interpretar sonhos. Individuais e coletivos. Mas a interpretação passa longe da psicanálise.

Os Senoi vivem na Malásia. Eles conversam muito sobre seus sonhos, desde crianças até adultos. Eu soube deles pela revista argentina Mutantia, número 1. Em 1935, o etnólogo inglês Kilton Steart participou de uma expedição científica em plena selva equatorial, um prato fundo para antropólogo da época. O governo local apoiou e cedeu ao grupo outro etnólogo, H. D. Noone, dos Estados Federativos Malayos. E os cientistas acabaram por constatar que os métodos de psicologia e vida interpessoal dos Senoi eram tão assombrosos que pareciam de outro planeta.

Eles moravam em casas coletivas de bambu, junco, palha ou pau-a-pique. Praticavam a agricultura rotativa e a drenagem do solo, além de caçarem e pescarem. Eram parentes dos povos da Indonésia/Indochina/Birmânia. Antigamente, a autoridade política se concentrava nos homens mais velhos das clãs patrilineares; hoje, os psicólogos, chamados Halacs, e os Tohats (curadores e educadores) são os maiores.

A psicologia Senoi incentiva e interpreta os sonhos individuais e o chamado "sonho cooperativo", uma espécie de transe. Garotada não transa o transe, só depois da iniciação, quando se vira gente-grande (difícil ser original depois de Adão). E se um gente-grande passar muito tempo em transe, será considerado curador ou dono de poderes extra-sensoriais.

Interpretação de sonhos é curso intensivo pra todos, desde pequeninhos; já começa de manhã, claro! Um lauto desjejum onírico, pais e irmãos mais velhos interpretando os sonhos dos pequenos, fazendo ligações com o cotidiano e o social. Depois dessa sessão familiar os homens se reúnem em conselho pra discutir e analisar os sonhos de todos os homens da comunidade (as mulheres vão reagir, não se desespere).

A interpretação dos Senoi afirma o seguinte:

"Em sua própria mente você cria imagens do mundo externo, esse é o processo comum de adaptação. Algumas dessas imagens, ou aspectos, estão em conflito até entre si mesmas. Se você deixá-las 'entrar no sangue', essas imagens hostis voltam-se contra você e contra os outros... 'Ou seja, se você vacilar e

não for ajudado pelos outros, elas vão-se ligando, vão fermentando. E, se permanecer, se você não as joga pra fora, elas vão complicando você, emperrando você em inúteis tensões musculares, psíquicas e orgânicas.

QUALQUER SER HUMANO PODE DESAFIAR, DOMINAR E ATÉ UTILIZAR TODOS OS ENTES E FORÇAS DO UNIVERSO ONÍRICO

Pela interpretação das imagens você pode rediretá-las, reorganizá-las, torná-las úteis. Os Senoi acreditam que qualquer ser humano, com a ajuda de seus companheiros e familiares, pode desafiar e até utilizar todos os entes e forças do universo onírico. E que todos podem e devem chegar a ser o supremo guia e mestre de seu próprio universo espiritual ou dos sonhos.

O sonho de ansiedade ou terror mais comum entre os Senoi era o de sensação de queda. Então o gente-grande dizia pro apavoradinho:

— Esse é um sonho maravilhoso, um dos melhores que se pode ter! Até onde você caiu, o que você descobriu?

O papo é parecido nos sonhos de subir, viajar, voar ou deslizar rasante. O cara pode se assustar e acordar antes de chegar a qualquer lugar. Se isso acontecer, bobeou!

Para os Senoi, tudo que acontece nos sonhos tem um propósito, ao alcance da nossa compreensão ou não. Devemos relaxar e desfrutar enquanto o sonho deixar cair. Cair é o meio mais rápido de entrar em contato com os poderes do mundo dos espíritos, revelado oníricamente. Quando nos sentir-

mos caindo, devemos lembrar que estamos nos dirigindo para a fonte do poder que provocou nossa queda, eles dizem. Os espíritos da queda nos amam, nos estão atraindo para o reino deles. Devemos relaxar e continuar dormindo com a intenção de nos unirmos a eles. Quando os encontrarmos, talvez até nos assustemos com seu terrível poder. Mas devemos seguir adiante.

Com um papo desses, até eu, malandro! O fato que nesse vaivém diário, o sonho que se iniciara com medo transforma-se em alegria de voar, o temor e a ansiedade em alegria ou ato de vontade, em intimidade prazerosa com o mundo onírico.

Os Senoi creem e ensinam que o "eu" dos sonhos deve sempre seguir adiante e atacar em presença do perigo, se necessário invocando as imagens dos companheiros. E lutar com todas suas forças até eles chegarem. Os amigos nunca se recusarão a ajudá-los e nunca

o atacarão. Se um ser onírico parecer amigo a tacá-lo, está disfarçado. Se você agredir e matar o personagem onírico hostil, a essência desse personagem voltará sempre como aliado ou servo. Os personagens do sonho só são maus se você temer e retroceder; e continuarão hostis enquanto você se negar a se chegar, a se unir a eles.



PARA OS SENOI UMA RICA VIDA AMOROSA NOS SONHOS SIGNIFICA A BÊNÇÃO DOS SERES DO UNIVERSO EMOCIONAL

Sonhos de seximor devem continuar até o orgasmo. E você deve, em seguida, pedir a quem amou, ainda no sonho, um poema ou canção, ou dança, um conhecimento que mostrará ao grupo a beleza daquele amor espiritual. Se isso se cumpre, nenhum homem ou mulher poderá tirar o amor que pertence aos seres humanos. Para os Senoi, uma rica vida amorosa em sonhos significa a bênção dos entes do mundo emocional.

Outro exemplo da psicologia Senoi: se você num sonho ofende ou se nega a ajudar um companheiro, deve ao acordar expressar-lhe amizade ou cooperação. Já que as representações oníricas hostis só podem usar imagens de pessoas com quem se está realmente deteriorando a amizade ou a boa vontade. E se a imagem de um amigo te ferir, você deve contar-lhe o sonho, para que ele possa repará-la com um tratamento social amistoso. Assim, a aceitação social do jogo psíquico dos sonhos acaba por se transformar na mais profunda aceitação possível do indivíduo.

Entre os Senoi, toda força personagem onírico é real e importante, e, em essência, permanente. E deve ser domesticada e levada a contribuir socialmente.

Outro exemplo: Zezinho sonha e conta

que viu um tigre atacar um amiguinho, habitante da mesma casa. O conselho dos mais velhos é que ele vá narrar o sonho ao amigo e lhe descreva o lugar onde ocorreu o ataque o mais exatamente possível. Para que num próximo sonho ele possa matar o tigre antes. E os pais do amigo pedem-lhe que presenteie o Zezinho.

O Senoi gente-grande pode começar seu sonho com um problema não resolvido durante o dia: acidente, uma complicação social... Em seu sonho aparece um arbusto de folhas curativas e ele aprende a fazer um chá para resolver a doença que surgiu na comunidade; ou aprende um ritmo novo, que poderá tocar em seus tambores para promover o entendimento entre grupos discordantes.

Mesmo as situações com estrangeiros, nas aproximações de outros povos, são resolvidas integrando a vivência social aos sonhos. Datu Bintung, um Halac (psicólogo), sonhou com uma solução para dissolver as barreiras sociais, criadas por costumes alimentares e de vestuário, entre seu grupo e colônias chinesas e maometanas das imediações. Era uma dança comunicada em sonho e só teria que mudar de roupas e alimentação quem a dançasse. O sucesso da nova dança foi tão grande que todo o grupo mudou de aparência.

Entre esse povo incrível, os sonhos de ansiedade, terror e de fatos intrínsecos e repetitivos desaparecem completamente antes da puberdade. E por mais "insignificante" que seja alguém, ele será sempre escutado pelos membros de sua família, e pelo grupo mais amplo, através do relato de seus sonhos.

Por fim, as palavras dos etnólogos, maravilhados:

"Os Senoi fizeram dos sonhos o foco principal de seus interesses sociais e intelectuais; resolveram os problemas de violência, os conflitos econômicos destrutivos e eliminaram as psicoses, neuroses e enfermidades psicossomáticas..."

Não é mas parece... sonho! Tchau, otimista.

JOSÉ LUIZ TADEU

A SÍNTESE DA TEORIA SENOI

1 — As crianças recebem reconhecimento e estima sociais ao abrirem-se e contarem suas ansiedades. Esse é o primeiro passo para se convencerem de que serão aceitas pela autoridade ao revelarem seu interior.

2 — Fica sugerido à criança que ela pode controlar melhor suas reações psíquicas se conseguir expressá-las e pensá-las. Melhor do que se ficar na moita, ocultando-as e reprimindo-as.

3 — O trabalho da mente é considerado racional mesmo durante o sono; é tão normal uma criança resolver seus estados de tensão interna quanto brincar e comer.

4 — Por princípio, você deve tomar decisões e lograr soluções tanto no pensamento noturno quanto no diurno. E assumir atitudes responsáveis por todas suas reações e forças psíquicas.

5 — A interpretação transforma o poder do sono em uma força. Que será sua tão logo você aprenda a dirigi-la e controlá-la mediante um processo de adequação e relaxação mentais.

6 — A ansiedade em si não é importante, o problema é que ela bloqueia o livre jogo do pensamento imaginativo e a atividade criativa a que o sonho pode dar origem.

7 — Desde cedo o Senoi recebe iniciação a um modo de pensar que se irá consolidando ao longo de sua vida. Em síntese: — "O ser humano que manifesta boa vontade com os companheiros e lhes comunica suas reações psíquicas, para crítica ou aceitação, esse ser é o guia supremo de todas forças individuais do mundo subjetivo, aconteça o que acontecer".



EMOÇÕES BARATAS



Alô, pessoal, tremenda emoção. A seção está um sucesso, cartas chovendo, encontros acontecendo, suspense, frissons. Ponha a felicidade, o tesão, o recado no papel e mande pra gente. Sua vida pode mudar! Nossos classificados sentimentais não custam nada. Deseja encontrar aquela pessoa amada e que muito lhe quer? Deseja declarar-se para o ser de seus sonhos? Declarações veladas ou toques diretos. Tudo cabe nas EMOÇÕES BARATAS. Dificuldades na relação, problemas no amor, envolvimento insatisfatório, procura desenfreada, tudo pode ter fim em nossas EMOÇÕES. Gratuitamente.

Caso deseje usar a posta restante no jornal para receber as respostas, mande 300,00 para o serviço e todas as cartas lhe serão enviadas. O sigilo será mantido e seu endereço entrará com o Código EB-nº X.

Aí, abre coração... Cartas para EMOÇÕES BARATAS, Rua da Lapa, 180/504 — Rio de Janeiro, Cep. 20021. Vem me fazer feliz...

SEXO GRUPAL — Casal ligado nas pessoas, nas artes, na cultura e na vida, desfrutando bom relacionamento, deseja conhecer gente aberta e sensível, inteligente e disponível para abordar com seriedade a teoria e a prática do sexo grupal.

Alfa & Omega — Caixa Postal 296 — RJ Cep 20100

FUGITIVO DA RUA ALICE

— Então é a instantaneidade que prevalece? Um instante pode ser completo, mas outros podem gerar mais satisfações. Por que não? Não permita que o medo aprisione o afeto; eu não me faço prisioneira dele, afasto os fantasmas e em mim tudo se acende quando te vejo. Posso mostrar meu corpo, minhas marcas, minhas emoções. Necessidade ou desejo? Quero me enrolar com você nesses punhados de pelos e ir me misturando com sua pele. Espero você numa quinta feira no 1103.

Morena desejosa de Laranjeiras

ABRE, CORAÇÃO

— Coração Ralado, pelo que vi no número passado, a Loura de Libra não te merece. Esqueça-a, as librianas são sempre assim, divididas. Eu te prometo o céu, meu bem, e o meu amor também. (Tenho a coleção completa dos LPs do Roberto Carlos). Sei quem você é, saberás de mim. Profundamente, espero.

Taurina Fiel — Rio

SINAL ENTRE OS SEIOS

— Sabes que curto tudo em volta e bem acima e abaixo; detalhes de nós dois. Nossos desencontros não soterraram a admiração, o tesão e o afeto. Há mais coisas entre nós do que supõe a vã filosofia. Preservemos o espaço que precisamos para nossas vidas, mistérios sempre vão pintar pela aí. Nos veremos, você sabe...

Instinto de Vida — Rio

MOTOCICLISTA INESQUECÍVEL

— Onde é que nós estamos? Quem você pensa que eu sou, uma qualquer? Nossos sete anos de leito, a combinação de renda preta, os gemidos escondidos pela casa de seus pais, as mentirinhas para os namorados e namoradas, tudo jogado fora só porque você resolveu casar? Não aceito as desculpas de fide-

idade. Apareça, telefone, procure. Prometo sigilo.

Destruidora de Lares — Rio

MAIS UM POMBINHO NO CÉU TROPICAL

— Tanto carinho só poderia germinar a semente que há dois meses se protege em sua barriga, te tornando mulher, mãe e eterna namorada. Os beijos gostosos no rosto molhado de chuva, a cama temperada, a emoção de ser pai, tudo é motivo de gratidão, menina...

Eugênio Viola — Rio

VIZINHO DA ESQUINA

— Não adianta não, a nossa melhor postura para entendimento é a horizontal mesmo, né? Apesar dos pesares, do medo do retorno e tudo mais, apareça, a casa é sua. (Frequentemente, por favor)

Sandra, da Santa Cristina — Rio

RUSSINHA CHARMOSA

— Olga, você era russa mas não era comunista, isto sempre me deu o maior tesão. Sonhei com você, nós dois trepando na bandeira francesa — Bleu, blanc, rouge. Ah, sonhos liberais... Nunca mais nos vimos, abandonei o partido, entrei pro ramo comercial, sou o que pode se chamar de um homem bem sucedido. Posso dar a você o que desejares, mil viagens, luxo, amor. Falo sério. Minha cicatriz na sombrancelha é tua recordação. Topas?

Bolchevique Esperançoso — EB-06

OLHINHOS RASGADOS DE SAMPA

— Ser fiel não é ser exclusivo. Pensei que você fosse entender. Estou cheio de sede. "Quero saciar minha língua sedenta no poço de seu corpo". Ainda me lembro de sua voz, de seus gemidos, de seus olhinhos... A luz negra, o lençol e seus cabelos cheios de purpurina. E demais. Carioquinha pode ser abusado, mas é sincero, acredite. Te aguardo.

Linguinha — Rio

CASAL HOMO

— Preciso para processo de desinibição. Tenho vontades exageradas, mas até hoje me resguardei. Acredito que discutindo a relação com um casal, do meu ideal, tudo ficará melhor na minha cabeça e corpo. Disponho-me a ir mais adiante na relação, se não causar pro-

blemas, é claro. Sinceramente, aguardo comunicação.

Renan Paulista — EB-07

TODOS OS SEXOS

— Repito a dose, gostei da brincadeira. Três cartas, três amores. Sou aventureiro e quero é mais. E aviso novamente: não distingo sexo, topo qualquer parada, meu negócio é prazer. Se quiseres arriscar prometo recompensas. Absolutamente sigiloso. Goze comigo. Minha posta restante é cativa, se estiveres sozinho, lembres de meu número 04. EU SOU GOSTOSO.

Rei do Pecado — EB-04

VOCE VAI CASAR?

— Duda, me contaram essa, que é com papel assinado, que vais montar casa, com enceradeira e tudo, que seu horário agora é marcado. Nunca pensei, não suporto pensar que não fui mulher bastante para te tirar deste caminho. Mas a gente vai se encontrar por aí, bebendo cerveja. Espero estar bem linda e bem acompanhada. Verás a cara que você merece. Ah, como esquecer de nossos momentos na barca Rio-Niterói. Estou baratinada.

Faca no Peto — Rio

AI... PROFESSOR!

— Saudades (muitas). Do colchão no quarto do bebê, de mordidas de dentinhos separados, de papos, cerveja e pizza fria. Adorei o telefonema e espero a visita. Se os compromissos e/ou os grilos não te deixarem chegar às margens da Ipiranga, telefone ou escreva. Beijos estrelados.

Geminiana Telmosa — EB-08 — Rio

NEW YORK, NEW YORK

— E não é que eu tava tão bonza, tão, ainda aqui no Rio, que fui embora sem te dizer que foi ótimo? Pena que eu tive que vir logo para cá, mas guardei lindas lembranças de S. Paulo. Apareça, viu? Beijos, beijos e beijos.

Jornaleira Saudosa — Rio

ZE BUXUDO TESUDO

— O mais gostoso do "pedaço". Alisa mansinho, tem cheirinho d'água. Ai que voz... e é um tremendo gato em qualquer hora e onde pintar. Ei, Ze, já virei minha cartola e não safram coelhos nem pombos, mas tô eu aqui, inteirinha, procê. Tome uma atitude home-de-deus!

B. Beta — A Mágica — Recife

Uma floresta de elogios da poeta Marilza. Melhor nós não agüentamos...

— Uma nova Rádice, raiz-força que chega, saindo viva de todos vocês — arvoredo frondoso — e todas as raízes possíveis invadindo nossa comodidade e nos desafiando a pensar, parir pensamentos, imagens, reações, brotações, florações e, quem sabe, novos arvoredos... (...) "Seguem uns textos que nós, da Associação de Mulheres de MT produzimos e divulgamos, pelo companheirismo consciente (homem-mulher) democrático, comunitário. Canto aceso revirando as entranhas de cada ser humano que deseja ver..."

Marilza Ribeiro — Cuiabá

Gorete, a do PMDB, dá um pau no Luta & Prazer e não refresca, vem de Vossa Senhoria, fita magnética e preocupação científica. AI...

— Com relação a entrevista que concedi a este jornal, gostaria de solicitar a correção pública — conforme direito que me é garantido pela lei de imprensa por parte de V.Sa., de trechos da entrevista que foram adulterados com resultados que considero ofensivos e lesivos à minha pessoa.

Em primeiro lugar quero colocar minha perplexidade diante do fato de haver sido inserida minha entrevista em matéria intitulada "Como a esquerda vai pra cama", na medida em que em nenhum momento da entrevista me situei ideologicamente, tendo apenas e somente salientado minha condição de pessoa que participa ativamente da luta do povo brasileiro pela conquista de uma sociedade democrática.

Rejeito a caracterização de "Brigadista do Hora do Povo", na medida em que este tipo de vinculação foi sequer discutido em qualquer momento da entrevista, e se houvesse sido, não teria por mim assumido, embora reputo o referido semanário entre os melhores e mais sinceros publicados no país.

Por fim, repudio a deturpada afirmação do redator da matéria de que me relaciono sexualmente somente com militantes do PMDB. Conforme pode ser verificado em sua fita magnética em vosso poder, minha afirmação é a de que é natural que uma pessoa se relacione sexualmente com pessoas de seu ciclo de relacionamento social.

O estreitamento de meu ciclo de relacionamento social aos membros do PMDB é elocubração maliciosa e deturpada do redator da referida matéria.

Por fim, gostaria de colocar minha decepção com a falta de seriedade e de preocupação científica, discrepantes do conceito que fazia da equipe responsável por esta publicação."

Maria Gorete Alres Moreira Fraga — Rio.

NOTA DA REDAÇÃO.

Maria Gorete, tudo bem, continue reputando. Nós aqui não somos nem sérios, nem científicos, mas não adulteramos trechos de entrevista. A famosa fita magnética está à disposição. Quanto ao brigadismo e ao fato de termos colocado você na matéria da esquerda, podemos nos retratar, para a lei de imprensa se acalmar: ELA NÃO É BRIGADISTA, NEM DE ESQUERDA!

Inácio, é desempenhando que a gente se entende. Beijos. A Assinatura está seguindo.

— Cordiais saudações. Li o novo jornal LUTA & PRAZER e gostei! Profundo, crítico e, sobretudo, prazeroso para ler! Parabéns pelo bom lançamento."

Inácio Bueno — São Paulo.

Cleonice, pára, assim você nos deixa loucos, loucos...

— "O jornal está mais que ótimo, maravilha, sensacional! Quero continuar com vocês na LUTA E NO PRAZER!!! Beijocas mil para todos."

Cleonice Peçanha — Ribeirão Preto — SP

Rick, a carta tava bonita, mas grande. O final diz bastante de suas idéias. Obrigado pela parte que nos toca.

— "Temos que preparar o terreno; esse sistema comercial capitalista não serve, nele predomina a lógica autoritária e a falsidade das relações comerciais. Os espaços que surgem nesse sistema matam as flores. Por excesso de fertilizantes industriais e comerciais. Há um novo caminho que deve ser



traçado com carinho. Luta e Prazer. Por cada um. Rádice. Radical opção pela vida."

Rick — Brasília.

Caesar Sobreira foi processado pela faculdade, mas absolvido pelos seres humanos. Brivaldo manda carta de adesão ao movimento "Dai a Caesar o que é de Caesar." Viva o tesão!

— "Estava assistindo minha aula de Psicologia quando comecei a sentir um tremendo embrulho no estômago. Saí no pique e entrei no sanitário com uma vontade louca de satisfazer meu fisiológico.

Lá chegando, despi-me às pressas e pus-me na posição social sobre o calice sanitário. Ali pude fazer uma das terapias mais baratas: a catarse orgânico-psico-fisiológica.

O mais interessante é que, ao terminar todo o transe pelo qual havia passado, esquecera de levar o papel e em torno do WC nada existia para proporcionar asseio às áreas afetadas pelos excretos gastro-enterológicos.

Lembrei-me então que no bolso tinha algum papel. Dei de cara com dois papéis distintos: O Histórico Escolar do semestre e a "Carta Aberta" do colega de curso Caesar Sobreira.

Naquela situação, um dos documentos deveria ser utilizado para fazer a limpeza. Fiquei sem saber qual dos dois utilizaria. Depois de pensar, resolvi ler a "Carta Aberta", que nem sabia de que se tratava. Após a leitura, confesso que fiquei horrorizado.

Não me contentei com a postura imatura, tirânica, perseguidora e até mesmo aberrante dos que fazem a alta cúpula da UNICAP, tratando a poesia do Caesar ("Memorial Político") como sendo uma afronta à moral cristã e aos bons costumes. Fiquei estupefato diante da "inocência" dessa gente. O Caesar foi punido por dizer alguns palavrões abertamente. Que interessante, que esplêndido! (...) Descontentei-me também com um "bando de colegas" que desencadearam um abaixo assinado solicitando providências para a punição do colega Caesar, o que, para regozijo deles, aconteceu. (...) Os "colegas" que tiveram e têm tamanho repúdio pelo Caesar, se dizem apolíticos, quando, na realidade, usufruem dos gritos ecoados pelos colegas políticos. É como diz o Roberto Freire: "Quem não tem forças para lutar, parasita a força e a luta dos outros."

Concluindo o que falava acerca do sanitário, resolvi limpar-me com o Histórico Escolar, pois o mesmo não faz de ninguém boa gente nem tampouco psicólogo. E resolvi guardar a "Carta Aberta", do amigo Caesar, porque ela contém poesia e poesia faz o homem, faz a vida.

Não sou nenhum Mecnas, mas curto a poesia e gosto de conversar e proteger tudo o que for arte. O meu apelo é que Caesar Sobreira siga sempre gritando. "SOLTEM MINH'AORTA/ABRAM ESSA SENZALA/MEU PULSO NINGUEM CORTA E NEM ME VETAM A FALA"

Brivaldo Alves — Recife

Estan, de Belô, faz uma avaliação do L&P nº 1 e abre o jogo: — Pelas pontas, quem correu bem foi o Jorge Velloso.

— "No jogo nº 1, o meio de campo embalou um pouco. A capa quase boa, mas a diagramação escoregou de vez em quando. Faltou um craque, digo uma puta matéria de peso. A equipe conversou muito entre si e esqueceu a platéia. Jorge Velloso gritou com os outros jogadores dirigindo paralelamente à massa (E você...). No todo, marcou-se um belo gol. Abraços."

Estanislau - BH

espalhafato

APRENDENDO A AJUDAR

Um dos problemas mais sérios para quem se propõe, numa sociedade como a nossa, a fazer coisas bonitas, íntegras, alternativas, é o de chegar até as pessoas que dão valor e querem essas coisas. O pessoal que foi para o campo e planta com adubos orgânicos e muito carinho, reclama que não tem canais de colocação de seus produtos. E é levado a comercializá-los com atravessadores por preços aviltantes, que são multiplicados ao extremo e chegam proibitivos à população. Do lado do consumidor, portanto, a dificuldade é a mesma, sendo quase impossível achar os produtos que se quer a um preço razoável. Enfim, todos saem perdendo, menos os que pouco fazem e, assim, muito ganham.

Mas as coisas estão mudando aos poucos e a colaboração de todos é necessária. Aprender a ajudar é a primeira tarefa.



LUTA E PRAZER PARA TODOS

Este toque de cima é importante também para nós, da nova imprensa. Fazemos um produto reconhecidamente importante. Fazemos com muito carinho, com todo o trabalho e esforço imaginável, enfrentando mil dificuldades, derrubando milhares de barreiras. E quando vemos prontos nossos jornais, o que acontece? Pouca gente tem possibilidade de vê-los.

O problema da distribuição é pra lá de sério e, depois dos atentados terroristas às bancas de jornais, agravou-se em demasia. Jornalheiros não querem pegar os tablóides, quando os pegam não os expõem, não dão nem um pedaço da força que oferecem às publicações das grandes editoras, que têm recursos para anúncios na TV e verbas para brindes e bugigangas.

Aprender a ajudar é o primeiro passo. De nossa parte, vamos dar o toque de algumas

coisas fáceis que ajudarão demais na manutenção e crescimento do nosso LUTA & PRAZER. O toque é extensivo a quem quiser dar uma força para todos os jornais. É só mudar o nome e mandar brasa. Da para fazer mais de um de cada vez.

1. Peça nas bancas o LUTA & PRAZER e o jornaleiro, se não o tiver apanhado na distribuidora, agora talvez o faça, se a quantidade de pedidos for suficiente para gravar o nome em sua memória.

2. Muitas vezes não é o jornaleiro quem vai na distribuidora, mas seu capataz, então o toque é para que ele peça ao encarregado para apanhar um reparte.

3. Pedir para que ele exponha legal o jornal. Ter na banca, no lugar conhecido como "geladeira", é quase o mesmo que não ter.

4. Mesmo que você já tenha a edição, continue a pedir nas bancas onde o jornal não está exposto. Caso ele tire da geladeira, diga que você já tem este número, e queria o seguinte. Peça exposição.

5. Divulge o jornal para amigos, dê o toque que ele existe, faça força com a gente para que ele continue cada vez mais vivo.

6. Se dispuser de algum sobrando, faça uma assinatura, a força aí é total.

Em suma, assumo o jornal, entre no mutirão que vencerá na prática as muralhas do preconceito e as bombas do terror. Fazemos jornal para quem nos lê, não para quem nos anuncia. Precisamos e queremos o seu apoio. Contamos com ele. Passe à frente essas informações, até a ponta do barco, que, temos certeza, é o mesmo.

TODOS DO LUTA & PRAZER



ABORTO SÓ PARA VIRGENS

No Brasil, a mulher que engrávida em consequência de estupro, pode abortar sem que seja punida pela legislação penal. Isto está previsto no Código Penal, artigo 128, inciso 2. Mas na prática a história é bem outra. A mulher é currada pelo tarado e humilhada nas delegacias e IMLs! Se depois disso tudo, ainda tiver peito para levar seus direitos adiante, fica à mercê de juizes que, talvez por nunca terem sido estuprados, fantasiam mil desculpas que vão desde a clássica "insuficiência de provas" até absurdos maiores

como "a mulher provocou ou quis".

Dentre esses juizes, que são centenas, um merece especial destaque: o Juiz William Silvestrini, da cidade de Contagem, Minas. Este senhor, ao menos, foi mais original. Negou autorização para que Edna Pereira dos Santos, assaltada e currada em sua casa, abortasse legalmente. Para tanto, inventou uma tal de "insuficiência de provas contundentes" de que houve estupro. Segundo ele, a constatação de espermatozoides no corpo de Edna não provam nada. O meretríssimo entende por "provas contundentes" o fato de a vítima ser menor, virgem e de "boa família". Como Edna tem 21 anos, vive há mais de um ano com seu companheiro sem ser casada e reside num barracão...

Nem a atual legislação sobre o aborto, já por si uma violência contra a mulher, é cumprida pelos juizes. Homens e leis decidindo sobre algo que se passa com seu corpo. O caso de Edna, que vai ter um filho do homem que a assaltou e currou, é apenas um. Quantas Ednas mais não foram curradas? Quantas não morreram ao tentar abortar sem as mínimas condições de higiene? Quantas? Que não são virgens, menores e de "boa família", mas apenas mulheres.

AMANDA STRAUZ



TRAGAM A POLUIÇÃO PARA CÁ

Este anúncio, publicado há anos atrás pelo governo do estado de Mato Grosso começa a dar seus primeiros frutos: a morte de 12 cabeças de gado, quatro lontras, duas capivaras e grande quantidade de peixes num espaço de 4 dias, devido a um vazamento de vinhoto da usina de álcool

R.S. S/A, localizada perto de Campo Grande.

Teme-se que a mortandade de peixes possa alcançar proporções alarmantes, pois a época coincide como início da Piracema, o movimento de milhões de peixes que sobem os rios para desovar em suas cabeceiras. Os primeiros cardumes que começaram a subir os rios estão morrendo sufocados.

Os efeitos desastrosos do vinhoto podem durar meses — sofre transformações por ser matéria orgânica e, misturado com outros elementos químicos, torna-se ultravenenoso. O preservacionista Nelson Martins descreve o processo da morte: "As bactérias existentes no vinhoto, ao encontrarem oxigênio em abundância nos rios e córregos, procriam assustadoramente, e ainda mais no corpo dos animais, onde retiram oxigênio do sangue, encontrando fartura de alimento. Daí, a consequente e ligeira morte dos animais."

Alcool e vida para nossos carros, vinhoto e morte para nossos animais, o capitalismo selvagem já fez sua opção.

CÊ RALPH

HAJA RINS, OLHOS E ... SACO

Não tem mais nada para consumirmos? Tem, tem sim, ô nós aqui. É só pegar o jornal de domingo e ver a curiosa coluna de notas sociais ou de diversos. Rins, olhos, sexo, companhia, tudo à venda... até em módicas prestações. Em vez de se pesquisar como prevenir doenças — prevenção implica em denunciar as causas sociais — a medicina caminha para o comércio de órgãos. Remediar... remediar... sociedade de fariseus. Daqui a pouco nego tá vendendo até o saco, e não é o do Papai Noel não...

EUGÊNIO MARER

ESQUIZOFRENIA NATURAL

Falar em medicina de consumo, é bom botar o dedo na ferida e mexer bem. Vou dar um exemplo: o que fazem em nossos hospitais quando alguém "pira"? Tacam um monte de drogas químicas, camisas de força, dão choques, ou seja, toda uma parafernália de máquinas e remédios que tem a ver com a desvalorização do poder pessoal de ajuda e cura.

Em um Instituto Psiquiátrico de outro país — não digo o nome

não porque não interessa, o que interessa é o que fizeram — obtiveram um tremendo sucesso no tratamento de esquizofrenia e paranóia apenas com... jejum, alimentação sem produtos químicos e exercícios. Querem números? Observou-se que este tratamento foi eficiente em mais de 64% dos casos de esquizofrenia de longa duração; 47% dos pacientes acompanhados durante os seis anos seguintes mantiveram sua melhora. Aqueles que voltaram a uma dieta de altas proteínas recaíram em seu estado anterior. Os efeitos máximos foram observados 2 a 3 meses depois de retomar a alimentação prescrita. Os que a continuaram não apresentaram recorrência de seus sintomas.

E aí — se começarem a tratar as pessoas assim — quem vai comprar remédio? Aí, a coisa fica feia...

EUGÊNIO MARER



RÁ, RÁ, RÁ

Não dou risada em cidade grande. É mais fácil pensar que rio dos outros do que para os outros. E neste último caso, tem o que se segue:

Se rio para homem casado é que "o bicha não respeita nem aliança."

Se rio para homem solteiro, ele já me xinga de viado.

Se dou risada para mulher casada, ela me xinga de atrevido. Se estiver acompanhada, o cara me bate.

Se rio para mulher solteira, ela diz que não é qualquer uma e que já estou abusando.

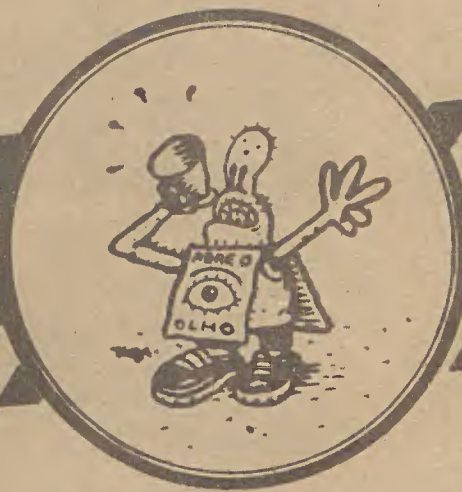
Se a risada é para uma menininha, sou maniaco sexual. Posso ter uma lesão no lóbulo frontal e cuidado, porque quero estuprá-la.

Se rio para um garotinho, aí sou acusado de querer desviá-lo sexualmente.

Se dou risada sozinho, estou ficando bobo ou maluco e meu lugar é no hospício.

Resta ficar rindo em frente à televisão, trancado no apartamento, e sentir-me ridículo por estar rindo sozinho, pois já foi o tempo em que rir para os outros era sinal de simpatia.

MARCIMEDES /SP



ATÉ QUANDO, Ô PSICANÁLISE?...

A psicanálise, mesmo em crise, ainda cria problemas. Quem mostrou isso foi a fatídica Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), que fechou suas portas a alguns de seus associados — os considerados “progressistas” do Fórum — pelo fato de terem convidado Hêlio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas, expulsos meses atrás pela mesma sociedade, para um debate sobre a falta de democracia na instituição. Fecharam as portas literalmente, com cadeado e cão de guarda; resultado: as vítimas desse “absurdo psicanalítico” tiveram que fazer sua reunião na rua e foi trágico ver aqueles homens sóbrios e bem vestidos, no frio, conversando entre si por meio de megafones. Mas a SPRJ se deu mal mais uma vez, pois a manifestação contou com ampla cobertura da imprensa que deu uma dimensão que o fato não teria, se não houvesse a proibição. Na verdade, mesmo, naquele aglomerado de gente tinha mais jornalistas e fotógrafos do que psicanalistas.

Além da imprensa, outras pessoas também se interessaram pelo acontecimento, como o sr. Lúcio Pereira, pintor de paredes de 38 anos, que se encostou do meu lado e puxou papo: “o movimento aí é pouco, mas hoje tá diferente... eu tava ali no boteco tomando umas e outras e vim ver o que tava acontecendo, pensei que fosse gravação de novela... Parece que o negócio é que não deixam esses homens entrarem aí no clube, e parecem gente rica... Se fosse comigo eu não tava nem aí, tou cheio de grana? abro um clube com meus camaradinhos e ainda curto em cima.” Seu Lúcio tava bem tocado e curti o movimento inusitado da pacata rua, com as câmeras de televisão, luzes, artistas. Identificou Cristiane Tortoni, a quem chamou pelo nome do personagem da novela, e foi em frente, discorrendo sobre os uísques que tomariam, as mulheres que entrariam no seu clube, se tivesse aquela grana que imaginava no bolso dos psicanalistas. Saí de fininho na altura da construção da piscina e fui conversar com algum psicanalista. Afinal, o clube era também deles.

Cruzei com Joel Birmam e fui direto ao assunto: “Por que vocês, ao invés de ficarem se desgastando com uma intuição falida como essa não criam uma outra sociedade livre e demo-

crática?” Ao que ele me respondeu: “O nosso movimento está ficando forte e sua virtude está exatamente em tentar agrupar e ocupar esse espaço de discussão. Questionamos mais do que o poder imediato, questionamos a própria estruturação do poder psicanalítico.”

Com este depoimento, chegamos ao final de mais um episódio da novela “Até quando, Psicanálise”. A seguir, cenas do próximo capítulo.

DAU BASTOS

TE ABANDONAREI PORQUE NÃO SATISFAZES OS MEUS CAPRICHOS

Capítulo 342. A SPRJ tem 72 membros. Cinquenta são associados e não têm direito a voto; só votam 22, os efetivos. Desses, 20 são os didatas, vulgos “barrões”, que têm clientela garantida, grana idem e pouca cintura. Neste quartel são cinco os graus hierárquicos: candidato, egresso, associado, efetivo e didata. Nesta última qualificação, ainda constam as estrelas, de uma a quatro, que são apostas no quêpi. Dos 72 sócios, 42 apóiam o Fórum — este que se reúne em frente ao boteco do seu Lúcio. Como são maioria absoluta, não têm nenhum poder, claro.

Cena 2 (aumenta a emocionalidade, drama). O que é simples nos supera, já dizia Camus. E as mentes psicanalíticas, tão complexas, parecem não ver o que está simplesmente na frente do nariz. De minha parte, tenho a declarar que vivi minha juventude numa ditadura não por opção, mas por imposição. E que não entendo e não confio em pessoas que vivem neste estado de autoritarismo por escolha pessoal. Porra, ficar nesse clube de 72 pessoas, com uma hierarquia fascista, sujeito a expulsões, suspensões, puxões de orelha, reprimendas e cartões, e ainda por cima sem piscina, é demais. Eu não boto minha cabeça num divã de quem faz uma opção dessas, de jeito nenhum. Rompi com meu barbeiro por muito menos! E quero saber de uma coisa: encheu o saco, vou mudar de canal.

(fecha em close, aumenta a música, clarins ao fundo). **Comerciais.**

CÊ RALPH

CRIANCINHAS ALICIADAS

Falar em consumo é falar em mercado; falar em mercado, é bom falar de um dos mais rentáveis: o da credence popular. Agora tá todo mundo apedrejando a seita do Moon porque eles aliciam criancinhas de 18 anos. Bom... quero dar meu testemunho: fui aliciado com um mês de idade, sem me perguntarem nada (eu nem sabia falar), me inscreveram numa seita estranha que tem sua sede no estrangeiro e um homem a comandá-la cheio de guarda-costas. Eu fui iniciado com água e sal no meu rosto. De que eu estou falando? Da religião católica, em que todos nós ingressamos sem pedir. Não vamos esquecer que jovens de 12 anos são mandados para seminários quando não têm a mínima possibilidade de saber o que querem ser. Ora ora minha gente, briga de mercado. Mais uma multinacional entrando na praça...

EUGÊNIO MARER

SUBA NESTE PALCO

Numa das vezes que Franco Basaglia esteve em Beagã disse assim: “sou como um menestrel medieval que percorre as aldeias e vai embora. É necessário que, quando eu partir, o palco não fique vazio.” No entanto, os diretores de seis clínicas psiquiátricas particulares da cidade, fazem gato e sapato para manter em retrocesso o movimento em saúde mental deflagrado com as vindas de Basaglia. A última que estão aprontando é um processo baseado no código de ética médica contra o psiquiatra Antônio Soares Simone. O motivo: declarações que Simone fez ao “Estado de Minas” em janeiro último. O mais estranho é que ela não falou nenhuma novidade. Todas as críticas que fez às instituições psiquiátricas já eram conhecidas antigas dos leitores. Dando nome aos bois, são os diretores das seguintes clínicas que instauraram o processo: Casa de Saúde Santa Clara, Casa de Saúde Santa Maria, Centro Terapêutico e Comunitário Santa Margarida, Clínica Pinel S/A, Clínica Serra Verde, Hospital Espírita André Luiz.

LUIZA/BH

DESVIOS SEXUAIS DO INAMPS

Essa eu não sabia, e acho que pouca gente sabe: o Código de Saúde do INAMPS classifica o homossexualismo como “desvio e transtorno sexual”. Não é brincadeira, não. Está no parágrafo 302.0. Até mesmo o presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, Dr. Marcos Toledo, já declarou em congressos e similares que “homossexualismo não é doença mental”, mas o INAMPS teima e insiste.

Para combater essa regulamentação absurda, digna das “marchadeiras”, o Grupo Gay da Bahia está divulgando um abaixo-assinado que está correndo o Brasil todo. “Impossível que só as famigeradas ‘mulheres de Santana’ é que consigam 100 mil assinaturas ‘contra a libertinagem’ — dizem eles.

Quem quiser colaborar na campanha, pode copiar o cabeçalho numa folha em branco e depois de completo, enviar para: GRUPO GAY DA BAHIA — Caixa Postal 2552. CEP 40.000, Salvador, Bahia. O cabeçalho é o seguinte:

“Nós, abaixo assinados, exigimos a exclusão imediata do Parágrafo 302.0 do Código de Saúde do INAMPS, que rotula o homossexualismo como “desvio e transtorno sexual”. Exigimos também que a Constituição garanta a livre opção sexual dos cidadãos, condenando a discriminação sexual da mesma forma como deve punir a discriminação racial.”

AMANDA STRAUZ

CADA COISA EM SEU LUGAR

Você costuma levar plantas ou animais de um lugar para outro muito diferente? Eduardo Rapoport, um biólogo argentino, acha que isso não é legal. Segundo ele, “... quando alguém introduz uma espécie estranha em um ambiente, sempre há uma espécie nativa que paga o pato. As que sofrem são as mais débeis, as menos agressivas. Há dados para assegurar que praticamente a cada espécie que introduzimos em um ecossistema, uma espécie autóctone tem que sair. Assim, um país vai perdendo sua riqueza genética, o que é uma perda para seu acervo cultural. Já que não somente a música, a escultura ou a poesia formam este acervo, mas também a paisagem. Ou seja, as plantas, as montanhas, os rios, os animais. Tudo isso constitui um país. E pertence a todos ou a ninguém”.

E completou: “Um mestre espiritual disse que a perfeição reside em que cada coisa esteja em seu lugar. E eu creio firmemente que se trata de uma grande verdade. Os indígenas do norte da África não pensam em transformar a paisagem ou semeá-la com coisas raríssimas. Vivem naquela paisagem e não a questionam. Cada coisa em seu lugar. O templo de Luxor, no Egito, tem uma beleza especial, associada ao lugar onde foi erguido. Mas se eu o traço e ponho na Plaza Constitución, isso é uma tolice. Tudo é questão de respeito e amor. E amor significa admiração pela obra da natureza. Algumas pessoas consideram um bosque mais bonito que uma pradaria, e esta, mais bela que um deserto. Mas um ecólogo que entende a beleza da natureza está muito próximo, embora em outro sentido, do santo ou do místico, que sente um profundo respeito pela obra natural. O deserto transborda de vida, de plantas e animais incríveis que desenvolveram qualidades especiais, ao longo de milhares de milênios, para poderem adaptar-se a condições extremas. Basta saber conviver com eles. Quando se conhece um deserto, pode-se amá-lo e achá-lo tão pleno de beleza como um bosque”.

Sei que a opinião de Rapoport, ao condenar um ato tão “inocente, pode causar polémica. Mas, ante seu modo de defender a existência de um lugar para cada animal ou planta, eu me confesso impressionado. E fico pensando se cada pessoa, também, não possui seu próprio lugar existencial.

MARCOS MOREIRA

BOM NEGÓCIO

A Previdência tá falida!!! Rararara. No mesmo dia em que saía esta notícia nos grandes jornais, passava quase despercebida a notícia da constituição de mais uma empresa voltada para a previdência — esta do Banco Bradesco. Vocês já viram Banco montar empresa em mercado falido? Isso é safadeza. Querem entregar a Previdência para os particulares assim como a Educação... Aí ficam forjando crises, criando cabides de emprego, jogando dinheiro fora. O povo tá ficando cansado e eu é que não quero táqui quando tiver o estouro da boiada...

EUGÊNIO MARER

raídice
LUTA & PRAZER



AMAR É DIVIDIR

FOTO LUIZ KELLER